

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

NÍVEL MESTRADO

QUÉSIA KATÚSCIA GASPARETTO DE SOUZA

**A BELA ROSA E SEUS ESPINHOS: SEMEANDO A PRESERVAÇÃO DO BAIRRO
HAMBURGO VELHO (1970-1980)**

SÃO LEOPOLDO

2018

QUÉSIA KATÚSCIA GASPARETTO DE SOUZA

**A BELA ROSA E SEUS ESPINHOS: SEMEANDO A PRESERVAÇÃO DO BAIRRO
HAMBURGO VELHO (1970-1980)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos–UNISINOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio Witt

SÃO LEOPOLDO

2018

S729b

Souza, Quésia Katúscia Gasparetto de.

A bela rosa e seus espinhos: semeando a preservação do bairro Hamburgo Velho (1970-1980) / Quésia Katúscia Gasparetto de Souza. – 2018.

122 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, 2018.

“Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio Witt.”

1. Patrimônio cultural – Proteção – Novo Hamburgo (RS). 2. Colonização. 3. Memória. I. Título.

CDU 981.65

QUÉSIA KATÚSCIA GASPARETTO DE SOUZA

**A BELA ROSA E SEUS ESPINHOS: SEMEANDO A PRESERVAÇÃO DO BAIRRO
HAMBURGO VELHO (1970-1980)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos– UNISINOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio Witt

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS

Prof. Dra. Isabel Cristina Arendt – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Prof. Dra. Dalva Neraci Reinheimer– Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Sonia Inês Siegle Gasparetto e Agenor Gasparetto por me mostrarem desde pequena a importância do estudo. Através de seus exemplos e ações despertaram em mim o gosto pela docência. Na infância, ao acompanhá-los nas suas respectivas escolas, observava o amor deles por essa profissão e o carinho com o bairro Hamburgo Velho. Estão sempre me estimulando e são meu suporte e apoio incondicional. Sou eternamente grata, em particular à minha mãe que contribuiu significativamente neste trabalho com sugestões.

Ao meu irmão, Maximiliano Jeison Gasparetto, e aos meus avós, Hélio Mário Siegle (*in memoriam*) e Ruth Norma Siegle, pelas belas lembranças que vivi e vivo nesse bairro. As recordações vividas em família trazem boas lembranças que me definem.

Ao bairro Hamburgo Velho, com sua nostalgia histórica e casarões que despertaram em mim o gosto pela história.

Ao meu marido, Carlos Adriano de Souza, que sempre me incentivou a realizar o mestrado. Sem suas palavras de incentivo, paciência e insistência este trabalho não seria feito. Obrigada pelo companheirismo e por estar ao meu lado, torcendo por mim e trilhando uma vida a dois, muito obrigada!

Agradeço ao *Fundo Padre Theobaldo Frantz* que me proporcionou, através de uma bolsa de estudos, desenvolver meu trabalho de pesquisa no mestrado. Ao longo dessa caminhada, como mestranda, agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e a todo o corpo docente pela seleção do referencial teórico ofertado em suas disciplinas que, de alguma forma, me auxiliaram a desenvolver teoricamente a temática deste trabalho para além do âmbito acadêmico.

Agradeço à professora Dra. Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos, pois pude assistir a algumas de suas palestras sobre patrimônio, enquanto estava fazendo minha graduação, em meados da década de 2000, e que, gentilmente, compartilhou seus conhecimentos comigo também no mestrado. Com ela tive a oportunidade de aprofundar meu conhecimento sobre memória, identidade e patrimônio. À professora Dra. Isabel Cristina Arendt que me presenteou com seu curso de Preservação e Conservação do Patrimônio Histórico em 2011. Ela me ensinou conceitos, a evolução dos agentes de destruição documental e procedimentos de segurança. Nesse curso, realizado pela Unisinos, aprendi a ter um olhar mais técnico em relação ao acervo e à reserva técnica, podendo aplicar esses conhecimentos nos museus que trabalho. Vocês, professoras, que já cruzaram o meu caminho

acadêmico no passado e, gentilmente, aceitaram participar da Banca de Qualificação com leitura criteriosa e apontamentos, contribuíram na construção deste trabalho. Agradeço também a professora Dalva Reinheimer por aceitar compor a banca de defesa. Obrigada!

Ao professor Dr. Marcos Antônio Witt que gentilmente me acolheu na Unisinos como orientador. Suas sugestões e apontamentos foram de suma importância ao longo dessa caminhada. Agradeço pela confiança depositada em mim. Seu conhecimento sobre a imigração alemã no Vale dos Sinos contribuiu, também, na minha formação enquanto historiadora. Adquiri novos conhecimentos sobre esse tema que contribuem diariamente como historiadora e pesquisadora no Museu Comunitário Casa Schmitt Presser (Museu de História) e na Fundação Ernesto Frederico Scheffel (Museu de Arte).

Aos colegas e amigos da Fundação Ernesto Frederico Scheffel pela compreensão e palavras de incentivo e calma ao longo da construção deste trabalho. Em particular ao curador, Jorge Angelo Reinheimer, que, há dez anos, confia no meu trabalho como historiadora nessa instituição e, sempre cordialmente e de modo prestativo, contribuiu na elaboração deste trabalho com ideias, materiais e entrevistas.

Ao artista Ernesto Frederico Scheffel (*in memoriam*) que, atencioso e amável, compartilhou comigo conversas sobre arte, cultura e história na Fundação que denomina seu nome. Me sensibilizou, através de seus sonhos, a idealizar e a lutar pela preservação do bairro Hamburgo Velho, que me inspiraram na escolha deste tema.

Agradeço também à historiadora Angela Tereza Sperb que gentilmente compartilhou comigo uma parte de sua história, concedendo entrevista e materiais que enriqueceram, e muito, este trabalho. Seus sonhos e ambições para o bairro Hamburgo Velho são inspiradores.

Agradeço também a todos os entrevistados que, atenciosamente, cederam seu tempo e memórias. Destaco os moradores Jorge Ondere Filho, Jorge Ondere Júnior, Carmen Hofmann Haas, entre outros, e Gilberto Winter, membro do movimento preservacionista, que sempre muito disposto e prestativo, concedeu-me entrevista e disponibilizou diversos materiais e fotografias que enriqueceram este trabalho.

Finalizo os agradecimentos às amigas Maíne Barbosa Lopes e Tatiane de Lima por partilharem comigo seus conhecimentos e pela ajuda sempre que necessária no mestrado. E a amiga Melina Wasem pela disposição em corrigir este trabalho.

Minha eterna gratidão a todos os envolvidos!

“Voltar ao passado é alimentar o presente e semear o futuro”.

(Diva Walzer Kuhn, 2016)

HAMBURGER BERG

Um lugar incomum, bom
Com casas carinhosas
aconchegantes
cheias de rosas ao redor
Tudo ali, fora dos prédios
No meio um lugar cheio
De remédios para os tédios
Da cidade
Lugar indescritível, sensível
Faz estacionar no patamar
realizável
Amar a criança, o novo e o
velho
Este local é Hamburgo Velho

Dênis Dapper da Cunha

RESUMO

A presente dissertação tem como objeto de investigação a preservação do patrimônio histórico e cultural do bairro Hamburgo Velho, localizado no município de Novo Hamburgo, Estado do Rio Grande do Sul. Analisa as articulações existentes entre memória, políticas públicas, patrimônio e a identidade da colonização alemã no bairro histórico de Hamburgo Velho, fazendo uso da história oral. Investiga as ações da comunidade em preservar o bairro a partir das comemorações do Sesquicentenário da Imigração Alemã no estado, em 1974. O artista plástico Ernesto Frederico Scheffel participa dessa exposição, e a partir dessa festividade, e juntamente com membros da comunidade, articulam-se em prol da preservação do conjunto arquitetônico e da história de Hamburgo Velho, ao longo das décadas de 1970 e 1980, recorte temporal investigado neste trabalho. Seccional e conselhos são formados para discutir questões patrimoniais e ações, pois o poder público municipal carecia de políticas públicas, leis e órgãos de fiscalização. O Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho é criado em 1980 e, conforme esses se mobilizam, alianças são formadas. Opiniões e reações geram conflitos entre os moradores do bairro e o movimento preservacionista. Casas históricas são preservadas e usadas desde então como museus: Fundação Ernesto Frederico Scheffel (Museu de Arte) e Museu Comunitário Casa Schmitt Presser (Museu de História).

Palavras-chave: Patrimônio, Memória, Identidade, Hamburgo Velho, Novo Hamburgo

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to preserve the historical and cultural heritage of the Hamburg Velho district, located in the city of Novo Hamburgo, State of Rio Grande do Sul. It analyzes the existing links between memory, public policies, patrimony and the identity of colonization German in the historic quarter of Hamburgo Velho making use of oral history. It investigates the actions of the community in preserving the neighborhood from the commemorations of the Sesquicentenary of the German Immigration in the state in 1974. The plastic artist Ernesto Frederico Scheffel participates of this exhibition and from this festivity, together with members of the community articulate in favor of the preservation of the architectural set and the history of Hamburgo Velho throughout the decades of 1970 and 1980, temporal cut investigated in this work. Sectional and councils are formed to discuss patrimonial issues and actions because the municipal public power lacked public policies, laws and oversight bodies. The Historical and Artistic Heritage Reclamation of Old Hamburg is created in 1980 and as these mobilize alliances are formed. Opinions and reactions generate conflicts between residents of the neighborhood versus the preservationist movement. Historical houses are preserved and used since then as museums: Ernesto Frederico Scheffel Foundation (Art Museum) and Casa Schmitt Presser Museum (Museum of History).

Keywords: Patrimony, Memory, Identity, Hamburgo Velho, Novo Hamburgo

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APLUB- Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil.

COMAHC- Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural.

FEFS- Fundação Ernesto Frederico Scheffel.

FENAC- Feira Nacional do Calçado.

IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

IPHAE- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul.

MDACG/ Sec. NH - Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho Seccional de Novo Hamburgo.

NH- Novo Hamburgo.

UNISINOS- Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

SESQUIBRAL- Sesquicentenário da Imigração Alemã no Brasil.

SICG- Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-Ministério da Cultura.

SPHAN- Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Scheffel no <i>stand</i> do grupo Strassburger na Sesquibral em 1974.....	32
Figura 2 – Litografia feita em 1865 representando <i>Hamburgerberg</i> – Hamburgo Velho	38
Figura 3 - Vista parcial do bairro Hamburgo Velho e sua estação de trem.....	41
Figura 4 – Destaque do calçamento da rua Marquês de Souza	43
Figura 5 – Fachada das casas históricas pertencentes a Johann Peter Schmitt (Atual Museu Comunitário Casa Schmitt Presser) e de Adão Adolfo Schmitt (atual Fundação Ernesto Frederico Scheffel) na rua General Daltro Filho no ano de 2009.	49
Figura 6 – Fotografias Externas e internas da casa nº911, localizada na rua General Daltro Filho, bairro Hamburgo Velho em meados da década de 1970, antes da sua restauração para abrigar o Museu de Arte Scheffel.....	54
Figura 7: Fotografia Externa e interna da casa nº911, localizada na rua General Daltro Filho, bairro Hamburgo Velho após a restauração da casa, abrigando o museu de arte Ernesto Frederico Scheffel.....	54
Figura 8- Almoço dos integrantes do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho na década de 1980.....	75
Figura 9 – Ação do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho	79
Figura 10- Casa Schmitt Presser no início da década de 1980.....	98

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Novo Hamburgo e Hamburgo Velho na década de 1940	41
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Locais de atuação do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho (1980 e 1981).....	76
Tabela 2 – Periódicos encontrados no acervo da Fundação Scheffel sobre Patrimônio Histórico em Novo Hamburgo na década de 1980.....	82
Tabela 3- Painéis organizados e apresentados pelos alunos da Faculdade de Arquitetura da Unisinos em 1982, na Fundação Ernesto Frederico Scheffel.....	87

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	8
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	9
LISTA DE FIGURAS.....	10
LISTA DE MAPAS.....	11
LISTA DE TABELAS.....	12
1 INTRODUÇÃO.....	14
2 NOVO HAMBURGO E HAMBURGO VELHO: EM DEFESA DA SUA MEMÓRIA E IDENTIDADE NA DÉCADA DE 1970.....	23
2.1 FESTEJOS DO SESQUICENTENÁRIO DA COLONIZAÇÃO ALEMÃ EM NOVO HAMBURGO	25
2.2. O POVOADO DE HAMBURGUERBERG, NÚCLEO INICIAL DA CIDADE DE NOVO HAMBURGO.....	34
2.3. HAMBURGO VELHO, PRIMEIRAS AÇÕES PRESERVACIONISTAS: Criação da Galeria de Arte Municipal.....	44
2.4. POLÍTICAS PÚBLICAS PRESERVACIONISTAS NO MUNICÍPIO DE NOVO HAMBURGO: Seccional do Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho e a preservação dos prédios históricos Schulhaus e a Casa Schmitt-Presser (Ex-loja Presser).....	57
3 HAMBURGO VELHO: ESTRATÉGIAS ADOTADAS PARA A SUA PRESERVAÇÃO NA DÉCADA DE 1980.....	66
3.1 MOVIMENTO DE RECUPERAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE HAMBURGO VELHO.....	69
3.2 PARCERIAS E AÇÕES DO MOVIMENTO DE RECUPERAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE HAMBURGO VELHO.....	81
3.3 INVENTARIANDO O PATRIMÔNIO EM HAMBURGO VELHO E PRESERVANDO A CASA SCHMITT PRESSER.....	89
3.4 DA ALEGRIA À AMARGURA, DA COMEMORAÇÃO À LAMÚRIA. DIVERGÊNCIA DE IDEIAS ENTRE OS MORADORES SOBRE A PRESERVAÇÃO DE HAMBURGO VELHO.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS.....	114

ANEXO I – DECRETO N° 157/74	118
ANEXO II – REPORTAGEM: NH INICIA A PRESERVAÇÃO DE SEUS PRÉDIOS ANTIGOS.....	119
ANEXO III- LEI MUNICIPAL N°44/77	120
ANEXO IV - REPORTAGEM: SCHEFFEL TEM PRONTO PROJETO PARA RESTAURAR DOIS PRÉDIOS.....	121
ANEXO V - REPORTAGEM: HAMBURGO VELHO, PATRIMÔNIO NACIONAL	122

1 INTRODUÇÃO

No início da década de 1970, o município de Novo Hamburgo, localizado no estado do Rio Grande do Sul, utiliza-se de um marco coletivo, o Sesquicentenário da Imigração Alemã, para valorizar sua história e justificar sua construção identitária. Como consequência desta festividade, alguns membros da comunidade, envolvidos na mesma, geram ações preservacionistas nesta década e na década subsequente. Esses estimulam a contribuição germânica e o conjunto arquitetônico do bairro histórico de Hamburgo Velho, assunto a ser investigado nesta dissertação.

Percebe-se que, conforme essa festividade se aproxima, diversos decretos municipais são criados para prestigiar os imigrantes. Destaca-se um trecho do Decreto municipal nº 131 de 21 de agosto de 1972:

1º que a 25 de julho de 1974 transcorrerá o Sesquicentenário da chegada ao Brasil do primeiro contingente de imigrantes alemães; 2º que Novo Hamburgo deve seu surgimento, seu crescimento e parte de sua atual vitalidade sócio econômico-cultural ao pioneirismo dos colonizadores germânicos. [...] 5º que Novo Hamburgo, para comemorar o Centenário da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, foi quem realizou a 1ª Feira - Exposição - Agro - Industrial do Estado; 6º que Novo Hamburgo se preocupa e se interessa pela preservação das tradições e costumes trazidos e cultivados pelos imigrantes alemães¹

Foram esses argumentos do prefeito municipal de Novo Hamburgo, Alceu Mosmann, que deram início a promoção do Sesquicentenário da Imigração Alemã no município, em 1974. Sobre o decreto acima, pode-se observar o discurso e as articulações por parte do poder público municipal em legitimar essa festa na localidade, sob o clima de valorização a contribuição germânica. Mas, conforme os meses passam, e essa festividade também, a atuação do poder público municipal em preservar suas tradições vão diminuindo.

O crescimento desenfreado no município, juntamente com a falta de políticas públicas de preservação do patrimônio local ameaçam a memória, a identidade e a história do bairro Hamburgo Velho após o Sesquicentenário da Imigração Alemã.

Como problemática norteadora desta dissertação, questiona-se: mesmo com a falta de políticas públicas no município, como foi possível preservar o patrimônio histórico edificado de Hamburgo Velho, ao longo das décadas de 1970 e 1980?

Para responder a esta indagação, apurou-se que a preservação desse bairro está relacionada à construção narrativa e identitária dos imigrantes alemães. Em diversos discursos

¹ No decorrer desta dissertação, o Decreto municipal nº 131, de 21 de agosto de 1972 será analisado em sua íntegra.

políticos, decretos e reportagens/notícias de jornais da região se evidencia a valorização, a cultura e o trabalho desempenhado pelos imigrantes alemães nesse bairro. A seguir, contextualiza-se o tema deste trabalho, a preservação do bairro Hamburgo Velho e a sua história.

Os imigrantes alemães chegam ao Vale dos Sinos em 25 de julho de 1824, e no município de Novo Hamburgo, diretamente ao bairro Hamburgo Velho, em novembro do mesmo ano. A localidade já denominada *Hamburgerberg*, começa a se estruturar por volta de 1830. Esses imigrantes se estabeleceram na atual Avenida General Daltro Filho, construindo casas e estabelecimentos comerciais próximos a confluência de estradas por onde passavam tropas que vinham dos Campos de Cima da Serra. Cinquenta anos depois a cidade cresce, trilhos de trem são colocados na cidade e o comércio se desenvolve. Com a chegada do trem, o município inicia um processo de preservação que podemos identificar como três situações significativas.

Pode-se destacar, como um primeiro fator involuntário e espontâneo de preservação na cidade, a chegada do trem a Novo Hamburgo, em 1876, e não ao núcleo urbano que era Hamburgo Velho. A década de 1960 é um segundo fator a se salientar. Nesse ano, o trem deixa de circular em Hamburgo Velho, preservando novamente o bairro. Jorge Ângelo memória² comenta em entrevista que “houve a possibilidade de abrir a Avenida Victor Hugo Kunz, no local onde passavam os trilhos do trem, abrindo assim uma importante via de escoamento!” (REINHEIMER, 2017).

Como terceiro fator importante na preservação do bairro, sendo a escolha desta dissertação, refere-se à preservação voluntária que se inicia na cidade, com o apoio de uma pequena parcela da comunidade hamburguesa. A partir dos Festejos do Sesquicentenário da Imigração Alemã, no município de Novo Hamburgo, no ano 1974, ideias de preservação trazidas por Ernesto Frederico Scheffel são implementadas na cidade. Durante as festividades da Sesquibral iniciam as tratativas para criação da Galeria Municipal de Arte, atual Fundação Ernesto Frederico Scheffel - FEFS, com obras do artista que nomeia essa Fundação. A entidade acolhe as primeiras ações de preservação na cidade. E mantém esse trabalho ao longo das décadas subsequentes.

Utiliza-se, neste trabalho, a historiografia atual que tende a “pedir emprestado alguma coisa à memória”, conforme salienta Fernando Catroga (2001, p.58) em seu livro

² Jorge Angelo Reinheimer, curador da Fundação Ernesto Frederico Scheffel, concede entrevista em 17 de agosto de 2017.

*História e Memória*³. O autor destaca que “a memória será sempre fundacional, sacralizadora e reatualizadora de um passado que, estando ainda vivo, tende a fundir-se num eterno presente” (CATROGA, 2001, p.54).

Pode-se relacionar esse “passado vivo”, mencionado por Catroga, com o tema deste trabalho. Optou-se por apresentar a publicação do tombamento do Centro Histórico do bairro Hamburgo Velho que “reatualiza” o passado da colonização alemã em Novo Hamburgo e evidencia as memórias dessa comunidade.

Com a publicação do tombamento do Centro Histórico do bairro Hamburgo Velho e do seu entorno, no dia 08 de maio de 2015, por meio do processo n.º 1.582-T-09⁴ (processo administrativo n.º 01512.000623/ 2009 -11), a memória, a identidade e a história da cidade de Novo Hamburgo, no Estado do Rio Grande do Sul, está em evidência. Com cerca de 70 imóveis tombados no município, os órgãos públicos da cidade, juntamente com o IPHAN e a comunidade, elaboram encontros para discussão e elaboração de meios para manter e valorizar a cultura hamburguesa, mas nem sempre houve um consenso entre estes, assunto a ser investigado ao longo deste trabalho.

Diversos trabalhos acadêmicos mencionam a importância do bairro histórico à cidade, mas poucos abordam a questão preservacionista. Os que abordam esse tema, trazem informações técnicas referentes ao conjunto arquitetônico da cidade e sua evolução histórica enquanto patrimônio material ao longo das décadas (há um número expressivo de trabalhos produzidos por alunos de arquitetura). Outros trabalhos acadêmicos abordam especificamente a preservação da Casa Schmitt Presser, mas nenhum deles investiga como foi possível

³ Catroga enfatiza as relações entre memória e suas representações. Para ele, memória e representações não são lineares pois Halbwachs distingue a “memória histórica” (produto do pensamento crítico, com uma linguagem conceptual) da “memória coletiva” por ter uma origem anônima e espontânea, por ser viva, concreta, múltipla, imagética e sacral, por possuir um cariz normativo. CATROGA, Fernando. *História e Memória*, in Pesavento, Sandra Jatahy. Fronteiras do Milênio. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001, p.53.

⁴ Diário Oficial da União, p.10, sexta-feira 08/05/15, n.º 86. EDITAL TOMBAMENTO DO CENTRO HISTÓRICO DE HAMBURGO VELHO E DO ACERVO DE OBRAS DE ARTE DA FUNDAÇÃO ERNESTO FREDERICO SCHEFFEL. Na forma e para os fins do disposto nos arts. 6º ao 10 do Decreto-Lei n.º 25, de 30 de novembro de 1937, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN COMUNICA que está promovendo, em razão do valor histórico e em caráter emergencial, o TOMBAMENTO do Centro Histórico de Hamburgo Velho e do acervo de Obras de Arte da Fundação Ernesto Frederico Scheffel, ambos localizados no município de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, por meio do processo n.º 1.582-T-09, com indicação de inscrição nos Livros do Tombo Histórico e do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico: A partir do tombamento que ora se dá conhecimento, os referidos bens passam a gozar de proteção, por meio do IPHAN, para os efeitos previstos, notadamente, nos arts. 17 e 18 do Decreto-Lei n.º 25 de 30 de novembro de 1937 e, em decorrência, eventuais intervenções neles e, em relação ao Centro Histórico, na respectiva área de entorno, devem ser previamente autorizadas pela Superintendência do Iphan no Rio Grande do Sul, situada na Av. Independência, n.º 867 - Centro, Porto Alegre - RS. AMPARO LEGAL: Art. 216, inciso V, da Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988; art. 6º e seguintes do Decreto-Lei n.º 25, de 30 de novembro de 1937; Decreto n.º 6.844, de 7 de maio de 2009; art. 7º da Portaria n.º 11, de 11 de setembro de 1986. JUREMA MACHADO Presidenta do Instituto.

preservar o bairro histórico de Hamburgo Velho partindo da memória dos envolvidos e suas ações, mesmo carecendo de políticas públicas para preservá-lo, utilizando como recorte temporal a década de 1970 e 1980.

Como objetivo geral deste trabalho, optou-se por investigar as ações desencadeadas pela comunidade em preservar o bairro. O sentimento de pertencimento étnico parece impulsionar a preservação do bairro. Sob a liderança e iniciativa de Ernesto Frederico Scheffel, alguns membros da comunidade se articulam em prol da preservação do conjunto arquitetônico e da história do bairro Hamburgo Velho. Criam a Seccional do Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho e conselhos para fiscalizar prédios de valor histórico e cultural no município, ao longo da década de 1970. Evidenciam-se duas casas históricas localizadas no centro histórico de Hamburgo Velho que são preservadas: Casa de Adão Adolfo Schmitt, utilizada como Museu de Arte Fundação Ernesto Frederico Scheffel e a casa de Johann Peter Schmitt, utilizada como Museu de História da cidade denominado Museu Comunitário Casa Schmitt Presser.

Ao adentrar a década de 1980, um pequeno grupo de moradores do município de Novo Hamburgo, bairro Hamburgo Velho, se mobiliza em preservar o patrimônio desse bairro comparado a uma rosa. Linda e bela encanta a todos, mas seus espinhos também ferem. Esse grupo de pessoas sonha, idealiza, mobiliza e age. Semeia ações que geram nos moradores de Hamburgo Velho reações divergentes, de aprovação, repúdio a incertezas. O novo dá medo, assusta e pode ferir assim como os espinhos da rosa. Entre estas ações podemos destacar o Movimento de Recuperação do Patrimônio e Artístico de Hamburgo Velho que se mobiliza em pintar a fachada de casas com o intuito de preservar o conjunto arquitetônico do bairro, com o auxílio de alianças no âmbito municipal, estadual e federal.

Para tanto, apresentam-se como objetivos secundários, compreender as articulações existentes entre memória, identidade e as políticas públicas, e suas representações para os hamburguenses e moradores do bairro. Concomitante as ações no bairro, serão analisadas as leis estadual e federal sobre questões patrimoniais que estimulam, ao longo da década de 1980, a preservação local.

Para alcançar tais objetivos, as seguintes questões foram importantes: 1)Qual a versão do passado se queria preservar no município de Novo Hamburgo e por quê?; 2)Existem interesses políticos por trás da preservação da memória, do patrimônio e da identidade dos hamburguenses?; 3) De que forma a comunidade hamburguesa se articula ao longo das décadas de 1970 e 1980 para preservar o bairro? A comunidade apoiava essas ações?

Sabe-se que quando se estuda sobre a cultura e a identidade de uma cidade, o passado sempre se relaciona ao presente, assim como o tempo à memória. A preservação da memória e da história produzidas em uma sociedade se correlaciona à construção da identidade individual e coletiva. A identidade aqui é entendida como uma norma de vinculação (CUCHE, 1999) e a “uma construção social, de certa maneira sempre em devir, no quadro de uma relação dialógica entre o eu e o outro” (CATROGA, 2001, p.50).

O indivíduo utiliza suas experiências, através da seleção de sua memória, para construir sua identidade. Michael Pollack (1999), ao escrever *Memória e Identidade Social* para a *Revista de Estudos Históricos*, relaciona a memória à identidade. Destaca que a memória, “é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLACK, 1999, p. 5).

O sentido de pertencimento e de identidade faz parte da construção do indivíduo. “É crucial para nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos” (LOWENTHAL, 1998, p. 83). Conhecer a história individual e coletiva faz parte de quem somos. Através da seleção da memória, o indivíduo suscita recordações que podem ser compartilhadas a outros indivíduos e a uma sociedade. Essas recordações estarão presentes na representatividade, sejam em objetos, pessoas, fotografias ou lugares, sempre acompanhados da narrativa.

Para a construção desta dissertação, utilizou-se, como referencial teórico, Fernando Catroga, Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Le Goff, Paul Thompson, Janice Theodoro e Joel Candau que trabalham com os conceitos de memória, identidade, patrimônio e história. A história oral foi utilizada como método de pesquisa, pois a entrevista é uma produção discursiva das memórias de um homem. A fonte oral ajudou a compreender a inter-relação entre os indivíduos, articuladores das ações pela preservação de Novo Hamburgo e o bairro Hamburgo Velho e suas redes de socialização, culminando no tombamento de imóveis na cidade como já mencionado.

Entre os pesquisadores que trabalham a história oral, destaca-se Éder da Silva Silveira (2007)⁵ e Verena Alberti (2005)⁶, que escrevem sobre a relação entre a memória e

⁵ SILVEIRA, Éder da Silva. *História Oral e Memória: pensando um perfil de historiador etnográfico*. Métis – História e Cultura. Caxias do Sul, v. 6, n.12, jul./dez. 2007, p.35-44.

⁶ Com a criação do gravador de fita, no século XX, a entrevista permite gravar um testemunho do participante que presenciou acontecimentos do passado e do presente. ALBERTI, Verena. *Fontes Oraís. História dentro da História*. In: PINSKY, Carla Bassanezi,(org.). *Fontes Oraís*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

história, e os cuidados com o uso da história oral como método de pesquisa. Silveira afirma que

A História Oral produz narrativas orais, que são narrativas de memória. Essas, por sua vez, são narrativas de identidade na medida em que o entrevistado não apenas mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, mas também como ele é visto por outro sujeito ou por uma coletividade (SILVEIRA, 2007, p.41).

O uso da história oral procura articular relações entre as memórias do entrevistado às de uma sociedade. O entrevistado se identifica enquanto pessoa e sua memória pode se tornar coletiva. Esta fonte, também permite compreender as decisões e estratégias das pessoas e dos grupos determinando os acontecimentos e conjunturas, assunto a ser aprofundado ao longo do trabalho.

Candau (2013), no livro *Antropologia da Memória*, salienta que “O homem não existe porque não há indivíduo que não carregue o peso da sua própria memória sem que ela seja misturada a da sociedade à qual ele pertence (CANDAU, 2013, p. 96). Já Paul Thompson (2002), no livro *A voz do passado: história oral*, afirma que “Recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade” (THOMPSON, 2002, p. 208).

Como o tema deste trabalho se refere à cidade de Novo Hamburgo, em particular ao bairro Hamburgo Velho, o principal acervo documental a ser utilizado nessa pesquisa encontra-se na Fundação Ernesto Frederico Scheffel, localizada no centro histórico do município. A Fundação Scheffel possui um grande acervo documental referente ao processo de mobilização da comunidade hamburguesa pela preservação do patrimônio cultural de Novo Hamburgo. Nesse local foram consultados periódicos publicados pelos jornais da região, entre os quais, o Jornal NH e o Correio do Povo. Valeu-se também de correspondências trocadas entre o artista Ernesto Frederico Scheffel com seus amigos. Esses documentos trazem informações e articulações sobre o movimento preservacionista ao longo das décadas de 1970 e 1980, nos momentos em que o mesmo não se encontrava no município em questão.

Leis em prol da Preservação do Patrimônio Histórico, a nível municipal, estadual e federal, também foram consultadas, bem como os órgãos públicos que regem e fiscalizam essas leis, Iphan e Iphae. Participantes do movimento preservacionista e demais moradores do bairro foram entrevistados. A biografia de Ernesto Frederico Scheffel, intitulada *Scheffel por Ele Mesmo* (2013) também é outra fonte revista.

Considerando a Introdução como primeiro capítulo, a sequência do trabalho se dá da seguinte forma: Capítulo 2, intitulado *Novo Hamburgo e Hamburgo Velho: Ações em Defesa da sua Memória e Identidade na década de 1970*, propõe analisar o processo histórico e o conjunto de ações desencadeadas pela comunidade hamburguesa ao longo da década de 1970, incentivando a criação de leis e órgãos de fiscalização pela preservação do patrimônio histórico de Novo Hamburgo, com ênfase no bairro Hamburgo Velho, antigo *Hamburgerberg*. Investiga as articulações entre a história da cidade de Novo Hamburgo e sua relação com a memória e a identidade dos hamburgueses.

Analisa a influência dos periódicos da região sobre o movimento preservacionista, as manifestações sociais e suas redes de sociabilização pela preservação do patrimônio histórico e cultural dos hamburgueses, culminando na preservação de casas históricas. Com o processo de preservação dessas casas, questiona-se como o passado está sendo usado no presente. Aborda as ações da comunidade em conscientizar e preservar seus bens materiais no bairro Hamburgo Velho.

No terceiro capítulo, intitulado *Hamburgo Velho: estratégias adotadas pela sua preservação na década de 1980*, há uma breve retrospectiva histórica da preservação do patrimônio nacional brasileiro, evidenciando as escolhas e ações tomadas pelas políticas públicas. As políticas públicas de preservação são utilizadas neste trabalho conforme destaca Saravia (2006)

[...] as políticas públicas referem-se a um fluxo de decisões públicas, orientado a manter o equilíbrio social ou a introduzir desequilíbrios destinados a modificar essa realidade. Decisões condicionadas pelo próprio fluxo e pelas reações e modificações que elas provocam no âmbito social, bem como pelos valores, ideias e visões dos que adotam ou influem na decisão. É possível considerá-las como estratégias que apontam para diversos fins, todos eles, de alguma forma, desejados pelos diversos grupos que participam do processo decisório. A finalidade última de tal dinâmica – consolidação da democracia, justiça social, manutenção do poder, felicidade das pessoas – constitui elemento orientador geral das inúmeras ações que compõem determinada política. [...] é um sistema de decisões públicas que visa a ações ou omissões, preventivas ou corretivas, destinadas a manter ou modificar a realidade de um ou vários setores da vida social, por meio da definição de objetivos e estratégias de atuação e da alocação dos recursos necessários para atingir os objetivos estabelecidos (SARAVIA, 2006, p. 29-30)

As políticas públicas são, portanto, decisões públicas tomadas de acordo com valores e ideias dos governantes. Essas decisões e ações variam de acordo com os objetivos de identidade nacional. A década de 1980 estimulou a preservação de espaços de convívio com a abertura democrática do país com o fim da ditadura militar. Agora, não se preservava apenas fachadas e prédios, mas passou a haver preocupação com a história e memória local.

Este capítulo aborda as ações da comunidade ao longo na década de 1980. Este foi um período no qual Ernesto Frederico Scheffel e sua parceira de causa, Ângela Tereza Sperb⁷, engajados na preservação do bairro, utilizam da Casa Schmitt Presser, conforme relata SPERB (2018) em entrevista, como meio de chamar a atenção à preservação do bairro. Scheffel e Sperb investigaram os bens a proteger na cidade. Utilizam o poder de influência dos periódicos do Jornal NH para conscientizar a população do seu patrimônio histórico edificado. Dessa forma conseguem conscientizar e mobilizar diversas pessoas sobre as questões de preservação no município, pintando fachadas e prédios em Hamburgo Velho. Entretanto, nessa década, há enfrentamentos entre os membros do movimento com a prefeitura e a comunidade sobre o que preservar e como preservar.

Surgem os “Amigos de Hamburgo Velho”, no final da década de 1980, que passaram a promover, desde então, anualmente, o “*HamburgerBerg Fest*”⁸ que revive a história, tradição local e a valorização do patrimônio material e imaterial do bairro, reunindo artesãos, artistas plásticos, músicos e dançarinos em uma festa tipicamente alemã. Esta festa ocorre na rua General Daltro Filho, núcleo inicial do bairro, foco principal de preservação, e, portanto, análise central desta dissertação.

⁷ Ângela Tereza Sperb concedeu entrevista no dia 03 de maio de 2018. Sua família é descendente do imigrante alemão Johann Peter Schmitt, considerado fundador de Hamburger Berg. Tem parentescos também com a família do Padeiro Reiss. Como moradora de Hamburgo Velho, atuou na preservação desse bairro ao longo da década de 1980, fazendo levantamento histórico e conseguindo tomar a nível nacional a Casa Schmitt Presser (onde seu pai nascera). Nessa casa, em 1992, atuou na criação do Museu Comunitário Casa Schmitt Presser, atração turística de Novo Hamburgo.

⁸ A Hamburgerberg Fest foi idealizada na década de 1980 pela Associação dos Amigos de Hamburgo Velho. Desde a década de 90 a hamburguesa Margôt Schütz dá continuidade a essa festividade, da qual o Centro Histórico de Hamburgo Velho se torna palco, com danças, corais, alimentos e bebidas. Em seguida, seguem as edições e suas respectivas datas: 1990 - 2ª edição, 1992 - 3ª edição, 1993 - 4ª edição, 1994 - 5ª edição, 1995- 6ª edição, 1996 - 7ª edição, 1998 - 8ª edição, 1999 - 9ª edição, 2000 - 10ª edição, 2001 - 11ª edição, 2002 - 12ª edição, 2003 - 13ª edição, 2004 - 14ª edição, 2005 - 15ª edição, 2006 - 16ª edição, 2007 - 17ª edição, 2011- 18ª edição, 2016 - 19ª edição, 2017- 20ª edição e nos dias 20 e 21 de outubro de 2018 ocorreu a 21ª edição da Hamburgerberg Fest.

2 NOVO HAMBURGO E HAMBURGO VELHO: EM DEFESA DA SUA MEMÓRIA E IDENTIDADE NA DÉCADA DE 1970

Segundo Ângela Sperb, “alguns filósofos dizem que toda e qualquer ação do homem é sempre um ato de responsabilidade perante toda a sociedade” (SPERB, 1983, p. 5). Essas ações humanas contribuem para um processo histórico, resultando em história, seja ela individual e/ou coletiva, local, regional e/ou mundial. Essas ações resultam também na construção da identidade do indivíduo no grupo em que ele se encontra. Essa construção da identidade está relacionada ao processo histórico individual e coletivo, assim como as lembranças, a memória e o esquecimento são processos correlatados, assuntos a serem articulados neste capítulo.

Para a psicologia social, a identidade exprime o resultado das diversas interações entre o indivíduo e seu ambiente social, próximo ou distante. A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social. Denys Cuche (2002) salienta sobre a identidade social:

A identidade social não diz respeito unicamente aos indivíduos. Todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde à sua definição social... ela é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos sob um certo ponto de vista) e o distingue dos outros grupos (cujos membros são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista) (CUCHE, 2002, p. 177).

O sistema social, destacado por Cuche, faz-nos entender que a identidade social representa tanto um indivíduo quanto um grupo. Essa identificação individual inclui o sujeito em determinado grupo, dando-lhe o sentido de pertencimento ou de exclusão social. O indivíduo, ao mesmo tempo em que se identifica, localiza-se socialmente com normas e representações simbólicas, e se diferencia e/ou se exclui de outros grupos.

O indivíduo utiliza suas experiências, através da seleção de sua memória, para construir sua identidade. Michael Pollack (1999), ao escrever *Memória e Identidade Social* para a *Revista de Estudos Históricos*, relaciona a memória à identidade. Destaca que a memória “é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLACK, 1999, p. 5). Portanto, toda identidade é construída e nesse contexto, um ator social se reconhece e constrói valores individuais que, juntamente com o outro indivíduo, identificam-se.

Este capítulo utiliza o artista plástico Ernesto Frederico Scheffel (reconhecido a nível nacional e internacional), enquanto ator social que se reconhece e se identifica com a colonização alemã no Vale dos Sinos. O artista, por meio de sua rede de socialização, com o auxílio das historiadoras Ângela Sperb e Liene Schütz, consegue engajar diversas pessoas, entre elas arquitetos, professores, empresários da região, políticos e comunidade em geral, nas ações pela preservação da memória, da identidade e da história do município de Novo Hamburgo/RS, ao longo das décadas de 1970 e 1980.

Mediante essas acepções, a preservação, seja ela material ou imaterial, relaciona-se à identidade de determinado grupo e a seus valores. Os valores a serem “preservados” hoje podem não ser apreciados no futuro. Essa seleção da memória no município de Novo Hamburgo, Estado do Rio Grande do Sul, inicia-se no bairro Hamburgo Velho. Com os Festejos do Sesquicentenário da Imigração Alemã no Estado, em 1974, o município de Novo Hamburgo incentiva a história, a memória e a contribuição dos imigrantes alemães à região, presente nos discursos oficiais da cidade.

Essa contribuição está presente também com a publicação do tombamento do Centro Histórico do Bairro Hamburgo Velho e do seu entorno, no dia 08 de maio de 2015, por meio do processo n.º 1.582-T-09, como descrito na introdução deste trabalho. Há uma “rememoração” à imigração alemã, a suas contribuições ao município e às ações preservacionistas desencadeadas no bairro. Quando, neste trabalho, usa-se o termo a rememoração, baseia-se no referencial teórico o conceito de Paul Ricouer (2003), este aponta que “a rememoração tem o sentido de reconhecimento, de lembranças e de reapropriação do passado histórico”.

Através da lembrança, o indivíduo utiliza a sua memória, e quando esta busca termina, há um reconhecimento. Liene Martins Schütz escreve ao Jornal NH sobre o reconhecimento da luta preservacionista, análise deste trabalho:

Novo Hamburgo tem o que festejar. Após 40 anos de luta, saímos vencedores. O objetivo era proteger e preservar o patrimônio histórico e cultural, patrimonial e imaterial de nossa cidade, lembrando a luta daqueles que nos antecederam. Sabemos que o que somos hoje muito devemos àqueles que nos antecederam [...]
(SCHÜTZ, 16 de julho de 2015).

Nessa perspectiva, este capítulo tem por propósito evidenciar e analisar o processo histórico e o conjunto de ações desencadeadas pela comunidade hamburguesa, ao longo da década de 1970, incentivando a criação de leis e órgãos de fiscalização pela preservação do patrimônio histórico de Novo Hamburgo, com ênfase no bairro Hamburgo Velho, antigo *Hamburgerberg*.

Procura também compreender as manifestações sociais e suas redes de sociabilização pela preservação do patrimônio histórico e cultural dos hamburguenses, culminando na preservação de casas históricas, com seus usos do passado ao uso do presente, citando a criação da Galeria de Arte Scheffel (atual Fundação Ernesto Frederico Scheffel). Investiga, também, os discursos empregados pelos meios de comunicação da região sobre o movimento preservacionista e seu líder.

2.1 FESTEJOS DO SESQUICENTENÁRIO DA COLONIZAÇÃO ALEMÃ EM NOVO HAMBURGO

Por que o ser humano tem a necessidade de preservar sua memória?
O que desejamos recordar do passado?

A memória é um processo individual e, ao mesmo tempo, coletivo. “Recordar é, por isso e sempre, uma operação de resgate” (RICOEUR, 2003), uma vez que requer seleção, organização e enquadramento da memória.

Sabendo que os mecanismos de preservação de memória podem representar a identidade de um grupo e os seus valores, Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos e Éder da Silva Silveira, no artigo *Dossiê Patrimônio Cultural e Educação*, comentam

[...] não existe representação memorial sem traços. E, para fixar esses traços de memória, o fazemos através do patrimônio, entendido aqui como ‘conjunto de bens culturais cujo tratamento oriente-se pela lógica do conservar e transmitir, pelo respeito à herança enquanto evidência de realizações e materializações de valores. (RAMOS; SILVEIRA, 2015, p.6)

Podemos refletir que, assim como a memória, o patrimônio requer seleção do passado. Mas quem decide e seleciona a representação coletiva do passado? Existem interesses políticos por trás da preservação da memória, do patrimônio e da identidade dos hamburguenses? O que se desejava recordar em meados da década de 1970 no município de Novo Hamburgo? E por quê? Qual é a versão do passado que se queria registrar e se preservar?

O município de Novo Hamburgo utilizou o seu passado e sua representatividade no presente, reconstituindo a sua história com as comemorações do Sesquicentenário da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul, em 1974, com inúmeras festividades alusivas.

Empresários do município e políticos se mobilizam com o intuito de garantir a festividade no município, assim foi criada a Comissão Estadual. Para a realização dessa festividade, de acordo com as leis municipais da cidade em questão, três decretos municipais foram elaborados durante o mandato dos prefeitos Alceu Mosmann⁹, em 1972 (decreto nº 131, de 21/08/1972) e de Miguel Henrique Schmitz¹⁰, em 1973 (decreto nº163, de 30/07/1973 e decreto nº173 de 31/08/1973).

O prefeito de NH, Alceu Mosmann, sob o decreto municipal nº 131, de 21/08/1972 institui a Comemoração do Sesquicentenário da Imigração Alemã com os seguintes argumentos

[...] 1º que a 25 de julho de 1974 transcorrerá o Sesquicentenário da chegada ao Brasil do primeiro contingente de imigrantes alemães; 2º que Novo Hamburgo deve seu surgimento, seu crescimento e parte de sua atual vitalidade sócioeconômico-cultural ao pioneirismo dos colonizadores germânicos; 3º que os mesmos se integraram imediatamente à Pátria adotiva; 4º que essa integração foi total e perfeita, contribuindo eles, inclusive, com seu próprio sangue na manutenção da soberania e da unidade nacional; 5º que Novo Hamburgo, para comemorar o Centenário da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, foi quem realizou a 1ª Feira - Exposição - Agro - Industrial do Estado; 6º que Novo Hamburgo se preocupa e se interessa pela preservação das tradições e costumes trazidos e cultivados pelos imigrantes alemães; 7º que os descendentes destes constituem atualmente, a maior parte da população de Novo Hamburgo; 8º que o próprio nome do Município prestigia a riqueza espiritual do povo que o criou; 9º que em consequência, o transcurso do sesquicentenário da imigração alemã deverá ser condignamente comemorado; 10 - que a Novo Hamburgo, historicamente, incumbe, outra vez, promover as comemorações que poderão ensejar à colonização alemã a oportunidade de projetar o estágio que se encontra”, GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, aos vinte e um (21) dias do mês de agosto do ano de mil novecentos e setenta e dois (1972). Alceu Mosmann, Prefeito Municipal.

O decreto nº163, de 30/07/1973, do prefeito Miguel Schmitz, complementa que

Considerando os elevados objetivos cívicos e culturais estabelecidos no Decreto nº 22.410, de 22.04.1973, do Exmo. Sr. Governador do Estado, que instituiu o Biênio da Imigração e Colonização Alemã, de exaltar a obra daqueles que após lutas longas e ásperas, ocuparam e povoaram a área que constitui o território riograndense, incorporando-o à Pátria comum; Considerando a conveniência de ampliar, diante dos termos do Decreto acima referido, as finalidades a que se propôs o espírito do Decreto Municipal nº 131/72, de 21.08.72, quando instituiu, com adequada oportunidade, a Comemoração deste importante evento (...) Considerando que o acendrado espírito de civismo dos vale riosinenses sempre se preocupou com os fatos históricos da sua terra, preservando as tradições e costumes trazidos e cultivados pelos imigrantes alemães; Considerando que seus descendentes constituem a maior parcela da população de Novo Hamburgo; Considerando, em consequência do exposto, que o transcurso do SESQUICENTENÁRIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO ALEMÃ deverá ser condignamente comemorado, ensejando ao povo de Novo Hamburgo a oportunidade de projetar o respeitável estágio de progresso em que se encontra”; GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, aos trinta (30) dias do mês de julho do ano

⁹Alceu Mosmann, juntamente com seu vice-prefeito Urbano Arnecke, exerceram mandato de 31 de janeiro de 1969 a 31 de janeiro de 1973.

¹⁰ Miguel Schmitz foi empossado prefeito de Novo Hamburgo em 31 de janeiro de 1973, exercendo o cargo até novembro de 1977.

de mil novecentos e setenta e três (1973). Miguel Henrique Schmitz, Prefeito Municipal.

A memória do grupo se relaciona à memória da sua identidade e ambas “agarram-se aos marcos singulares que, anos após anos, assinalam os seus trajetos”, destaca Candau (2013, p.93-94), no livro *Antropologia da Memória*. Desse modo, a cidade de Novo Hamburgo, através dos decretos mencionados acima, utiliza-se de um marco coletivo para reviver sua história. Destaca-se no decreto municipal nº 131, o segundo, o sexto e o sétimo argumentos sobre a importância da colonização alemã na cidade. Esse decreto destaca “que Novo Hamburgo deve seu surgimento, seu crescimento e vitalidade socioeconômico-cultural ao pioneirismo dos colonizadores” (1972) e que “a cidade se preocupa e se interessa pela preservação das tradições e costumes trazidos e cultivados pelos imigrantes alemães” (1972). Faz, ainda, referência ao nome da cidade, a saber “o próprio nome do Município prestigia a riqueza espiritual do povo que o criou”.

Nota-se, através desses decretos municipais, o interesse político em comemorar a vinda dos imigrantes alemães na região, associando esses ao momento de prosperidade socioeconômica do município na década de 1970. A produção calçadista em Novo Hamburgo está em ascensão no Vale dos Sinos nessa década. Há uma “rememoração” da colonização alemã na cidade de Novo Hamburgo e no Vale dos Sinos. Para “germinar a semente da rememoração”, segundo Maurice Halbwachs, no livro *Memória Coletiva* (2013), necessita de um “terriço coletivo”. A memória individual tem a necessidade da memória de outro, de uma dimensão coletiva para a significação dos acontecimentos, para que possa ser medida na sua própria cultura. Porém, a memória sempre há de ser memorizada ou esquecida em uma sociedade, pois “existem competências, memórias diferentes entre gerações, classes sociais, entre sexos... só os indivíduos memorizam efetivamente, nunca uma sociedade” (CANDAU, 2013, p. 97). Através de recordações individuais, a memória pode ser partilhada em grupo adquirindo uma própria dinâmica que identifica o indivíduo nesse meio.

Ângela Maria de Castro Gomes destaca, no texto *História e historiadores: identidade e diálogos disciplinares* (2009), os usos do passado:

Ainda no que diz respeito à questão do tempo e ao diálogo com a memória, avulta em importância o que tem sido chamado de usos do passado, prática recorrente no tempo e tornada mais visível pelas comemorações e pelos monumentos memoriais, sejam eles arquitetônicos, bibliográficos, fílmicos, etc. Os usos do passado remetem à ação consciente de construção de memórias e, em decorrência, de identidades de grupos sociais. Eles evidenciam a necessidade sistemática de produção de passados, que deem legitimidade a projetos de presente e de futuro, e que deem sentido e coerência a associações de indivíduos, tenham elas os mais variados tamanhos, pois

suas bases são sempre imaginadas, no sentido de construídas socialmente (GOMES, 2009, p.60).

Esses usos do passado, conforme destacado na citação de Gomes (2009), são utilizados em Novo Hamburgo. Os hamburguenses, com “ações conscientes”, utilizam-se da memória e da história da colonização alemã para reconstituir sua identidade. Esta reconstituição estará presente na prática das comemorações, como destaca Fernando Catroga, no livro *História e Memória* (2001).

Catroga (2001) afirma que “as comemorações, tal como a escrita historicista da História, são práticas de re-presentação, ou melhor, um modo retrospectivo de se confirmar o que se acreditava ser o sentido do porvir”. (CATROGA, 2001, p.64). Candau destaca que a comemoração “é destinada a desenvolver no seio de uma geração o sentimento de continuidade [...] As comemorações são constitutivas da metamemória¹¹ e é também por essa razão que elas são garantias da sobrevivência dos grupos” (CANDAU, 2013, p.99).

A comemoração é, portanto, uma mediação revivescente. A sociedade utiliza a comemoração do passado para “confirmar” o porvir. Em ritmo de comemorações, durante a gestão do prefeito Miguel Henrique Schmitz, foram criadas subcomissões para o Sesquicentenário da Colonização Alemã em Novo Hamburgo. Entre elas, enfatiza-se a primeira subcomissão responsável pelos Assuntos Históricos e Culturais dos Festejos do Sesquicentenário da Colonização Alemã em Novo Hamburgo, sob o decreto nº173 de 31/08/1973. Essa comissão era composta pelos seguintes membros: professor Kurt G. H. Schmeling, professora Liene Maria Martins Schütz, professora Ligia Maria Bohn, professora Margot Margarethe Momberger, professora Roswita Metzler Brock e o jornalista e professor Vinícius Bossle. Muitos deles se engajaram no movimento pela preservação do patrimônio da cidade anos mais tarde.

Segundo Schütz (1977, p. 62-63), foram estabelecidos pela Comissão de Assuntos Históricos e Culturais dos Festejos ao Sesquicentenário da Colonização Alemã, em Novo Hamburgo, os seguintes objetivos:

- Valorizar o papel desempenhado pelo elemento humano, sobretudo do imigrante, em nossa comunidade, situando-o no tempo e no espaço;

¹¹ A metamemória é uma forma memorial que pode ser partilhada. Ela é a representação que cada indivíduo cria da sua própria memória, o conhecimento que ele tem dela e o que ele diz dela. É o próprio ato de se lembrar. CANDAU, Joel. *Antropologia da Memória*. Lisboa: Ed. Piaget, 2013.

- Conhecer e valorizar a contribuição do patrimônio cultural das gerações passadas para o nosso aperfeiçoamento e para a melhor compreensão da vida comunitária presente;
- Despertar o interesse comunitário pela História da cidade e das suas famílias, conscientizando a cada um de que ocupa um lugar na história de sua comunidade e país;
- Despertar atitudes de admiração e apreço pelos feitos e personagens históricos de nossa comunidade¹².(PREFEITURA DE NOVO HAMBURGO, 1974)

A partir desses objetivos, referentes ao Sesquicentenário da Colonização Alemã em Novo Hamburgo, percebe-se que a Comissão dessa festividade, composta por empresários, políticos, professores e historiadores, articula-se para promover essa festividade na cidade. Utilizou-se, como recurso, a lembrança do passado e a data comemorativa, como um “rito” a recordar, criando um sentimento de pertencimento e de continuidade. Conforme destaca Catroga, a recordação e a necessidade de comemoração não separam o passado, o presente e o futuro, “o passado, enquanto memória, participa na sua edificação” (CATROGA, 2001 p. 52-53).

A classe estudantil foi outro segmento da cidade que estava envolvida com os festejos. Através de um concurso, ela foi estimulada a desenvolver pesquisas relacionadas às personalidades que, até então, fizeram parte da história da cidade. Além de pesquisar sobre personalidades ilustres ligadas a Novo Hamburgo, foram desenvolvidas pesquisas sobre monumentos históricos, edificações e sepulturas antigas. Ao todo, segundo Schütz (1977) foram colhidas oito mil informações. Em decorrência aos Festejos do Sesquicentenário da Colonização Alemã, nos Assuntos Histórico-Culturais em Novo Hamburgo, foram reunidas informações em um fichário que, atualmente, encontram-se na Biblioteca Pública do município para consulta.

No dia 25 de Julho de 1974¹³, foi inaugurada a SESQUIBRAL, Exposição do Sesquicentenário da Imigração Alemã, na FENAC- Feira Nacional do Calçado¹⁴. Novo Hamburgo conseguiu ser o centro das festividades da valorização da memória e da identidade da colonização alemã no Estado. Essa exposição, além de valorizar a contribuição dos imigrantes alemães e seus descendentes ao estado e ao país, tinha como propósito destacar as empresas da região. “Novo Hamburgo tornou-se o centro do Estado do Rio Grande do Sul”, comenta Scheffel (2013, p.226).

¹² Folheto de instruções distribuídos aos estudantes durante os festejos do Sesquicentenário da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. Prefeitura de Novo Hamburgo, 1974.

¹³ Feriado municipal em São Leopoldo em comemoração ao dia em que os imigrantes alemães chegaram à região.

¹⁴ FENAC- Feira Nacional do Calçado, criada em 1º de março de 1961, tinha o intuito de oferecer exposições periódicas, na cidade de Novo Hamburgo, como forma de promover a indústria e o comércio no Vale. (SCHÜTZ, 1977)

Scheffel escreve sobre os organizadores do evento

Alceu Feijó, na qualidade de fotógrafo e jornalista; Nestor Fips Schneider; como Relações Públicas do Grupo Strassburger; e Cláudio Strassburger; empresário, formavam um trio ímpar, pela coesão das idéias e pela eficiência na organização da maior comemoração de regozijo histórico e festivo do Vale do Sinos (SCHEFFEL, 2013, p. 236).

Por iniciativa do jornalista Alceu Feijó, Ernesto Frederico Scheffel¹⁵, artista plástico renomado na região, participa da Sesquibral como convidado ilustre. Expõe suas obras no Grupo Strassburger¹⁶, a maior fábrica de calçados na região. Esse convite feito a Scheffel foi de suma importância, pois desencadeou, a partir de então, diversas manifestações e ações na comunidade pela preservação da história, da memória e da identidade hamburguesa.

Faz-se importante apresentar, brevemente, o artista Ernesto Frederico Scheffel, figura central e articulador da preservação do bairro Hamburgo Velho. Para isso, alguns apontamentos de sua vida são fundamentais para compreender a relação desse indivíduo com o contexto do presente trabalho.

Maurice Gribaudi (1987) menciona a relação entre o indivíduo e o contexto. Ele utiliza como modelo de análise os espaços sociais e a formação dos grupos sociais, evocando o estudo da trajetória individual, a observação do comportamento concreto das pessoas e a comparação das normas e as suas representações.

Ernesto Frederico Scheffel, natural de Campo Bom, no estado do Rio Grande do Sul, transfere-se com sua família para a cidade de Novo Hamburgo com oito anos de idade. Residindo no bairro Hamburgo Velho, Scheffel começa a pintar temas da região, fonte constante de inspiração para suas obras, conforme o mesmo escreve anos mais tarde em sua biografia *Scheffel por Ele Mesmo* (SCHEFFEL, 2013).

Em 1939, aos doze anos de idade, torna-se aluno interno no Instituto Técnico Parobé e se matricula no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, por intermédio do prefeito de Novo Hamburgo, Odon Cavalcanti, que apresenta o jovem artista ao interventor Oswaldo Cordeiro de Farias e ao secretário de Educação e Cultura, Dr. José Pereira Coelho de Souza.

Na década de 1940, participa de exposições, exibindo cerca de 40 trabalhos na Galeria de Arte da Casa das Molduras em Porto Alegre. Em 1948, presta serviço militar e começa a participar de salões de arte, expondo trabalhos no Rio de Janeiro com temas rio-

¹⁵ Pintor, escultor, poeta e compositor. Essas são algumas denominações dadas a esta personalidade conhecida internacionalmente no âmbito das artes plásticas. É descendente de imigrantes oriundos de Berghausen - Westfalen, que chegaram em 26 de novembro de 1825, conforme informações do arquivo da Fundação Ernesto Frederico Scheffel (2017)

¹⁶ O dono, Cláudio Strassburger, foi vice-governador do Estado, relembra Reinheimer em entrevista concedida em 21 de setembro de 2016.

grandenses, entre eles a obra *Combate de Poncho Verde*, que aborda a Revolução Farroupilha, a qual lhe rende uma medalha de prata. No ano seguinte, expõe, pela primeira vez, em Hamburgo Velho, nos Salões da Sociedade de Cantores – Frohsinn, junto com Laura Bohn, Oscar Kunz Filho e Norberto Michel.

A década de 1950 foi um período de provações e crescimento artístico. Scheffel se muda para o Rio de Janeiro e conhece Oswaldo Teixeira que, “impressionado com o jovem artista, escreve a seguinte mensagem ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul”¹⁷:

É um jovem que, bem guiado, poderá muito produzir, porque tem bastante talento e vocação para a arte. Penso que o seu Estado devia auxiliá-lo e protegê-lo, para que melhor possa produzir e com facilidade progredir. A técnica no desenho já é bastante sólida e, com estudo acurado, deverá ampliar-se para que o voo seja mais alto. O futuro dirá o que afirmo: será um grande artista. (SPERB, 1980)

Scheffel passa a participar de concursos, na década de 1950, dividindo opiniões. De 1951 a 1958, o artista em questão conquista medalhas de bronze, de prata e o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, pelo Salão Nacional de Belas Artes. Com a obra *Gerônimo*, Scheffel ganha o prêmio máximo, uma viagem para Europa, e passa a residir na Itália, o que lhe garante prestígio artístico e renome a nível internacional (Fundação Ernesto Frederico Scheffel, 2016). Na década de 1960, Scheffel passa a intercalar sua vida entre Itália e Brasil.

Nas décadas de 1970 e 1980, Scheffel se preocupa em preservar os bens materiais e imateriais da cidade de Novo Hamburgo. Se torna presidente do Conselho Municipal de preservação do Acervo Histórico e Cultural de Novo Hamburgo e vice-presidente Cultural do Movimento Gaúcho de Preservação do Acervo Histórico e Cultural, conforme será aprofundado e analisado ao longo deste trabalho.

Porém, antes de analisar essas ações, ressalva-se a seguir, o discurso que foi utilizado pela imprensa local ao vincular as informações do Sesquicentenário da Imigração Alemã em Novo Hamburgo e sua relação com o artista Ernesto Frederico Scheffel.

Ao longo dos meses de julho a novembro de 1974, diversas reportagens foram veiculadas em jornais da região sobre a Sesquiabral e a exposição de Scheffel no Grupo Strassburger. Essas reportagens foram selecionadas e guardadas pelo artista Ernesto Frederico Scheffel, que após a criação da Galeria de Arte com seu nome, doa esse material à instituição, denominada Fundação Ernesto Frederico Scheffel¹⁸. Destaca-se, a seguir, algumas

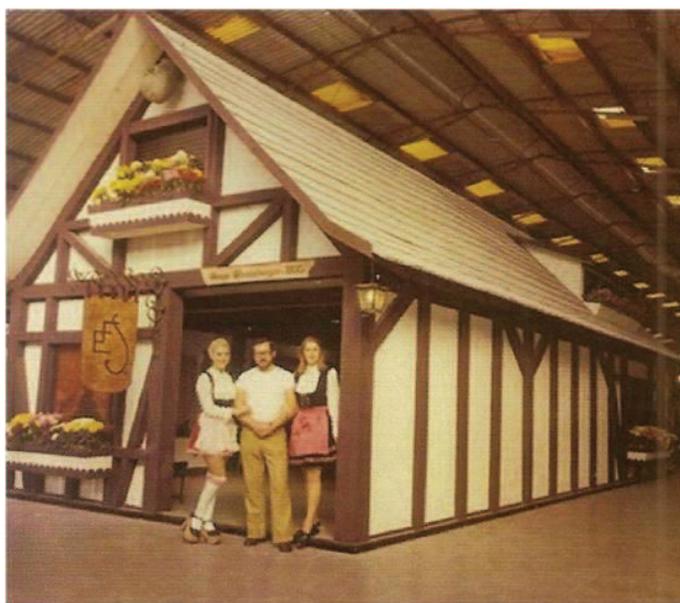
¹⁷ Conforme material didático da Fundação Ernesto Frederico Scheffel, elaborado pela historiadora Ângela Sperb, na década de 1980.

¹⁸ A autora deste trabalho, atualmente, trabalha como historiadora e é responsável pelo acervo e catalogação desse material.

informações sobre o uso do termo “típico alemão”, utilizado pela imprensa local em diversas reportagens sobre a exposição de Ernesto Frederico Scheffel na Sesquibral.

Durante a Sesquibral, foi montada pelo Grupo Strassburger um stand para que Scheffel expusesse suas obras. É interessante salientar que nesse *stand* foi construída uma casa que remete à técnica construtiva alemã denominada enxaimel, como se pode observar na Figura 1.

Figura 1 - Scheffel no *stand* do grupo Strassburger na Sesquibral em 1974



Fonte: SCHEFFEL (2013, p.226)

Nesta fotografia, o artista Ernesto Frederico Scheffel está juntamente com duas jovens com traje típico alemão. Roswithia Weber¹⁹ salienta, em artigo denominado *Festas, celebrações e lugares de memória* (2014), o uso do termo “típico”. Ainda assim, destaca que “os elementos qualificados como típicos, autênticos, acabam comportando um valor simbólico” (WEBER, 2014, p.71). Portanto, pode-se observar, na imagem, os diversos elementos de valor simbólico e representativo à colonização alemã que vão além dos trajes, integrando à construção da casa. A casa da Figura 1, erguida no *stand*, foi construída lembrando as características da técnica enxaimel: a estrutura de madeira articulada na horizontal, vertical e transversal. Diversas reportagens destacam a importância do típico e do autêntico quando fazem referência a esse *stand*.

¹⁹ Roswithia Weber é doutora em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Aborda em suas pesquisas o uso da cultura, da memória e manifestações culturais na gestão do patrimônio relacionado a imigração alemã no Estado do Rio Grande do Sul. É membro do Instituto Histórico de São Leopoldo/RS.

Uma reportagem publicada pelo Jornal NH²⁰ destaca que foram importadas vidraçarias da Alemanha para serem colocadas na casa. Aqui, novamente, há o que segundo Weber (2014, p.71) chama de “processo de mercantilização da cultura que se opera pela produção de autenticidade”. Tanto os discursos do Grupo Strassburger, quanto as reportagens, salientam essa mercantilização da autenticidade alemã.

A exposição da Sesquibral foi patrocinada pelo Governo do Estado, Consulado da Alemanha, Federação das Indústrias do Estado, Federação das Associações Comerciais e Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo. “Tal promoção visa distinguir o esforço dos colonizadores germânicos que prestaram inestimável contribuição ao desenvolvimento da economia brasileira”, segundo reportagem publicada no jornal Folha da Tarde²¹.

Outra reportagem destaca a presença do presidente da República, Ernesto Geisel, na inauguração da Sesquibral. O Grupo Strassburger ofereceu ao presidente o quadro “Forno de Pão”²² feito por Ernesto Frederico Scheffel, mas devido ao mau tempo, o quadro não foi concluído. A tela foi entregue simbolicamente ao presidente que, segundo a reportagem, a receberia finalizada em Brasília, através de uma visita de Scheffel.

A reportagem comenta que para a recepção do presidente, a direção da festa selecionou algumas personalidades. Entre elas, destacam-se Frederico Albano Klaser e esposa (presidente da FENAC, Feiras e Exposições), Ernesto João Schmidt e esposa (coordenador da Sesquibral), Miguel Henrique Schmitz e esposa (prefeito municipal de Novo Hamburgo), Victor Hugo Kunz (vice-presidente da comissão executiva dos festejos do Sesquicentenário), entre outros²³.

Com a grande procura ao seu *stand*, Scheffel, juntamente com demais pessoas da comunidade, passam a se mobilizar pela preservação da memória, identidade e a cultura hamburguense nos anos subsequentes.

Quando aqui se escreve sobre cultura, se utiliza como referencial teórico Jacques Revel. Para Jacques Revel a cultura deve ser compreendida

[...] como uma interpretação pública de símbolos cuja significação pode ser múltipla... E cuja interpretação depende de contextos de referência nos quais eles se inscrevem: é a função deles que os símbolos são recebidos ou ausentes, ou mesmo

²⁰ Reportagem publicada no Jornal NH, intitulada: *Numa casa de estilo alemão, Scheffel expõem seus quadros*. Edição do dia 31 de julho de 1974, p. 15.

²¹ Reportagem publicada no Jornal Folha da Tarde, intitulada *Sesquibral vem aí com muitas atrações*. Edição do dia 16 de julho de 1974.

²² Reportagem publicada no Jornal Folha da Tarde, intitulada: *Geisel admira telas de Scheffel no stand Franciscano*. Edição de 1974.

²³ Reportagem publicada no Jornal NH, intitulada: *Comitiva que vai receber Geisel*. Edição do dia 24 de Julho de 1974, p.03.

que eles sejam objeto de uma reinterpretação que transforma seu sentido (REVEL, 2009, p.114).

A cultura pode ser compreendida como interpretações e ações do indivíduo na sociedade. Esta cultura tem múltiplas interpretações e símbolos que se relacionam à identidade de um grupo.

Para compreender a relevância da Sesquibral para a cultura do município de Novo Hamburgo é importante conhecer a história local, pois a partir desta festividade, se inicia o movimento de preservação na cidade.

2.2. O POVOADO DE HAMBURGUERBERG, NÚCLEO INICIAL DA CIDADE DE NOVO HAMBURGO

Joel Candau escreve, em seu livro *Antropologia da Memória* (2013), sobre a memória. O autor destaca que “a sociedade produz as percepções fundamentais que por meio de analogias, ligações entre lugares, pessoas, ideias, etc., suscitam recordações que podem ser compartilhadas por vários indivíduos e até mesmo por uma sociedade inteira” (CANDAU, 2013, p. 90). Essas recordações produzidas na sociedade podem ser compartilhadas e estão associadas à memória simbólica de um indivíduo e de um grupo. Janice Theodoro também escreve sobre esse assunto na *Revista Tempo Brasileiro*, com o texto intitulado *Memória e Esquecimento: Nos limites da narrativa*. A autora destaca que “uma narrativa organizada, direcionada, permite mais facilmente a conservação da memória” (THEODORO, 1998, p.63). Questiona-se, pois, sobre o que um sujeito lembra do passado e qual narrativa é contada pelos hamburguenses.

A cidade de Novo Hamburgo, já denominada *Hamburgerberg*, localiza-se a 40 quilômetros da capital do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, segundo dados oficiais da prefeitura. Os moradores dessa cidade, bem como os discursos oficiais, se utilizam da memória e da história da colonização alemã para reconstituir a sua identidade. Relacionam suas recordações entre lugares e pessoas à história do bairro Hamburgo Velho, conforme já mencionado no início deste capítulo.

É interessante destacar o apreço e a valorização da colonização alemã na cidade, conforme ressalva o discurso oficial da prefeitura, a saber:

Nascido da perseverança e da força do imigrante alemão, o Município de Novo Hamburgo é um exemplo de comunidade unida e trabalhadora. Do suor e da vontade deste povo, cresceu aqui um lugar de prosperidade e grande desenvolvimento. Com este espírito, o povoado que começou a tomar forma a partir de 1824, concretizou

sua emancipação política em 5 de abril de 1927. A cidade cresceu em proporções geométricas, tornando-se um dos mais populosos municípios gaúchos após o incremento da indústria do couro e do calçado. A excelência no que faz, a qualidade e o talento transformaram a antiga e pacata Hamburger Berg na Capital Nacional do Calçado (PREFEITURA DE NOVO HAMBURGO, 2017)²⁴.

A prefeitura utiliza o passado para enaltecer o presente. O uso do passado ajuda a compreender o presente e o sentido de pertencimento. Esta construção da identidade individual e coletiva relaciona-se às memórias produzidas em uma sociedade. A historiadora hamburguesa Diva Kuhn (2016, p.145) salienta que “resgatar a cultura local, valorizar as raízes e o respeito com o passado, que fornece a base para as ações do presente, é motivar o futuro”.

Cuche (1999) destaca, ainda, que existe uma estreita relação entre cultura e identidade cultural²⁵, mas que não se pode confundir as duas. Para ele

[...] a cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas (CUCHE, 1999, p. 176).

Percebe-se que parte da população hamburguesa utiliza-se do bairro Hamburgo Velho, fruto de colonização europeia, como forma de vincular o passado às ações do presente. Estas ações mencionadas se referem às décadas de 1970 e 1980. A seguir, vinculamos essa identidade cultural com a colonização alemã, através da história do município de Novo Hamburgo.

O historiador Leopoldo Petry (1959), em livro intitulado *O município de Novo Hamburgo—monografia*, salienta que a história de Novo Hamburgo pode ser dividida em quatro períodos. O primeiro período se refere à fundação até o início do tráfego ferroviário, entre Novo Hamburgo e Porto Alegre de 1824 a 1876. O segundo período seria do tráfego ferroviário até o começo da industrialização da cidade, entre 1876 a 1900. O terceiro período se refere aos anos de 1900 a 1927, momento da industrialização até a emancipação da cidade. E o último período compreende a pós emancipação da cidade em 1927 (PETRY, 1959).

De acordo com os períodos históricos classificados por Petry (1959), o primeiro período a ser mencionado nesse trabalho se refere à localização do atual bairro Hamburgo

²⁴ Informações do site oficial da prefeitura de Novo Hamburgo <<https://www.novohamburgo.rs.gov.br/>> Acesso em: 22 ago. 2017.

²⁵ Para Denys Cuche, a identidade cultural remeteria necessariamente ao grupo original de vinculação do indivíduo. A origem, as "raízes" segundo a imagem comum, seriam o fundamento de toda identidade cultural, isto é, aquilo que definiria o indivíduo de maneira autêntica". (CUCHE, 1999, p. 177-178).

Velho, na cidade de Novo Hamburgo. A primeira leva de imigrantes chega ao Vale dos Sinos-São Leopoldo, em 25 de julho de 1824, e em Hamburgo Velho, em novembro do mesmo ano. Porém Hamburgo Velho²⁶ começa a se estruturar por volta de 1830.

Liene Martins Schütz²⁷, em seu livro *Os Bairros de Novo Hamburgo*, (2001, p. 72), informa que os aspectos históricos da cidade de Novo Hamburgo se iniciaram em Hamburgo Velho, antigo *Hamburger Berg*²⁸, nome dado pelos primeiros imigrantes alemães que vieram para essa localidade para lembrar uma antiga rua da cidade de Hamburgo, conforme informações do Professor Karl Lanzer²⁹, imigrante alemão aqui chegado na década de 1850. Karl Lanzer foi um morador da cidade que contribuiu com diversas atividades, conforme nota de rodapé nessa página. Destaca-se, pois, a sua principal contribuição: “tornou possível o sonho dos hamburguenses de ter seu próprio coral, fundado em 1861: a Sociedade de Canto *Eintracht* (Concórdia)”, segundo informações da Fundação Ernesto Frederico Scheffel (2015).

Quando Karl Lanzer passa a residir em *Hamburgerberg*, casa-se com Maria Schmitt, filha de Johann Peter Schmitt, “estabelecendo uma casa comercial, onde atualmente se encontra o Varejo de Calçados *Sonia*³⁰, prédio ainda hoje pertencente à família Lanzer, da senhora Ruth Lanzer Siegle”, comenta Dorotéa Luise Ziegler (1988, p.106).

A principal rua da cidade naquele momento, atual Centro Histórico do município, foi a Avenida General Daltro Filho, onde se estabeleceram os primeiros imigrantes alemães. Entretanto, antes da chegada desses imigrantes e da formação da cidade de Novo Hamburgo,

²⁶ A ocupação dos integrantes desta área deveu-se a um plano do primeiro império brasileiro, que teve um duplo sentido: garantia a posse dos territórios através do povoamento e a colonização; introduzia uma nova mentalidade no que se refere a posse da terra, produção e mão-de-obra, contrapondo-se aos latifúndios, monocultores e escravocratas que existiam no restante do país. (PETRY, Leopoldo. *O Município de Novo Hamburgo-Monografia*. Leopoldo, São Editora Rotermund, 1959).

²⁷ Liene Martins Schütz natural de Novo Hamburgo, licenciou-se em História na Unisinos e cursou mestrado em Assuntos Ibéricos Americanos, nesta mesma Instituição. Foi presidente do Grupo de Trabalho de Pesquisa Histórica dos festejos do Sesquicentenário da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, em NH (1974), e membro do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de Novo Hamburgo.

²⁸ *Hamburgerberg*, em tradução livre do alemão para o português, o morro do hamburguês. Fato que ocorre nos primeiros anos de imigração e colonização por volta de 1830, de acordo com informações da Fundação Ernesto Frederico Scheffel (2017)

²⁹ Karl Lanzer nasceu na Alemanha – Relsberg bei Wolfsstein bez. Kaisersleutern Rheinpfalz, em 16 de abril de 1841, chegando ao Brasil em 1859. Após visitar seus conterrâneos em Baumschneis (Dois Irmãos), em setembro fixou residência em *Hamburgerberg*. Além das atividades junto ao coral Frohsinn, exerceu a função de juiz de paz, realizando os casamentos em sua própria residência. Tendo o professor Karl Lanzer conhecimentos musicais, foi convidado pelos moradores do *Hamburgerberg* a fundar uma sociedade de canto em 10 de fevereiro de 1861, na Escola da Comunidade Evangélica. Chamou-se “*Eintracht*”. Os fundadores, em torno de 22, todos membros de tradicionais famílias do *Hamburgerberg*, eram cantores. Karl Lanzer faleceu em *Hamburgerberg*, em 28 de agosto de 1927, escreve Dorotéa Luise Ziegler ao *Jornal Hamburgerberg*, em reportagem intitulada “*Karl Lanzer: professor, comerciante e cantor*”(1988). A autora deste trabalho é descendente de Karl Lanzer.

³⁰ A casa *Sonia*, localizada na Avenida General Daltro Filho, recebe esse nome em homenagem à filha de Ruth Norma Siegle (comerciante) e de Hélio Mário Siegle (sapateiro e comerciante). Sonia é mãe da autora deste trabalho, Quésia Katúscia Gasparetto de Souza, bem como Ruth e Hélio seus avós (informações da autora).

índios Charruas e Minuanos já habitavam essa região e as matas próximas ao Rio dos Sinos. Com a chegada dos primeiros colonizadores, esses índios se embrenharam ainda mais na mata, destaca Schütz (1976, p.29).

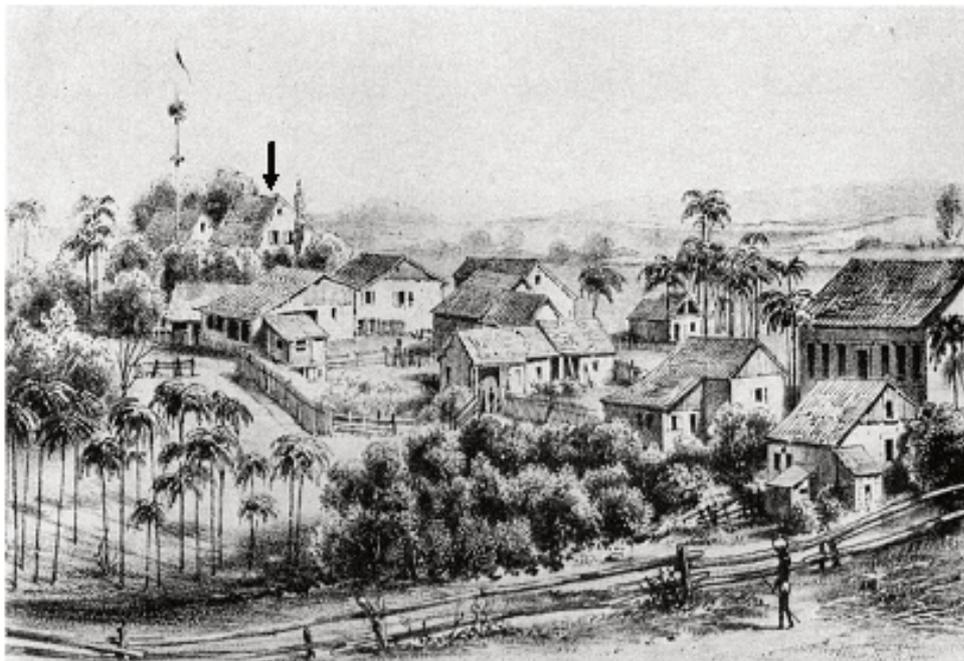
Janice Theodoro, ao fazer referência à memória e ao esquecimento, destaca que a memória possui muitas ausências na narrativa histórica tradicional e enfatiza que “há muitas perdas, exclusões” (THEODORO, 1998, p.61). O indivíduo e a sociedade escolhem o que lembrar e o que esquecer. A memória, ainda segundo Theodoro, pode ser uma narrativa organizada e uma narrativa fragmentada. A primeira delas conserva facilmente a memória, enquanto que a fragmentada dificulta a lembrança e o “sentido de continuidade”. A camada mais pobre tem sua memória fragmentada e suas lembranças se perdem no tempo. Theodoro (1998) questiona essa perda no tempo e destaca a dificuldade em produzir histórias e narrativas. Como já mencionado neste trabalho, a memória dos europeus é estimada no município de Novo Hamburgo, em particular no bairro Hamburgo Velho.

Utilizando o conceito de Theodoro (1998) sobre a memória fragmentada, opta-se por destacar a dificuldade em manter uma narrativa ao negro e ao índio no município em questão, em particular ao recorte temporal desta pesquisa. Além de índios e imigrantes alemães, a cidade de Novo Hamburgo tem contribuições da cultura negra³¹, uma vez que, estando estes imigrantes estabelecidos em *Hamburgerberg*, utilizam a mão de obra negra e escrava na cidade. Os negros, camada social não dominante na sociedade, têm sua memória fragmentada e esquecida na narrativa oficial do município, perdendo-se no tempo. Esse, no entanto, não é o foco deste trabalho, mas merece ser lembrado e mencionado.

A Figura 2, uma litografia feita por Canstatt em 1865, é considerada a imagem mais antiga de *Hamburgerberg*. Pode-se observar, em primeiro plano, um homem negro, possivelmente escravo, segurando um objeto sobre sua cabeça. Ele está de costas e observa o que está a sua volta.

³¹ Magna Lima Magalhães aborda no livro *Associativismo Negro no Rio Grande do Sul, a trajetória do negro no Vale do Sinos, em particular na cidade de Novo Hamburgo no bairro denominado África. Investiga a formação e a trajetória de um clube negro, a Associação Esportiva, Cultural, Beneficente do Clube Cruzeiro do Sul, associativismo dos afro-gaúchos, fundado em 1922 até a década de 1960.* (MAGALHÃES, Magna Lima. *Associativismo Negro no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Trajetos Editorial, 2017).

Figura 2 – Litografia feita em 1865 representando *Hamburgerberg* – Hamburgo Velho



Fonte: Fundação Ernesto Frederico Scheffel (2010)

Nessa imagem há mais uma pessoa, que pouco se destaca, em meio ao cenário de *Hamburgerberg*. Onde estavam os demais habitantes? O que poderiam estar fazendo? É interessante analisar e refletir que a imagem mais antiga da cidade retrata uma pessoa negra.

Pode-se observar também, nessa mesma imagem, o núcleo inicial da cidade em questão, com casas de madeira e cercadas. A flecha no canto superior da imagem sinaliza a Casa Schmitt Presser, atual Museu Comunitário Casa Schmitt Presser.

Hamburgo Velho, segundo Schütz (2001), começou com Johann Peter Schmitt, que instalou a primeira casa comercial, onde hoje é a Casa Schmitt Presser, situada na Avenida General Daltro Filho, 929. “Considerada, por justiça e valor, o marco histórico de Hamburgo Velho. Grande foi à luta pela preservação da Casa” (SCHÜTZ, 2001, p.73). Esta “luta” será destacada ao longo do terceiro capítulo deste trabalho.

Segundo Sperb (1987), o povoado de *Hamburgerberg*, núcleo inicial de Novo Hamburgo, teve sua origem

[...] nas casas comerciais e de artefatos que se estabeleceram num entroncamento de importantes estradas do século passado: o caminho das tropas, que vinham dos campos de cima da serra e a estrada do Norte. Desde as picadas de Dois Irmãos, Bom Jardim e Travessão, essas vias encontravam-se para, logo em seguida, dividirem-se rumo ao Sul- via São Leopoldo em direção ao oeste- via Porto dos Guimarães (São Sebastião do Caí). Confluência de caminhos, o povoado cresceu espontaneamente com ruas estreitas, largos, becos, praças, casario e quintais. Esta situação privilegiada no entroncamento de uma rota comercial que ligava o interior da província (inicialmente a estrada das tropas, depois também a estrada de

escoamento dos produtos do *hinterland*³² da colônia), trouxe condições favoráveis para o desenvolvimento do povoado de Hamburgerberg, permitindo que o mesmo se tornasse um ponto de intercâmbio de produtos agrícolas, pastoris e manufaturados.

São diversas as explicações e controvérsias para a origem do nome da cidade. Leopoldo Petry, nas primeiras páginas do livro *O município de Novo Hamburgo—monografia* (1959), utiliza os conceitos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul para compreender as mudanças nos nomes das cidades e vilas:

Os nomes de cidades, vilas, etc., que o tempo e a tradição cercam de prestígio, incorporam-se assim à riqueza espiritual da população que as criou. Alterá-los, mudá-los, suprimi-los, sem atender a estes motivos, será, certamente a mais dolorosa das imposições. Mesmo se tratando de localidades que tenham conquistado relevo, como fatores econômicos e industriais no País, a supressão ou mudanças de suas designações, constitui, sem dúvida, um grave inconveniente. Esses conceitos, emitidos pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, num veemente apelo levado, em 14 de novembro de 1943, aos governos da União e do Estado, definem admiravelmente bem a questão da mudança dos nomes das cidades, vilas, etc., que de tempos em tempos, surge em diversas circunscrições do País (PETRY, 1959, p. 08)

Leopoldo Petry faz uso dos conceitos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, destacados acima, para se referir às discussões em relação ao nome do município de Novo Hamburgo. Dentre as diversas explicações para este nome trazemos as seguintes justificativas de Schütz e Petry.

Schütz (1977) destaca, em seu livro *Novo Hamburgo, Sua História, Sua Gente*, que “um comerciante alemão, Luis Kersting, também conhecido como Major Kersting, tinha se estabelecido no morro de Hamburgo Velho. Natural da cidade alemã de Hamburgo, dizia sempre aos seus fregueses” para voltar à localidade: “Não se esqueçam de voltar à casa do velho hamburguês” (SCHÜTZ, 1977, p. 32).

Assim como Schütz, Petry faz referência a este primeiro comerciante e menciona que outros dois imigrantes e comerciantes, Carlos Zimmermann e João Pedro Schmitt, teriam vindo da mesma região que Luiz Kersting. Como estes três comerciantes vinham de Hamburgo, os moradores da redondeza se referiam à residência dos “hamburgueses”, conforme destaca-se:

[...] os moradores dos arredores, quando falavam desse núcleo, denominassem os aí residentes de ‘hamburgueses’- Vamos às casas dos hamburgueses. E o morro em que estavam localizadas estas primeiras casas comerciais, passou a denominar-se o ‘morro dos hamburgueses’, e esse nome tornou-se popular. Surgiu, assim, acidentalmente, o nome de Hamburger Berg (PETRY, 1959, p. 10).

³² Do alemão *Hinterland*, significa “interior ou zona rural” (tradução livre).

Salienta-se também outro documento histórico mencionado por Petry sobre a origem da cidade de Novo Hamburgo, indagando que

Nos documentos mais antigos existentes sobre a colonização alemã, a zona em que surgiu a cidade de Novo Hamburgo, figura com o nome de Campo Ocidental e Costa da Serra, ao passo que o agrupamento de casas que formara o núcleo primitivo de Hamburgo Velho, desde sua fundação era conhecido pelo nome de Hamburger-Berg (PETRY, 1959, p.09)

Além de *Hamburgerberg*, o município teve ao longo dos anos outras denominações, tais quais “Borges de Medeiros” e “Coronel Genuíno Sampaio”, ambos no ano de 1919. Em 1942, sob a administração do prefeito Odon Cavalcanti Carneiro Monteiro, durante as comemorações da Semana da Pátria, a cidade foi chamada simbolicamente de “Floriano”.

O trem chega a Novo Hamburgo com a inauguração da estação *New Hamburg*, em 1876, e, junto com ele, chega o progresso. Os colonos que habitavam a região até então, tinham que entregar e comercializar as mercadorias via o auxílio de animais. Com o trem, os colonos não precisavam mais utilizar o porto fluvial do rio dos Sinos numa das embarcações entre São Leopoldo e Porto Alegre, nem ir a pé ou de carroça para a capital do estado. “Em 1880, já havia carros de quatro rodas com tração animal, porém a passagem era cara” (Petry, 1959).

Ao redor da estação de trem, foram construídas casas, vendas, armazéns e outros estabelecimentos. Os trilhos do trem são concluídos, chegando ao bairro Hamburgo Velho em 17 de agosto de 1903, ligando Novo Hamburgo a Taquara. Hamburgo Velho era o centro cultural, social, religioso e econômico da cidade. Embora pequena, a estação de Hamburgo Velho servia para embarque e desembarque de passageiros. Foi construída uma extensão nessa estação para manobrar a máquina e o carro-motor para as viagens que tinham como chegada *Hamburgerberg*, como pode-se observar na Figura 3³³.

A primeira fotografia da Figura 3 é do acervo de Roberto Gerhardt, com vista parcial de Hamburgo Velho no ano de 1926. A fotografia registra o momento em que o trem estava na estação, conforme indica a fumaça ao lado esquerda da figura. A segunda fotografia do acervo de Carlos Eggers é anterior ao ano de 1926, pois apresenta a denominação original

³³ As fotografias destacadas na Figura 3 foram elaboradas pela Fundação Ernesto Frederico Scheffel, em parceria com o IPHAN, ao longo do processo de Tombamento do Centro Histórico de Hamburgo Velho, como mencionado na introdução deste trabalho. Ambas as fotografias se encontram na Ficha M102, *Percurso do trem e do carro-motor entre Novo Hamburgo e Hamburgo Velho*, elaborada pela Fundação Ernesto Frederico Scheffel em parceria com SICG – Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-Ministério da Cultura, elaborado em 2010. Essa ficha foi enviada ao IPHAN.

Hamburgo Berg na parede desta. Nessa segunda fotografia há diversas pessoas, entre elas crianças esperando o trem. Nos anos 1940, a estação *Hamburgo Berg* denominou-se *Genuíno Sampaio* e, após a segunda Guerra Mundial, voltou a *Hamburgo Velho*, conforme informações da Fundação Ernesto Frederico Scheffel (2010). A seta que conecta as duas fotografias foi elaborada por Angelo Reinheimer, na Ficha M102 para o SICG – Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- Ministério da Cultura em 2010. Abaixo destaca-se, também, o mapa parcial de Novo Hamburgo com o trajeto dos trilhos do trem entre Novo Hamburgo e Hamburgo Velho, da Revista Brasileira de Geografia, out-dez de 1948.

Figura 3 - Vista parcial do bairro Hamburgo Velho e sua estação de trem



Fonte: Acervo Fundação Ernesto Frederico Scheffel (2010)

Mapa 1- Novo Hamburgo e Hamburgo Velho na década de 1940



Fonte: ESTAÇÕES Ferroviárias (1940).³⁴

³⁴ Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_linhaspoa/hamburgo.htm. Acesso em: 04 set. 2017.

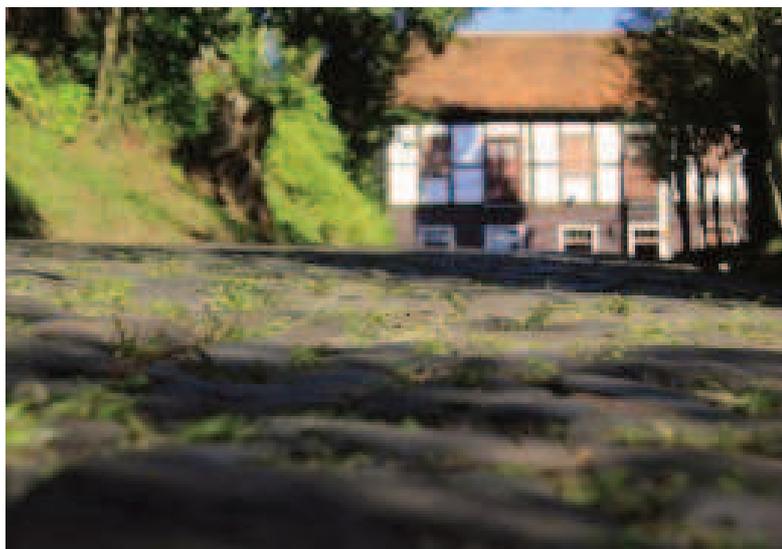
Enquanto o trem funcionava, seus trilhos ficavam à margem do bairro Hamburgo Velho, na Avenida Victor Hugo Kunz e não na rua central, Avenida General Daltro Filho. Houve uma preservação involuntária. Com o tempo, o acesso ferroviário foi abandonado, sendo substituído pelo rodoviário em 1965. Os trilhos foram arrancados em 1967, e em 1974 foi iniciada a construção da Avenida Machado de Assis, atual Avenida Victor Hugo Kunz, sobre o antigo leito da viação férrea.

Através da lei nº1000, de 08 de maio de 1857, Novo Hamburgo foi criada como sede do 4º distrito de São Leopoldo, “com a denominação de Nossa Senhora Da Piedade de Hamburger Berg, elevado a sede de município em 05 de abril de 1927” (PETRY, 1959, p.6). Com sua emancipação em 1927, Hamburgo Velho se tornou o segundo distrito do recém-criado município tendo certa autonomia no município até 1969 quando foi criado um único distrito no município. Após a emancipação de Novo Hamburgo, Leopoldo Petry foi eleito como primeiro prefeito dessa cidade, assumindo a prefeitura em 05 de julho de 1927 até 15 de novembro de 1930, quando foi afastado do cargo e preso por não aderir à Frente Única Gaúcha, questionando o governo de Getúlio Vargas em prol do movimento constitucionalista. Como prefeito, construiu a Praça 14 de julho, atualmente conhecida como Praça do Imigrante e o Cemitério Municipal.

A partir das décadas de 1940 e 1950, “foram iniciadas obras de calçamento das ruas. Hamburgo Velho, não sendo mais o centro econômico e social do município, recebeu um calçamento de pedra irregular, diverso daquele do centro de Novo Hamburgo que foi executado com paralelepípedos de basalto”, conforme informações da Ficha M102, *Intervenção e infraestrutura urbanística* (2010). A Figura 4 mostra em detalhe o calçamento da rua Marquês de Souza³⁵ que ainda hoje se preserva. Ao fundo, Museu Comunitário Casa Schmitt Presser que se localiza na Avenida General Daltro Filho, próximo à rua em questão.

³⁵ A Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, através do decreto 20/80, declarou de interesse comunitário especial a rua Marquês de Souza. No ano de 1980 essa rua é decretada de utilidade pública especial, integrando-se ao patrimônio histórico do município.

Figura 4 – Destaque do calçamento da rua Marquês de Souza



Fonte: ROSA (2017)³⁶

Conforme informações da ficha M102 *Desenvolvimento econômico* (2010), elaborado pela FEFS, em parceria com o IPHAN, o município de Novo Hamburgo assim como o bairro Hamburgo Velho, após dez anos de emancipação tinha como característica econômica

[...] um sistema de produção coureiro-calçadista complexo e articulado: beneficiavam a matéria-prima através dos curtumes e produziam calçados, bolsas, malas, cintos e carteiras nas respectivas indústrias; a maquinaria para os curtumes e fábricas de calçados, parcialmente, era produzida pela indústria metal-mecânica e pelas carpintarias (os fulões dos curtumes) locais; uma fábrica de formas para calçados atendia a demanda das indústrias; cartonagens produziam as embalagens e uma gráfica produzia todo tipo de impressos e logotipos necessários”. [...] Nos anos de 1960, Hamburgo Velho não mais acompanhava o ritmo de crescimento do município como um todo. As atividades industriais deslocaram-se para áreas específicas, conforme o Plano Diretor e a indústria coureiro-calçadista é a locomotiva de toda a região do Vale dos Sinos. Essa pujança se expressa com a organização da Feira Nacional do Calçado – FENAC, hoje Feira Internacional”. (SICG – Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-Ministério da Cultura, 2010, p.10).

A partir de 1960, a cidade caminhava para o reconhecimento como capital Nacional do Calçado. Nas décadas de 1970 e 1980, a produção calçadista no Vale dos Sinos gerou riquezas à cidade. Com a fabricação do calçado e a criação da FENAC, Novo Hamburgo se tornou um dos principais municípios a exportar o calçado. Se na década de 1960 o calçado era artesanal, com pequenas oficinas, na década de 1970 o setor coureiro calçadista modernizou

³⁶ Disponível em: http://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2015/07/noticias/regiao/194577-seminario-debate-o-tombamento-do-bairro-hamburgo-velho.html. Acesso em: 28 set. 2017.

sua fabricação, com mais eficiência e qualidade, afirmam Vinícius Moser e Rodrigo Perla Martins (2013), mantendo sua produção ao longo da década de 1980.

Miguel Schmitz enfatiza, no decreto nº163, de 30/07/1973, o momento de progresso pelo qual a cidade se encontra ao se referir às comemorações do Sesquicentenário da colonização alemã: “ensejando ao povo de Novo Hamburgo a oportunidade de projetar o respeitável estágio de progresso em que se encontra”. Este estágio de progresso que a cidade passava foi de suma importância a nível regional e nacional, levando o presidente Ernesto Geisel a visitar a maior feira na cidade, a FENAC, durante as comemorações do Sesquicentenário da colonização alemã, como já mencionado neste capítulo. Devido ao recorte temporal desta pesquisa, decidiu-se mencionar nesse subcapítulo a história da cidade de Novo Hamburgo até o início da década de 1980.

2.3. HAMBURGO VELHO, PRIMEIRAS AÇÕES PRESERVACIONISTAS: Criação da Galeria de Arte Municipal

Qual a relação da Sesquibral com o movimento preservacionista?
Existiam políticas públicas e leis de incentivo ao patrimônio na cidade de Novo Hamburgo?
Por que a partir desse festejo pode-se dizer que o movimento preservacionista começou com Ernesto Frederico Scheffel em 1974 e se estabeleceu na década de 1980?

Através dos questionamentos acima, este subcapítulo investiga o patrimônio histórico do bairro Hamburgo Velho e do município de Novo Hamburgo, ao longo da década de 1970. Analisa as articulações de um grupo de hamburguenses, sob a liderança do artista plástico Ernesto Frederico Scheffel, para preservar e usar o patrimônio da cidade.

Para responder a estas questões, deve-se, primeiramente, destacar o conceito de patrimônio. Existe o patrimônio individual, que depende do indivíduo, do que interessa a ele, de suas percepções e sentimentos, e o patrimônio coletivo, que é sempre definido por outras pessoas. A comunidade pode determinar o que constitui como seu patrimônio comum, comentam Pedro Paulo Abreu Funari e Sandra de Cássia Araújo Pelegrini, no livro *Patrimônio Histórico e Cultural* (2006).

Com os Estados Nacionais³⁷, surge o conceito de patrimônio atual. Porém a noção de patrimônio foi ampliada com as lutas sociais que não se identificavam com a concepção de Unidade Nacional, proposta pelos Estados Nacionais, de “uma só língua, cultura, origem e território” (FUNARI e PELEGRINI, 2006, p.23). Internacionalmente, a partir de meados da década de 1950, a convivência entre as diferentes nações contribuiu para a legislação de proteção ao patrimônio ampliando-se para os grupos sociais, locais e ambientais. Há uma multiplicação patrimonial ocorrendo em conjunto com a participação das pessoas “comuns”, deixando de ser uma preocupação unicamente da administração pública nacional para municipal.

Funari e Pelegrini (2006) comentam ainda que na América, especialistas e técnicos preocupados com o patrimônio de suas comunidades, realizavam ações na década de 1970 para conscientizar a população sobre a destruição e a descaracterização do patrimônio edificado, urbanístico e ambiental propondo leis e outros instrumentos legais. Na cidade de Novo Hamburgo, até meados da década de 1960 não havia leis de proteção ao patrimônio embora nessa década, e nas subseqüentes, ocorresse um crescimento acelerado da cidade.

O progresso era estimulado na cidade de Novo Hamburgo com construções de edificações nas décadas de 1960 e 1970. De forma lenta e gradual leis são criadas para diminuir o impacto da ação do homem, com planos diretores, mas pouco eficazes quanto à preservação do patrimônio. Através das leis municipais nº030 de 06/11/1963 e nº26 de 08/07/1970, segundo Suzana Vielitz de Oliveira (2009), o plano diretor de 1963 pouco propunha quanto às políticas públicas de preservação bem como o plano diretor de 1970, que “demonstrou que em momento algum, nesta época, os líderes estavam preocupados em preservar alguma coisa. A ênfase daquele momento era o crescimento da cidade, suas consequências e reais modificações” (OLIVEIRA, 2009, p.75). A mesma autora ainda destaca que o pensamento preservacionista em 1960 e 1970 “era tímido e ensaiava seus primeiros passos” (OLIVEIRA, 2009, p.45). Esta se referia a uma reportagem local referente a não demolição da Estação da viação férrea de Hamburgo Velho. Três anos após a notícia ser vinculada na imprensa, o prédio foi demolido.

Quando aqui são mencionadas as políticas públicas, utiliza-se como referencial teórico Enrique Saravia. Ele destaca que

³⁷ O Estado Nacional surgiu da invenção de indivíduos que deveriam partilhar uma única língua, cultura, origem e território, com ações educativas de pertencimento à nação. Jovens aprendiam na escola os conceitos de compreensão de mundo através da introjeção ou doutrina moderna como se tudo fosse dado pela natureza das coisas. Dentro do contexto dos Estados Nacionais, segundo Pierre Bourdieu, a escola é um mecanismo de reprodução social. Coube aos Estados Nacionais inventar os cidadãos. FUNARI; PELIGRINI, 2006)

[...] as políticas públicas referem-se a um fluxo de decisões públicas, orientado a manter o equilíbrio social ou a introduzir desequilíbrios destinados a modificar essa realidade. Decisões condicionadas pelo próprio fluxo e pelas reações e modificações que elas provocam no âmbito social, bem como pelos valores, ideias e visões dos que adotam ou influem na decisão (SARAVIA, 2006, p.28).

Até o momento, havia pouco incentivo à preservação do patrimônio edificado na cidade de Novo Hamburgo, sujeita a expansão urbana. Porém, sob a administração do prefeito Miguel Schmitz, no final da década de 1970, intervenções são iniciadas na preservação da cultura e da identidade local. Schmitz entra em contato com Ernesto Frederico Scheffel, desencadeando ações preservacionistas e políticas públicas locais, em prol da preservação de Novo Hamburgo.

Mas o que seriam políticas públicas de cultura local? Segundo Schneider as políticas públicas de cultura local resumem-se ao

[...] conjunto de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis e grupos comunitários organizados a fim de orientar o desenvolvimento simbólico, satisfazer as necessidades culturais da população e obter consenso para um tipo de ordem ou transformação social (SCHNEIDER, 2014, p.47)

Partindo do pressuposto de Schneider sobre as políticas públicas de cultura local, evidencia-se, a seguir, como transcorreram as relações entre as políticas públicas locais, tendo como desencadeadores Miguel Schmitz enquanto ator político, e Ernesto Frederico Scheffel, como líder comunitário, pela necessidade de preservação de seus bens materiais, imateriais e simbólicos.

Ernesto Frederico Scheffel é parabenizado pelos seus 46 anos de idade no dia 08 de outubro de 1973 em Florença, com o telefonema do prefeito da cidade de Novo Hamburgo, Miguel Schmitz. Um mês depois, segundo Scheffel (2013, p.218), uma carta entregue em suas mãos, em Florença, mudaria radicalmente seu curso de vida. Scheffel estava se referindo a possibilidade da criação da Galeria Scheffel com suas obras, a realização do *Monumento ao Sapateiro* e o convite a participar das Comemorações do Sesquicentenário da Colonização e Imigração Alemã, sob o ofício nº 46/ 8-R/5:

Prezado Amigo Scheffel: Tenho a grande satisfação de lhe apresentar o portador do presente, o Dr. Ivo Maximiliano Strimitzer, Vice-Prefeito de nossa Cidade, Procurador e Consultor Jurídico desta Prefeitura, que vai à sua presença transmitir inicialmente o meu cordial abraço e cientificar-lhe do grande desejo que sente o povo de sua terra natal em vê-lo presente por ocasião das Comemorações do Sesquicentenário da Colonização e Imigração Alemã, cujo evento foi oficialmente reconhecido pelo Governo do Estado. Com a minha maior admiração apresento-lhe minhas atenciosas saudações cordiais”. (SCHMITZ, 1973).

Scheffel deixa a Europa rumo ao Brasil. Chega a Novo Hamburgo em 1973 e, enquanto aguarda o início do Sesquicentenário, participa de diversos encontros sociais.

Destaca-se aqui, seu encontro com a professora Liene Martins Schütz que, no ano seguinte, torna-se “aliada” nas ações de preservação e conservação do patrimônio histórico na cidade. Scheffel comenta, em sua biografia *Scheffel por Ele Mesmo* (2013), que participou de encontro com alunos da professora Liene Martins Schütz, destacando-a como “gentil professora” que estava trabalhando com seus alunos “o tema Patrimônio Histórico [...], revelando aos nossos jovens os monumentos deixados pelos primeiros imigrantes” (SCHEFFEL, 2013, p. 223).

Em janeiro de 1974, Scheffel, em encontro com o prefeito Miguel Schmitz e seu vice Ivo Strimitzer, é apresentado oficialmente à Comissão Municipal dos Festejos alusivos ao Sesquicentenário da Colonização Alemã, pelo presidente Paulo Wolf e por Victor Hugo Kunz, presidente do conselho de Turismo, conforme o artista mesmo relembra (SCHEFFEL, 2013). Além de tratar sobre a Criação do Museu de Arte Ernesto Frederico Scheffel, conversam sobre o Monumento ao Sapateiro:

Visando a assinalar a passagem do Sesquicentenário da Imigração Alemã e homenagear os artífices de origem humilde que, chegados a Novo Hamburgo, dedicaram-se com afinco à produção de artefatos de couro, será erguido na cidade, um “Monumento ao Sapateiro”, de grandes dimensões. (SCHEFFEL, 2013, p. 224).

Scheffel, que se interessava por história, enfatiza em sua biografia que as pesquisas do historiador Carlos Henrique Hunsche³⁸sobre a colonização alemã foram de suma importância para suas ações de preservação. “As pesquisas de Hunsche, revelando desconhecidos aspectos da nossa história, foram para mim, o grande motivador do trabalho de preservação do patrimônio histórico, que norteou as atividades da Fundação Scheffel nas décadas seguintes”, escreve Scheffel (2013, p.225).

Em diversas reportagens do Jornal NH³⁹ e no Jornal Folha da Tarde, no ano de 1974, destaca-se a grande procura da população pelo *stand* onde estavam expostas as obras de Scheffel, sendo um dos locais mais visitados⁴⁰. Scheffel é convidado a criar um museu

³⁸ Scheffel se refere à trilogia de Carlos Henrique Hunsche, intitulada *O biênio 1824/25 da Imigração e Colonização no Rio Grande do Sul, O ano de 1826 da Imigração e Colonização no Rio Grande do Sul e O Quadrênio 1827-1830 da Imigração e Colonização no Rio Grande do Sul*. Hunsche escreveu sobre história e genealogia da imigração alemã entre os anos 1824 e 1830.

³⁹ O jornal NH (abreviatura de Jornal Novo Hamburgo) foi criado em 19 de março de 1960, é editado e tem circulação em Novo Hamburgo e cidades vizinhas do polo calçadista. É um jornal do Grupo Editorial Sinós e veio a se tornar o principal negócio do Grupo e o maior jornal do país em número de assinantes fora de capitais. As primeiras edições eram produzidas em uma modesta sala na Av. Pedro Adams Filho. Sua circulação acontecia às sextas-feiras, passando, depois, a ser bissemanal, veiculado também às quartas. Atualmente em circulação, de segunda a domingo em mais de quarenta cidades do Vale dos Sinós, Vale do Paranhana e Região das Hortênsias, como Novo Hamburgo, Campo Bom, São José do Hortêncio, Dois Irmãos, Sapiranga, Santo Antônio da Patrulha e Parobé.

⁴⁰ Conforme informações publicadas pelo Jornal NH com edição do dia 31 de julho de 1974. Reportagem intitulada “*Numa casa de estilo alemão, Scheffel expõe seus quadros*”.

permanente com suas obras na cidade. Segundo Jorge Ângelo Reinheimer (2016), em entrevista concedida a autora⁴¹ do presente trabalho, o jornalista Alceu Feijó, desde a década de 1950, já pensava em criar um museu na cidade. Em 1974, no ano da Sesquibral, essa ideia retoma força com o acervo do artista Scheffel. Essa proposta, segundo Reinheimer (2016), toma forma em parte, pelas ligações políticas do próprio Feijó e o imediato apoio de Miguel Schmitz (prefeito de Novo Hamburgo).

As tratativas para a criação do museu com obras de Ernesto Frederico Scheffel foram longas e despertaram interesse de três cidades. Segundo Reinheimer, em entrevista (2016), como forma de acelerar o processo de criação do museu, Alceu Feijó lançou o boato nos jornais em que trabalhava (Jornal Correio do Povo e no Jornal NH) de que São Leopoldo, Novo Hamburgo e Campo Bom estavam interessados em criar um museu com obras de Scheffel. O boato “acabou virando fato de um dia para o outro”, relembra Reinheimer. Bastava a Scheffel escolher a cidade e o local:

O prefeito de Campo Bom diz que poderia restaurar a antiga igreja Evangélica e colocar as obras, mas isso não servia ao Scheffel. Também havia a possibilidade da Sociedade Concorórdia, atual 15 de Novembro. O Scheffel tinha ligação com o Prédio da Sociedade Concorórdia, pois seu avô tinha sido ecônomo, Scheffel passou a infância circulando por esse prédio, mas também não era adequado, havia muitas janelas e ainda um restaurante funcionando no local. A cidade de São Leopoldo disponibilizou a Scheffel a construção de um prédio específico dentro das necessidades de um museu. (REINHEIMER, 2016).

Scheffel escolhe a cidade de Novo Hamburgo para a criação de seu museu. Em 28 de setembro de 1974, através da Lei Municipal n.º 64/74, é assinado um contrato entre Scheffel e a Prefeitura de Novo Hamburgo criando a “Galeria Municipal de Arte Ernesto Frederico Scheffel”⁴², com obras exclusivamente suas. Scheffel destaca que o Museu de Arte a ser criado “se transformaria num dos maiores pontos de atração turística” na cidade (SCHEFFEL, 2013, p. 225).

Após a assinatura do contrato, efetivam-se ações entre Scheffel e a prefeitura de Novo Hamburgo para a escolha e aquisição do local que irá abrigar o Museu de Arte. Coube a Scheffel escolher o imóvel. A prefeitura de imediato inicia o processo de desapropriação da Casa de Adão Adolfo Schmitt⁴³ e também a possibilidade de desapropriar a Casa de Johann

⁴¹ Jorge Ângelo Reinheimer concedeu entrevista no dia 21 de setembro de 2016.

⁴² Em 2004, através de lei Estadual, o museu de arte Scheffel é integrado ao Patrimônio do Estado do Rio Grande do Sul.

⁴³ Filho mais novo de Johann Peter Schmitt, Adão Adolfo Schmitt foi, segundo sua filha Herta Alice Schmitt Schilling e sua neta professora Ligia Schilling Roehe, “um homem culto, criado num ambiente familiar onde se cultivava a boa leitura, música, teatro... Foi agrimensor de profissão, talvez pelo fato de a família ser dona de vastas extensões de terras. Era chamado sempre quando havia questões de terras entre os habitantes da região. Seus pendores para a engenharia e arquitetura são demonstrados na construção do prédio que hoje abriga a Fundação Scheffel, da qual fez a planta”. Entrevista concedida à Professora Dorotéa Luise Ziegler. Jornal

Peter Schmitt⁴⁴, ambas localizadas na Avenida General Daltro Filho, atual Centro Histórico de Hamburgo Velho para oferecer a Scheffel. Na foto a seguir, denominada Figura 5, apresentam-se imagens da Casa de Adão Adolfo Schmitt (foto da direita), que tinha como proposta de museu, enquanto que a Casa de Johann Peter Schmitt (foto da esquerda) seria o atelier do artista. Scheffel recusa a proposta de atelier por achar demasiado ocupar estes dois espaços. Mais tarde, arrepende-se dessa recusa pois teria poupado inúmeros desabores e riscos, conforme explica Reinheimer (2016) em entrevista. A Casa de Johann Peter Schmitt quase fora destruída, assunto a ser aprofundado no último capítulo.

Figura 5 – Fachada das casas históricas pertencentes a Johann Peter Schmitt (Atual Museu Comunitário Casa Schmitt Presser) e de Adão Adolfo Schmitt (atual Fundação Ernesto Frederico Scheffel) na rua General Daltro Filho no ano de 2009.



Fonte: Acervo Fundação Ernesto Frederico Scheffel (2009)

Hamburgerberg. ZIEGLER, (1998). As necessidades em termos de espaço e de um palco adequado levaram a diretoria (do Coral Frohsinn) a arrecadar recursos financeiros para instalar um palco no recém construído prédio de Adão Adolfo onde, provavelmente, desde 1892 estavam realizando suas reuniões. Neste local, além de salão de bailes foi cinema, hospital particular, teatro, igreja (quando da reforma da Igreja Evangélica de Hamburgo Velho). (ZIEGLER, 1988, Apud SCHEFFEL, 2013, p. 231).

⁴⁴ Segundo informações da Fundação Ernesto Frederico Scheffel, Johann Peter Schmitt foi um imigrante alemão que se estabeleceu como comerciante em Hamburgerberg por volta de 1825. Nasceu em Bechenheim Hessem, em 8 de junho de 1801. Com 24 anos chegou à colônia de São Leopoldo com a mãe e mais cinco irmãos. Dedicou-se, inicialmente, à navegação no Rio dos Sinos. Era pessoa influente na localidade e na região e seu nome identificava o lugar. Foi escolhido para exercer as funções de inspetor para as áreas de Estância Velha, Bom Jardim e Campo Bom, e, em 1861, foi eleito Juiz da Paz da Capela da Piedade do Hamburgerberg. Colaborou nas obras da Igreja Evangélica, Igreja Católica, escolas e em outras iniciativas de interesse comunitário na localidade. Sensível à música participava de um dos primeiros corais da região. Teve 20 filhos, sendo Adão Adolfo Schmitt seu último filho. Segundo SPERB (1983) as “vendas” eram os lugares de maior movimento na região colonial. Ali se realizavam operações comerciais, trocas de informações e encontros sociais. Os vendeiros eram “pessoas de prestígio e poder que se comunicavam direta ou indiretamente com a capital da província”. Eram bem informados e exerciam controle sobre as transações econômicas dos colonos e os interesses políticos.

Diversos documentos pesquisados referente ao período, entre eles reportagens publicadas nos jornais da região na década de 1970, apontam a iniciativa da comunidade pela preservação das Casas de Johann Peter Schmitt e de Adão Adolfo Schmitt e a importância histórica e social delas para a comunidade. A imprensa, juntamente com o movimento preservacionista, teve papel fundamental na conscientização e disseminação do patrimônio histórico edificado de Novo Hamburgo. Diante disso, quais foram os discursos empregados pelos meios de comunicação da região sobre Scheffel e o movimento preservacionista?

É notório, em diversas reportagens publicadas pelo Jornal NH, o apoio desse meio de comunicação ao movimento preservacionista. Porém, cabem aqui algumas considerações sobre o uso de jornal como fonte de pesquisa. De acordo com Márcia Espig (1998, p. 274), o uso do jornal possui

[...] uma série de qualidades peculiares, extremamente úteis para a pesquisa histórica. Uma delas é a periodicidade, os jornais constituem-se em verdadeiros arquivos do cotidiano, nos quais podemos acompanhar a memória do dia-a-dia e estabelecer a cronologia dos fatos históricos. Outra é a disposição espacial de informação, que nos permite a inserção do acontecimento histórico dentro de um contexto mais amplo. E outro aspecto singular do material jornalístico é o tipo de censura sofrida, pois a imprensa recebe apenas a censura instantânea e imediata, diferente de outras fontes que poderão ser submetidas a uma triagem antes de serem arquivadas (...) para os historiadores, o jornal é, antes de tudo, uma fonte onde se ‘recupera’ o fato histórico – uma ponte ou trampolim em direção à realidade – não havendo entretanto interesse por sua crítica interna”. (ESPIG, 1998, p. 274)

Esses arquivos do cotidiano, como destaca Espig, auxiliam na compreensão dos fatos históricos, mas sabe-se que os jornais são comerciáveis, com interesses e discursos que exercem influência no seu público leitor. Cláudio Pereira Elmir⁴⁵ salienta também sobre a consulta a um periódico enquanto objeto de estudo: “a imprensa não informa a história simplesmente... O jornal jamais pode ser visto como um dado, a partir do qual abstraímos os elementos de uma suposta realidade” (ELMIR, 1995, p.21).

O historiador que utiliza o jornal deve lembrar que não é o público receptor desse periódico, uma vez que foi feito para outros leitores. Portanto, ao trabalhar com o jornal, os historiadores devem fazer uma leitura criteriosa, diferente da de um leitor comum. As notícias analisadas para o presente trabalho apontam que os referidos jornais faziam matérias informativas apoiando a causa preservacionista, como se evidencia a seguir.

Conforme as tratativas para a criação do museu, Scheffel é destaque em reportagens na década de 1970 sobre sua preocupação em manter viva a história e a memória do bairro histórico de Hamburgo Velho, de origem germânica. Nas décadas de 1970 e 1980, Scheffel

⁴⁵ ELMIR, Cláudio Pereira. *As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica*. Cadernos do PPG em História da UFRGS. Nº 13-dez.1995.

juntamente com o Jornal NH, elabora matérias destacando o Movimento de Recuperação e Preservação do Patrimônio Histórico de Hamburgo Velho.

Dentre as diversas reportagens publicadas pelo Jornal NH na década de 1970, uma em particular chama a atenção. A reportagem intitulada: *A luta por uma lei que beneficie quem restaurar os prédios antigos* afirma:

A aprovação de uma lei municipal que isenta de impostos todos os proprietários de casas antigas que restaurá-las (...) o artista, apoiado por arquitetos e por autoridades municipais do Executivo e do Legislativo está batalhando para que a lei torne-se realidade⁴⁶. (JORNAL NH, 1970)

Na reportagem destacada acima, a comunidade é incentivada a preservar suas casas antigas e históricas. Outras reportagens salientam a iniciativa de Scheffel em prol da preservação da cidade, e o convidam a coordenar o Departamento de Conservação do Patrimônio Histórico⁴⁷. Liene Martins Schütz, em seu livro *Os Bairros de Novo Hamburgo*, expõe sobre o movimento preservacionista:

Foi fundado, em 1974 o Movimento Preservacionista em Novo Hamburgo, unindo historiadores, moradores, ecologistas, estudantes e interessados na Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de Novo Hamburgo. Iniciou com Frederico e Liene Martins Schütz para estender-se depois para um grande grupo do município. (SCHÜTZ, 2001, p.76).

Outra reportagem, intitulada *NH inicia a preservação de seus prédios antigos*⁴⁸, destaca as ações de preservação dos “últimos vestígios da imigração europeia no Vale dos Sinos”, referindo-se a contribuição que a APLUB – Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil – fez para custear a restauração da primeira loja colonial em Hamburgo Velho, da família Presser (Atual Museu Comunitário Casa Schmitt Presser). Scheffel conhece o doutor Rolf Udo Zelanowicz, representante da APLUB durante a Sesquibral, e logo se tornaram amigos. Rolf Udo Zelanowicz, atualmente, faz parte da diretoria da Fundação Ernesto Frederico Scheffel.

O prefeito de Novo Hamburgo, Miguel Schmitz, seu vice, Dr. Ivo Strimitzer, e os representantes do COMTUR, segundo Scheffel, deixaram a seu cargo a oportunidade de escolher algum prédio disponível na cidade com condições de ser recuperado para abrigar suas obras. Scheffel escolhe a casa de Adão Adolfo Schmitt⁴⁹:

⁴⁶ Reportagem publicada no Jornal NH com edição no dia 27 de Setembro de 1976.

⁴⁷ Reportagem publicada no Jornal NH com edição no dia 04 de fevereiro de 1977.

⁴⁸ Reportagem publicada na Folha da Tarde com edição no dia 14 de outubro de 1976.

⁴⁹ A casa de Adão Adolfo Schmitt foi um importante local de encontro da elite hamburguense, seja como salão de bailes, reunindo cantores da Sociedade Frohsinn Gesang Verein (Sociedade de Canto Alegria, posteriormente conhecida como Sociedade Aliança) ou até mesmo ensaiando peças teatrais. Também serviu de hospital durante epidemia de Tifo na região e, em 1937, foi instalado o grupo Escolar Antônio Vieira que permaneceu nesta casa até o final da década de 1960, segundo informações da Fundação Ernesto Frederico Scheffel (2017). Scheffel, ao

O prédio escolhido durante as Comemorações do Sesquicentenário da Imigração e Colonização Alemã em 1974, foi mandado construir em 1890 pelo agrimensor Adão Adolfo Schmitt, (1866-1937), logo após o seu casamento com Luise Karst e antes de completar vinte e quatro anos. A construção em alvenaria é obra dos irmãos Jacó Frederico Lipp e Henrique Lipp, imigrantes para o Brasil em 1885 (SCHEFFEL, 2013, p.230).

Para Pierre Nora (1993), “a memória, vivida por grupos sociais, é representação afectiva, em evolução”. Pode-se pensar que “a possibilidade do resgate da memória resulta de um somatório de objetos”, conforme destaca Janice Theodoro (1998). A memória pode surtir efeito na representação de um objeto, um prédio, uma fotografia e, até mesmo, uma obra de arte pode despertar a memória individual e coletiva. Theodoro também dá ênfase à memória quando afirma que

Se eu puder falar sobre o passado, se as lembranças puderem ser, sucessiva e criativamente instrumentalizadas no presente [...] A memória se salva, se puder ser repetida como história, se puder ser imaginada através de figurações individuais e coletivas” (THEODORO, 1998, p.66).

Segundo Michael Pollack, a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. “A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa” (POLLACK, 1999, p. 04). Scheffel se utiliza das suas lembranças, da sua memória individual para justificar a escolha do prédio de Adão Adolfo Schmitt dizendo:

Antes dos meus oito anos, relembro ainda, na companhia dos pais, eu vira o conjunto do centro de “Hamburger Berg” (viajando de ônibus) e, pensara comigo mesmo: Este é, certamente, o lugar mais bonito do mundo. Portanto, recuperar e conservar, enriquecendo o espaço com obras de arte e dando vida a atividades, artísticas e intelectuais, seria dar continuidade à obra do idealizador do prédio Adão Adolfo Schmitt (SCHEFFEL, 2013, p. 230).

O artista contou, certa vez a Reinheimer (2016), como escolheu esse prédio para virar o museu com seu nome e suas obras. Reinheimer menciona em entrevista: “Scheffel, certo dia, estava na Sociedade Aliança, no mirante do Monumento ao Imigrante e ao olhar lá de cima, observou o prédio que já abrigara a escola”, o grupo Escolar Antônio Vieira que estudou quando jovem. “Scheffel ficou observando a casa lá de cima e escolheu esse prédio, pois este seria demolido de qualquer forma, não seria mantido em pé” (REINHEIMER, 2016). O trecho a seguir, elucida as informações dadas:

O prazer secreto de conseguir salvar essa bela edificação, onde eu havia frequentado parte do meu curso primário, guardaria para mim. Ao mesmo tempo, era o lugar ideal como posição geográfica, uma esplêndida fachada com escadaria e sólidas

escolher este prédio como museu para abrigar suas obras, sabia da importância cultural dessa casa para a comunidade nos primórdios de Novo Hamburgo.

paredes internas para receber painéis, quadros, esculturas e contando com um espaço a ser usado para apresentações musicais (SCHEFFEL, 2013, p.230).

O local escolhido para abrigar as obras de Ernesto Frederico Scheffel, atualmente contando mais de 400 obras, foi um local de importância histórica e social ao longo dos anos em Novo Hamburgo. Esta casa, construída em 1890 por Adão Adolfo Schmitt, foi um espaço destinado para diversas atividades na comunidade: casa comercial da família Schmitt, cinema, hospital particular, teatro, igreja (durante a reforma da Igreja Evangélica de Hamburgo Velho). Na segunda metade da década de 1930 o prédio foi alugado pelo Governo do Estado para nele instalar o Grupo Escolar Antônio Vieira, local onde Scheffel estudara, como mencionado. Em 1974, foi desapropriado pela Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo para abrigar a Fundação Ernesto Frederico Scheffel (ZIEGLER, 1988, Apud SCHEFFEL, 2013).

Ângelo Reinheimer relembra o estado da casa antes da restauração do prédio: “Quando passava pela frente de ônibus, isso aqui era uma coisa enorme e cinza. Tudo cinza e caindo aos pedaços com crianças que ficavam na sacada. Era um cortiço, uma coisa horrível” (REINHEIMER, 2016). Na sequência de imagens a seguir, denominada Figura 6, montada pela autora do presente trabalho, pode-se observar e confirmar os relatos mencionados por Reinheimer durante entrevista. Todas as fotografias na Figura 6 foram tiradas por Ernesto Frederico Scheffel, em meados da década de 1970. É possível notar a precariedade na qual a casa se encontrava antes da sua restauração.

A primeira fotografia destaca a fachada externa da casa, enquanto que a segunda e a terceira fotografia revelam a fachada dos fundos da casa. Abandonada, sem nenhuma manutenção, seja na parte externa ou interna, como demonstra a última imagem, a casa se sobressai de forma lastimável. A seguir, acrescenta-se outra montagem feita pela autora. Essa montagem, denominada Figura 7⁵⁰, traz uma sequência de fotos atuais da casa após sua restauração, já abrigando o Museu de Arte Scheffel. São nítidos os resultados da restauração e da manutenção da casa.

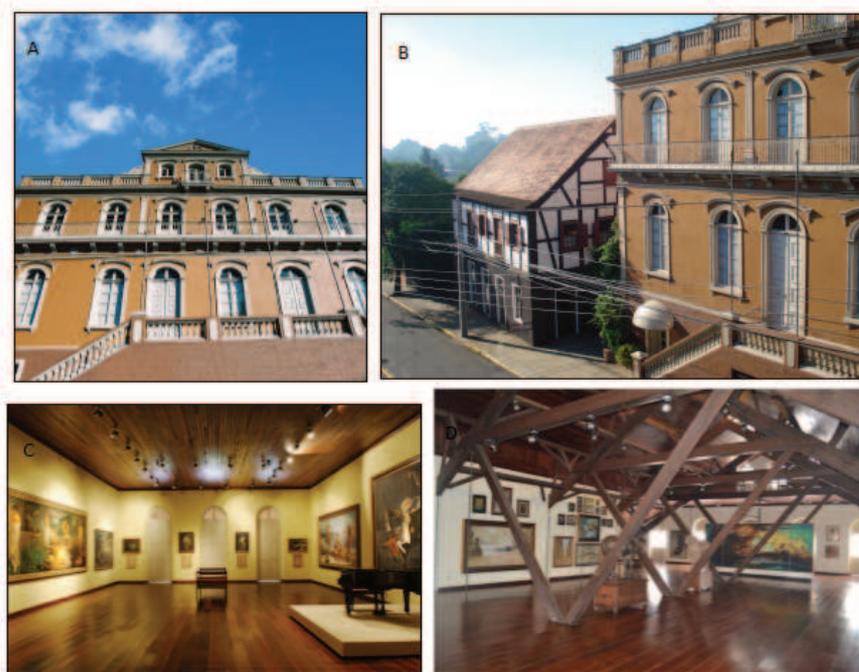
⁵⁰ Informações da Figura 7: a Imagem A, vista do imóvel é uma fotografia do ano de 2009. A Imagem B, com vista parcial da FEFS e da Casa Schmitt Presser, de autoria fotográfica de Ana Carolina da Fonseca, do ano de 2010. Imagem C: Foto do Auditório Adão Adolfo Schmitt, em homenagem ao construtor da casa. Imagem D: Foto interna do terceiro andar da FEFS.

Figura 6 – Fotografias Externas e internas da casa nº911, localizada na rua General Daltro Filho, bairro Hamburgo Velho em meados da década de 1970, antes da sua restauração para abrigar o Museu de Arte Scheffel.



Fonte: Acervo Fundação Ernesto Frederico Scheffel (2017)⁵¹

Figura 7: Fotografia Externa e interna da casa nº911, localizada na rua General Daltro Filho, bairro Hamburgo Velho após a restauração da casa, abrigando o museu de arte Ernesto Frederico Scheffel.



Fonte: Acervo Fundação Ernesto Frederico Scheffel (2017)⁵²

⁵¹ Montagem feita por Quésia Katúscia Gasparetto de Souza, historiadora da FEFS.

⁵² Montagem feita por Quésia Katúscia Gasparetto de Souza, historiadora da FEFS.

O prédio, há tempos desocupado e deteriorando-se, foi desapropriado por decisão de Miguel Schmitz, durante o final do seu mandato como prefeito de Novo Hamburgo, para recuperá-lo e nele instalar a Galeria de Arte Scheffel, em 1975, denominada em 1979 como Fundação Ernesto Frederico Scheffel, pela lei municipal nº 37/79⁵³, que nomeia como diretores de caráter vitalícios, o artista Ernesto Frederico Scheffel e o historiador Carlos Henrique Hunsche. Schmitz elaborou o projeto de restauração da Fundação Scheffel com o arquiteto Nelson Souza⁵⁴, amigo de Scheffel desde a Escola Técnica Parobé. “Arquiteto modernista muito importante no Estado que projetou entre outros, o primeiro Aeroporto Salgado Filho”, diz REINHEIMER (2016). Nelson Souza teve a colaboração da arquiteta e urbanista Enilda Ribeiro.

Em correspondências trocadas entre Scheffel e Nelson Souza, ao longo das décadas, salienta-se os trâmites envolvendo-os na restauração da FEFS, na década de 1970. Tais correspondências ainda não estão disponíveis para consulta na FEFS, pois estão em fase de catalogação. Portanto, as correspondências mencionadas a seguir são fontes consultadas e utilizadas pela primeira vez em um trabalho acadêmico.

Em 19 de setembro de 1973, Scheffel que estava morando em Florença, na Itália, escreve a seu amigo Nelson Souza. Nessa correspondência, Scheffel comenta que estava bastante emocionado com todas as gentilezas do novo prefeito, Miguel Schmitz e sobre a liberdade que estava lhe dando na escolha de um arquiteto de sua confiança. Dessa maneira, pergunta a Nelson Souza se estaria de acordo na conservação e adaptação do edifício em questão para museu: “Nelson, como és o meu arquiteto de confiança darei o teu nome e endereço na carta-resposta que deverá seguir nestes primeiros dias, endereçada ao prefeito de N. Hamburgo”. O arquiteto de confiança deveria restaurar, segundo Scheffel:

[...] toda a parte interna. Se me lembro bem, as salas do ex-grupo escolar Antônio Vieira de Hamburgo Velho são bastante amplas para este fim. Com certeza é necessário refazer todo o pavimento – são dois andares – é o edifício maior que existe em Hamburgo Velho: o edifício é a caráter colonial, típico do Vale dos Sinos. (SCHEFFEL, 1973).

⁵³ Através da lei municipal nº 37/79, o executivo municipal é autorizado a criar uma Fundação em Novo Hamburgo, designada Fundação Ernesto Frederico Scheffel, com duração indeterminada, com a finalidade de preservar, conservar, divulgar e expor ao público o acervo de valor artístico, cultural e educacional, da autoria do artista Ernesto Frederico Scheffel, doado à “Galeria de Arte Municipal” em 06 de junho de 1979, através de contrato. GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, 04 de outubro de 1979, Eugênio Nelson Ritzel, Prefeito Municipal.

⁵⁴ Nelson Souza e Scheffel estudaram juntos na Escola Técnica Parobé e desde então mantinham contato ao longo das décadas. Nelson foi perseguido político, durante a ditadura militar, por ser comunista. Reinheimer (2016)

Dois anos depois, momento em que Scheffel intercala Europa e Brasil, escreve outra correspondência ao amigo Nelson Souza, dessa vez com instruções sobre a fachada da Fundação, com desenhos e vários apontamentos.

Em agosto de 1975, Scheffel escreve a Nelson Souza pedindo que sugerisse ao prefeito Miguel Schmitz e ao oficial de gabinete, de fechar, por fora, o edifício a ser restaurado com as madeiras a serem arrancadas das divisões internas, sobrepostas.

Seria oportuno, fechar também, a parte que vai à casa antiga ao lado, a que será restaurada futuramente para evitar o tráfico do gênero humano que não se esforça em ajudar na conservação, mas ajuda a destruir o que existe, como as crianças amam tanto quebrar vidros e outras coisas. (Scheffel, 1975).

Nessa carta, Scheffel, ao mencionar a “casa antiga ao lado”, estava se referindo ao atual Museu Comunitário Casa Schmitt Presser. Em dezembro do mesmo ano, Scheffel recebe carta de Nelson Souza com informações sobre a entrega do projeto conclusivo da galeria. Scheffel, em carta resposta, escreve: “para ti é também um grande alívio poder gozar a restauração (no concreto) como espectador responsável, mas sempre espectador. Por que é que devemos sofrer, não? A vida é bela...” (SCHEFFEL, 1975).

Através da lei Municipal nº64/74, o prefeito Municipal de Novo Hamburgo, Miguel Schmitz, cria a galeria de Arte Municipal e da outras providências:

Art. 1º- Fica criada a “GALERIA DE ARTE MUNICIPAL” que será formada pelo acervo cultural de ERNESTO FREDERICO SCHEFFEL.

Art. 2º- Essa Galeria destinar-se-á a exposição permanente de obras do autor, sendo permitida a visitação pública mediante o pagamento de ingressos.

Parágrafo Único- A receita auferida com a venda de ingressos, será aplicada integralmente na conservação do prédio que servirá de local para a GALERIA DE ARTE, assim como as próprias obras.

Art. 3º- Fica também o Poder Executivo autorizado a tomar todas as medidas necessárias à restauração do prédio que será destinado à finalidade específica.

Art. 4º- O Poder Executivo também fica autorizado a firmar Termo de Contrato com ERNESTO FREDERICO SCHEFFEL, no que diz respeito a guarda e conservação de seu acervo artístico, de acordo com o que dispõem a minuta que faz parte integrante da presente Lei.

Art. 5º- Servirá de recurso para a despesa de que tratam os artigos anteriores, a verba orçamentária sob o código 4.1.1.0 - Obras Públicas.

Art. 6º- Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, aos vinte e oito (28) dias do mês de setembro do ano de mil novecentos e setenta e quatro (1974).

Durante as tratativas para a criação da Fundação Scheffel, artistas plásticos locais procuram o prefeito Eugênio Nelson Ritzel, entre eles Marciano Schmitz, para maiores esclarecimentos sobre ter um museu na cidade com obras unicamente de um artista local. Scheffel relembra em seu livro o que Marciano Schmitz havia lhe contado: “Em número de

oito colegas, solicitamos uma audiência e um maior esclarecimento acerca do contrato firmado pela Prefeitura e Ernesto Frederico Scheffel” (Scheffel, 2013, p. 262). Esses artistas locais pressionaram o poder público criando o Centro Municipal de Cultura, local destinado a artistas da região de ter a possibilidade de mostrarem seu trabalho. O Centro de Cultura foi criado antes da inauguração da Fundação Ernesto Frederico Scheffel. Nesse período, essa foi a única ação encontrada nas fontes que destaca um grupo de hamburguenses que não concordavam com a criação da FEFS.

Em outra correspondência, datada no mesmo período, dia 10 de agosto de 1978, Scheffel escreve a Nelson Souza notícias sobre a inauguração da Galeria Scheffel: “Então, mais novidades e mais novidades! Esta marcada a data para a inauguração da galeria “05 de novembro”. Vamos ver se em outubro me deixam entrar com os quadros/que a parte elétrica esteja pronta!” (SCHEFFEL, 1978). Através dessa correspondência, percebe-se o andamento da restauração da casa e a preocupação do artista tanto com a inauguração da FEFS, quanto as suas obras virem ao Brasil.

No dia 05 de novembro de 1978, sob a administração do então prefeito de Novo Hamburgo, Eugênio Nelson Ritzel, a Galeria de Arte Ernesto Frederico Scheffel abre. Após três anos de funcionamento, Scheffel conhece Ângela Tereza Sperb, que se tornaria sua amiga e aliada na preservação do bairro Hamburgo Velho. Começa uma nova etapa no bairro Hamburgo Velho.

2.4. POLÍTICAS PÚBLICAS PRESERVACIONISTAS NO MUNICÍPIO DE NOVO HAMBURGO: Seccional do Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho e a preservação dos prédios históricos Schulhaus e a Casa Schmitt-Presser (Ex-loja Presser)

Cristina Seibert Schneider (2014), em artigo intitulado *O patrimônio cultural e a construção de uma política pública local*, escreve sobre o patrimônio das cidades. Ressalta que as pessoas devem “se reconhecer, criar imagens, estabelecer vínculos e, por conseguinte, significados” (SCHNEIDER, 2014, p. 49). Ela destaca, ainda, que há um processo de construção entre as políticas públicas, os conselhos e a comunidade mediante debates e negociações sobre o que preservar. Esses debates, aos poucos, ganham espaço na cidade de Novo Hamburgo, conforme escreve-se nesse subcapítulo, mas destacam-se, primeiramente, os conceitos de políticas públicas e de identidade dos teóricos Funari, Pelegrini e Catroga. Com

esses conceitos, passa-se a relacionar as ações dos hamburguenses no âmbito das políticas públicas locais.

Segundo Funari e Pelegrini (2006), a implementação de políticas públicas de preservação devem partir do interesse da comunidade bem como integrar a sua identidade ao indivíduo. A identidade é resultante das diversas interações entre o indivíduo e seu ambiente social, como comenta Fernando Catroga, ao referir-se à construção da identidade, no seguinte trecho: “a identidade é uma construção social, de certa maneira sempre em devir, no quadro de uma relação dialógica entre o eu e o outro” (CATROGA, 2001, p.50). Portanto, o patrimônio em uma cidade adquire importância tanto do indivíduo como da comunidade através de representações que os identificam. Suas representações são dinâmicas e relativas. Quando este patrimônio passa a ter significado, há ações da comunidade no âmbito das políticas públicas.

Para compreender as articulações da comunidade pela preservação do seu patrimônio histórico, os atores sociais e suas redes devem ser analisados. Cada rede é uma configuração particular com contextos plurais e heterogêneos, com os atores determinando seu câmbio. Essas configurações sociais revelam os espaços e práticas sociais em lugares diferentes, podendo revelar os atores e permitindo compreender a rede e as inter-relações dos indivíduos.

Aplicando esses conceitos de identidade, políticas públicas, redes e atores sociais, este subcapítulo revela as práticas sociais de preservação no município de Novo Hamburgo. Scheffel e a comunidade desencadeiam ações preservacionistas além do bairro Hamburgo Velho, através da Seccional do Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho (MDACG/ Sec. NH) e do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural (COMAHC).

Scheffel conhece Leandro Silva Telles⁵⁵, presidente do Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho⁵⁶, através de ações pela preservação da Capela Nosso Senhor do Bom Fim, na capital do estado do Rio Grande do Sul, promovendo a defesa do patrimônio

⁵⁵ Leandro Telles, membro do Instituto Histórico de São Leopoldo, criou o Movimento do Acervo Cultural Gaúcho, reunindo trinta sócios. Foi diretor da Divisão do Patrimônio Histórico e Cultural da Secretária da Cultura, Desporto e Turismo, Presidente do Instituto Cultural Português, Curador da Pinacoteca Municipal, Membro da Academia Rio-Grandense de Letras e do Círculo de Pesquisas Literárias. Escreveu sobre a imigração alemã, o Patrimônio Cultural e sobre a História de Porto Alegre. Teve diversas obras publicadas. TELLES, Leandro Silva. *Manual do Patrimônio Histórico*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, Rio Pardo, Prefeitura Municipal, 1977.

⁵⁶ O Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho criado em 05 de outubro de 1976, na capital do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, tinha como objetivo defender o acervo cultural gaúcho em todos os seus aspectos: a prevenção, a preservação e a conscientização do patrimônio das cidades. TELLES, Leandro Silva. *Manual do Patrimônio Histórico*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, Rio Pardo, Prefeitura Municipal, 1977.

histórico da cidade de Porto Alegre. Este movimento estimulava a formação de seccionais do movimento no interior do estado do Rio Grande do Sul.

Telles desejava que cada cidade que “dispusesse de um Patrimônio Cultural apreciável fosse provida de uma seccional do Movimento” (TELLES, 1977, p. 74). Ainda assim, comenta que seria necessário, em cada cidade, ter fiscalização e ações de preservação, uma vez que o poder público encontrava dificuldades nesse sentido. Reuniões ligadas ao movimento preservacionista deveriam ser realizadas nas cidades a todos que se interessassem pelo assunto, podendo expressar suas opiniões.

Em 1977, Scheffel traz a Novo Hamburgo a ideia de Leandro Telles, criar uma Seccional do Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho. Através de sua rede de socialização, Scheffel contata Liene Martins Schütz, que já trabalhava com seus alunos a educação patrimonial. Ela relembra em entrevista: “o Frederico Scheffel me convidou para trabalhar, o que achava de nós fazermos uma comissão para trabalhar sobre Patrimônio Histórico. “Liene tu vai trabalhar a procurar pessoas para nos ajudar”.” (SCHÜTZ, 2017). Esta aceita e se encarrega de buscar “outros representantes da comunidade, sensíveis às nossas ideias” destaca Scheffel (2013, p.260).

Em reunião, promovida em 08 de junho de 1977, cria-se a Seccional do Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho em Novo Hamburgo, constituída por Ernesto Frederico Scheffel, a secretária de Educação de Novo Hamburgo, Sueli Copetti, o economista Gastão Spohr, Mauri Poisl, Norberto Michel, a professora Liene Schütz, o industrial Pedro Paulo Moraes, o professor Kurt Walzer, entre outros. Em sua primeira reunião foi determinado que a seccional do Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho em Novo Hamburgo teria, além do estatuto, um regimento interno e uma diretoria, ressalva SCHÜTZ (2015) em reportagem⁵⁷.

Esse estatuto tinha por finalidade, conforme o artigo 10, criar Comissões de Trabalho destinadas a divulgar o movimento na região e examinar o acervo cultural já levantado com quatro comissões. A primeira delas, a *Comissão de Divulgação*, era responsável por conscientizar a comunidade e as finalidades desse movimento, bem como, divulgar o desempenho das Comissões e do Movimento em Defesa do Acervo Cultural Gaúcho. A segunda, a *Comissão de Preservação de Prédios, Monumentos, Paisagem Urbana e a Avaliação do Acervo Cultural*, tinha que assegurar que fossem preservados os prédios e monumentos com valor histórico à comunidade e tomar medidas sobre o “desrespeito à

⁵⁷ Reportagem publicada no Jornal NH, com edição no dia 16 de julho de 2015, intitulada *Hamburgo Velho, patrimônio nacional*. SCHÜTZ (2015)

memória”, e avaliar o que foi preservado. A terceira Comissão, denominada *Comissão Histórico-Cultural*, deveria promover o levantamento histórico e cultural sobre o município, registrar, preservar e divulgar junto à comunidade com ações culturais. E a última comissão, *Comissão de Relações Públicas*, era responsável por colaborar com as demais, promovendo encontros socioculturais na comunidade e a confraternização entre os associados do movimento, que se encontravam na *Casa Velha*⁵⁸.

Schütz (2017), através de entrevista, comenta sobre as ações culturais dos associados do movimento preservacionista em realizar palestras nas escolas da região. “Eu nunca me esqueço que, em dois anos, fiz 200 palestras nas escolas e os outros associados também faziam” (SCHÜTZ, 2017). Como os interessados se associavam a esse movimento? Liene Schütz explica que “tinham que ser pessoas com formação pedagógica, pessoas que tinham uma experiência, de preferência professores, mas outras pessoas também podiam se associar. E nós tivemos a primeira comissão, foi uma comissão muito grande”. Schütz explica que o primeiro acervo ambiental e arquitetônico foi levantado pelos associados, e possuía uma quantidade expressiva de material. Outra ação, também segundo Schütz (2017), foi a de sensibilizar a câmara de vereadores, enfatizando que “foi um processo civilizatório cultural preservacionista de formiguinha. Mas deu certo porque depois temos o anteprojeto de preservação de 1986”, referindo-se a um anteprojeto elaborado na década seguinte, em 1986.

Schütz (2017)⁵⁹ ressalva esse movimento ao dizer:

Não foi difícil achar as pessoas para participar do movimento, eram professores, colegas da gente... Foi uma luta muito difícil. Alguns diziam que o poder público não tinha direito sobre a propriedade dos prédios, interferir na sua existência. Era uma mentalidade complicadinha. Ao lado disso, tinham outros que achavam que era interessante. Por isso que a gente ia mexendo. (SCHÜTZ, 2017)

Outros colaboradores desse movimento foram Tajo Damaceno Ferreira, da Secretária de Cultura de Novo Hamburgo, o professor Plínio Dall’Agnoll e o arquiteto Aloísio Daudt. “A Seccional de Novo Hamburgo se manteria na ativa até meados da década de 1980” (SCHEFFEL, 2013, p.260).

A seguir, destaca-se o convite enviado aos membros participantes do Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho Seccional de Novo Hamburgo (1977):

⁵⁸ Surgido em 10 de abril de 1977, a “Casa Velha” foi um movimento cultural em Hamburgo Velho, desencadeado pelos artistas plásticos Flávio Scholles, Marciano Schmitz e Carlos Alberto de Oliveira. Carlão. Scholles resume a representatividade da ação: “Foi o primeiro movimento artístico a antever a globalização”, declara. Desse movimento, com duração de dois anos e meio, surgiram diversos artistas na região. De acordo com o site <<https://www.novohamburgo.rs.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=70137>> Acesso em 08 de setembro de 2017.

⁵⁹ Liene Schütz concedeu entrevista no dia 16 de junho de 2017 a respeito do movimento preservacionista.

Tendo em vista que o próximo dia 17 do corrente é a data consagrada ao Patrimônio Histórico, temos o prazer de convidar V.S. para a reunião que faremos realizar nesse dia, às 20h30, tendo como local nossa sede provisória, a CASA VELHA – Convívio de Arte. Pretendemos, assim, com a presença de nossos associados e amigos, marcar com nossa homenagem a passagem desse efêrito, a qual estamos todos ligados. Na ocasião, daremos notícias das atividades exercidas até agora, bem como os nossos planos futuros. Agradecemos de antemão a valiosa presença, subscrevemos-nos com atenciosas saudações. Saudações acervistas. Tajo Damaceno Ferreira (Presidente). Novo Hamburgo, 11 de agosto de 1977.

É interessante destacar nesse convite a importância dada ao dia do patrimônio histórico. Sabe-se que o “patrimônio histórico e cultural não nos remete apenas ao passado, mas nos situa no presente e nos permite projetar o futuro”, mencionam Ângela Tereza Sperb e Patrícia Rosina Stoffel Hansen (2014, p.43). As mesmas destacam que o patrimônio histórico e cultural “ não é um bem ou recurso renovável, pois não podemos reproduzi-lo no que essencialmente foi, mas é um bem e um recurso inovável, a partir e sobre o qual podemos criar, recriar e inovar ” (SPERB e HANSEN, 2014, p. 43).

Schütz (2015)⁶⁰ complementa essa ideia na seguinte reportagem:

A secretária de Educação na época, Sueli Copetti, sugeriu que os arquitetos devessem orientar as pessoas de como poder valorizar os prédios antigos, ditos históricos aos proprietários. “*Eles ficarão orgulhosos em residir num prédio que ficará para a história*”. A primeira legislação elaborada recebeu o veto pelo poder público municipal, por estar receoso para a lei preservacionista pelas responsabilidades que caberia ao município com aprovação da lei. (SCHÜTZ, 2016)

Através da lei municipal nº 44/77, a prefeitura de Novo Hamburgo cria o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural (COMAHC). Essa lei tinha como principal incumbência, assessoramento e colaboração com a administração municipal em todos os assuntos relacionados com Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural, cabendo-lhes opinar sobre a inclusão de bens no patrimônio, fazer sugestões, dar pareceres em pedidos de demolições e qualquer outro aspecto sobre bens imóveis e móveis que tenham significação histórica, artística e cultural para o município (PREFEITURA Municipal de Novo Hamburgo, 1977).

Em 1977, o projeto de lei 44/77, criado pelo prefeito de Novo Hamburgo, Miguel Schmitz, proporcionava a liberação do pagamento de imposto predial para aqueles que restaurassem suas casas, conforme destaca a reportagem *Conservar prédios antigos, uma obrigação com o nosso tão descuidado patrimônio histórico*. “Através da conscientização da população, é possível a luta de toda a comunidade por uma causa como esta [...] é preciso que se forme uma tradição para se ter uma base cultural”. A reportagem salienta o convite feito,

⁶⁰ Reportagem publicada no Jornal NH, com edição no dia 16 de julho de 2015, intitulada *Hamburgo Velho, patrimônio nacional*. (SCHÜTZ, 2015)

pelo Executivo, ao artista Ernesto Frederico Scheffel à responsabilidade pelo Departamento de Patrimônio Histórico, criado poucos dias antes.

A lei municipal nº 34/78 cria o Museu do Patrimônio Histórico, Cultural e Artístico de Novo Hamburgo, sob responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação. Pode-se perceber, através dessa lei, o “interesse” dos órgãos públicos da cidade de atender as “necessidades e aspirações da comunidade” como este destaca. Questiona-se, pois, quais necessidades seriam essas? Quais interesses esses órgãos públicos aspiravam?

As reportagens vinculadas no final dessa década, juntamente com as ações a seguir, ressalvam o jogo de interesses dos políticos e dos órgãos públicos.

A reportagem intitulada *Defesa da Cultura Teuto-brasileira no Cinquentenário de Novo Hamburgo*⁶¹ salienta o discurso político da valorização da germanidade na região e o apoio ao movimento preservacionista, que tinha a simpatia dos hamburguenses. Essa reportagem destaca a comemoração aos Cinquentenário de Novo Hamburgo e convida todos os hamburguenses a reconstruir a cidade com o slogan “Venha viver NH”. O objetivo desse slogan, segundo reportagem era “atingir a população local, conscientizando-a dos valores tradicionais do município e da região” menciona Leopoldo Petry em reportagem⁶², presidente da comissão do cinquentenário. Enfatiza-se, nessa reportagem, o discurso do político Eugênio Nelson Ritzel, que antecipara as eleições e apoiava o movimento iniciado pelo pintor Ernesto Frederico Scheffel “de preservar os costumes e tradições germânicas no Rio Grande do Sul e na cidade de Novo Hamburgo e da sua arquitetura”, conforme revela a reportagem.

Outras ações a serem mencionadas nessa década se referem à preservação de duas casas de valor histórico no município, visto que uma casa, enquanto cultura material, tende a manutenção da memória que narra a coletividade de um grupo. As construções preservadas são o prédio da antiga *Schulhaus* (que significa “escola” na língua alemã) e a casa que acomodou a primeira venda comercial de Johann Peter Schmitt, conhecida como “ex loja Presser”. Destaca-se, a seguir, a mobilização pela preservação dessas casas através das memórias do artista Scheffel, escritas em sua autobiografia.

Cabe lembrar os cuidados com a "ilusão biográfica" gerada pelos arquivos pessoais. Conforme Heymann (1997) destaca

O indivíduo, ao contar sua vida ou expor suas memórias, atua como ideólogo de sua própria história, selecionando certos acontecimentos significativos em função de uma intenção global e estabelecendo entre eles conexões adequadas a dar-lhes

⁶¹ Reportagem publicada no Jornal Correio do Povo, com edição no dia 25 de março de 1977.

⁶² Leopoldo Petry foi professor, escritor, historiador, jornalista e político influente na cidade de Novo Hamburgo. Com a emancipação de Novo Hamburgo, em 1927, tornou-se o primeiro prefeito eleito da cidade.

coerência, gerando sentidos a partir de uma retórica ordenadora da descontinuidade do real; trata-se de um esforço de representação, ou melhor, de produção de si mesmo. (HEYMANN, 1997, p.44)

Para evitar a “descontinuidade do real”, conforme destaca Heymann, outras fontes, também foram utilizadas. Essas evidenciam a atuação de Scheffel em mobilizar os órgãos públicos com a ajuda do prefeito Miguel Schmitz no final de seu mandato.

Scheffel (2013) relata, em seu livro, que em setembro de 1976 “estava no lugar certo na hora certa”, pois estava na sala de espera do gabinete do prefeito Miguel Schmitz, quando esse o chama. Miguel Schmitz, tenso, lembra Scheffel, chama-o para falar sobre o prédio da antiga *Schulhaus*. Essa casa estava prestes a ser demolida para dar lugar a um edifício; a justificativa dava-se ao discurso de ideia de progresso e expansão urbana municipal. Scheffel juntamente com Schmitz convencem o chefe do setor de urbanismo da prefeitura a não demolir a casa. Jornais da região, nos anos seguintes, publicam notícias sobre o andamento dessa preservação que se estende ao mandato de Eugênio Nelson Ritzel.

Segundo reportagens de 1979, a prefeitura sob o mandato de Eugênio Nelson Ritzel, tomaria posse do prédio que funcionou a primeira escola do município, localizada na Praça da Bandeira, nº 66, diante do Palácio Municipal. Nesse prédio, seria realizada uma concorrência pública para escolher a empresa que se encarregaria da sua recuperação, considerado patrimônio histórico do município⁶³. O prédio em questão, seria o *Schulhaus*, salvo anos antes por Scheffel e Schmitz, como mencionado no parágrafo anterior.

Esse prédio, um dos mais antigos da cidade de Novo Hamburgo, datado de 1909, foi preservado e sediará a Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis. Sua restauração seria realizada “dentro de um padrão que conservaria o seu patrimônio histórico”, comenta o chefe do Departamento de Cultura da Semec, Dejair Krumenan. Em 1978, conforme informações oficiais da prefeitura de NH, a edificação foi tombada como patrimônio público e, em 18 de fevereiro de 1982, foi entregue à população como definitiva sede da Biblioteca.

Outra ação, nessa década, a ser mencionada, foi a mobilização de Scheffel e do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural – COMPHC em torno da preservação do imóvel mais antigo no município considerado um marco para a história de *Hamburgerberg*, a Casa Schmitt-Presser. Dias antecedentes a Páscoa de 1975, segundo Scheffel (2013), seu irmão Nelson Scheffel, o convidara para o batizado do filho de Roque Schmitz, irmão de Miguel Schmitz (então prefeito de Novo Hamburgo). Scheffel encontra diversos amigos e conhecidos, entre eles a professora Norma Zerves. Na ocasião, a mãe de

⁶³ Conforme publicações do Jornal NH nas edições do dia 03 de abril de 1979 e do dia 20 de setembro de 1979.

Miguel Schmitz o convida para se juntar à família para o almoço e jantar de Páscoa, a serem realizados nos próximos dias.

No término do batizado, Scheffel, ao se despedir dos amigos, recebe uma mensagem, através de um sussurro em seu ouvido, dado pela professora Norma Zerves, “estavam desmanchando a ex-loja Presser... O modo como o disse parecia uma mensagem do meu interesse” (SCHEFFEL, 2013, p. 232). Percebe-se, por este comentário, a repercussão das ações de Scheffel sobre a preservação da cidade. Pessoas passam a dar informações a Scheffel sobre possíveis casas, com grande valor histórico, a serem demolidas, como a Casa Schmitt.

Em seu livro, Scheffel deixa transparecer sua angústia ao se deparar com a realidade em que se encontrava a “ex-loja Presser” e a repercussão de seu almoço com a família de Miguel Schmitz:

Em visita ao local, confirmei uma parcial demolição do anexo da Casa Schmitt: cozinha, o forno de pão do padeiro Reiss, galpões e o espaço que serviu de senzala. Internamente, armários e balcões da loja. Uma limpa completa! O trabalho era feito pelos fundos, usando uma carrocinha puxada por um cavalo. O material era vendido em uma comunidade carente, conhecida na época como “Favela na Faixinha” [...] Creio que eu dispusesse de uns três dias para realizar um desenho a pastel, para o registro da casa, pensando no almoço de Páscoa no domingo próximo, quando teria a ocasião de mostrar algo de concreto ao nosso prefeito. Foto não servia... Sou comumente o primeiro a chegar, tenho algo para mostrar – fora do comum, nesse domingo de Páscoa, na residência da senhora Schmitz. (SCHEFFEL, 2013, p.232)

Scheffel reproduz um desenho da casa de João Pedro Schmitt com o propósito de sensibilizar o prefeito Miguel Schmitz, e leva este desenho consigo no almoço realizado na família Schmitz, no dia seguinte. Lá ele mostra o trabalho a todos os presentes e, ao ser questionado sobre a obra, comenta que se tratava de uma casa velha em Hamburgo Velho (SCHEFFEL, 2013).

Scheffel salienta que na ocasião ameaçou romper seu contrato de ter um museu com obras exclusivamente suas, assinado um ano anterior, devido a situação na qual a casa de Joahnn Peter Schmitt se encontrava, prestes a ser destruída, assim destaca:

O prefeito contornou rapidamente a situação inesperada e conseguiu bloquear-me: ‘Frederico, se está ocorrendo o que dizes, não perderemos tempo. Mas, agora, estamos reunidos para comemorar a Páscoa’. Lembrou-me com gentileza. ‘Convidarei algumas pessoas a nos acompanharem até lá, daqui a pouco’. (SCHEFFEL, 2013, p. 234).

No trecho destacado acima, novamente percebe-se os jogos de interesses. Scheffel ameaça romper seu contrato de criar um museu com suas obras (atual FEFS), caso medidas não fossem tomadas pelo prefeito Miguel Schmitz. Scheffel nesse momento sabia do poder

que tinha em suas mãos e dos interesses políticos por trás da criação da galeria de arte. O prefeito consegue contornar a situação.

Scheffel relata, ainda, em seu livro que após perceber que a casa em questão estava a ser demolida, consegue entrar em contato com o proprietário, Pedro Moraes e após encontro entre esse, garantiu que a “limpa do terreno seria suspensa”.

No presente capítulo, optou-se por mencionar que a casa Schmitt conseguiu ser preservada, mas os detalhes de sua preservação serão analisados no próximo capítulo, já que a mesma será tombada, a nível nacional, em 1985.

Encerra-se este capítulo destacando que com o movimento preservacionista iniciado nessa década foi possível evitar a demolição de três emblemáticos casarões no município de Novo Hamburgo, dois destes localizados em Hamburgo Velho, utilizados atualmente pela comunidade. A primeira delas, a casa de Adão Adolfo Schmitt, atual Museu de Arte Fundação Ernesto Frederico Scheffel, local de encontros, debates e reuniões sobre preservação. A segunda casa de Johann Peter Schmitt, que abriga, desde 1992, o Museu Comunitário Casa Schmitt Presser, e a terceira casa, preserva uma das primeiras escolas na cidade, sede atual da Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis. A comunidade se utilizou dos seus bens culturais, tornando o passado vivo.

3 HAMBURGO VELHO: ESTRATÉGIAS ADOTADAS PARA A SUA PRESERVAÇÃO NA DÉCADA DE 1980

Ernesto Frederico Scheffel e membros da Seccional do Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho (MDACG/ Sec. NH) conseguiram preservar três casas históricas no município de Novo Hamburgo, na década de 1970. Duas dessas localizadas no bairro histórico de Hamburgo Velho. Essas conquistas foram pequenas se comparadas com as mobilizações desencadeadas na década subsequente.

Porém, antes de analisar neste capítulo as ações preservacionistas no bairro Hamburgo Velho, no âmbito municipal, na década de 1980, apresenta-se uma breve retrospectiva das políticas públicas no âmbito Nacional e no Estado do Rio Grande do Sul.

A implantação de políticas públicas no Brasil, ocorreu tardiamente se comparada com outros países. Segundo Márcia Chuva e Antonio Gilberto Ramos Nogueira (2012), no livro *Patrimônio Cultural: Políticas e Perceptivas de Preservação do Brasil*, o país se preocupou tardiamente com a questão da preservação do Patrimônio Nacional. Através da lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, o Artigo 1º destaca que constitui como patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

Com a Constituição de 1937, e mais tarde a promulgação da Constituição de 1946, a gestão do patrimônio manteve-se submetida ao Estado brasileiro, reforçam Pedro Paulo Funari e Sandra de Cássia Araújo Peligrini (2006). Nos governos de Getúlio Vargas (1930-1945), foram criadas diversas instituições em prol do Patrimônio Histórico Nacional. Entre elas a lei nº 378, que designa a criação do SPHAN⁶⁴ – Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, atualmente Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN⁶⁵ e o Conselho Nacional de Cultura em 1938. Essas leis criadas no governo Vargas, embora tenham sofrido inúmeras mudanças ao decorrer dos anos, estavam conectados aos compromissos firmados entre a UNESCO e os países da Convenção do Patrimônio em anos posteriores.

A preocupação da formação da identidade nacional no governo Vargas estava estritamente relacionada às escolhas e às ações do IPHAN sobre o que preservar e para quem.

⁶⁴ Criado em 1936 na pasta de Educação e Saúde Pública do ministro Gustavo Capanema.

Segundo Schneider, as escolhas e a trajetória do IPHAN sobre o que tombar tinha como característica a “cultura monumental, ocidental, branca e católica”, deixando de lado as demais culturas (SCHNEIDER, 2014, p.47). Schneider ainda informa que o período democrático (de 1945 a 1964) marcou um “retrocesso no desenvolvimento da cultura brasileira” (SCHNEIDER, 2014, p.47).

As políticas públicas referentes à proteção patrimonial variam de acordo com os conceitos de identidade nacional dos governos que se sucedem. Enrique Saravia comenta sobre o conceito de políticas públicas:

as políticas públicas referem-se a um fluxo de decisões públicas, orientado a manter o equilíbrio social ou a introduzir desequilíbrios destinados a modificar essa realidade. Decisões condicionadas pelo próprio fluxo e pelas reações e modificações que elas provocam no âmbito social, bem como pelos valores, ideias e visões dos que adotam ou influem na decisão. É possível considerá-las como estratégias que apontam para diversos fins, todos eles, de alguma forma, desejados pelos diversos grupos que participam do processo decisório. A finalidade última de tal dinâmica – consolidação da democracia, justiça social, manutenção do poder, felicidade das pessoas – constitui elemento orientador geral das inúmeras ações que compõem determinada política. [...] é um sistema de decisões públicas que visa a ações ou omissões, preventivas ou corretivas, destinadas a manter ou modificar a realidade de um ou vários setores da vida social, por meio da definição de objetivos e estratégias de atuação e da alocação dos recursos necessários para atingir os objetivos estabelecidos. (SARAVIA, 2006 p.29-30)

A partir de 1970, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) modificou seu posicionamento com relação à política de preservação. Segundo Chuva (2012), o IPHAN teve mudanças internas com novas abordagens para os bens culturais, incentivando a participação popular, em ações, consultas e debates. Em 1973 o governo federal passa a se dedicar na recuperação dos bens de *pedra e cal*, estimulando nestes locais o turismo.

Em 1979, foi criada a Fundação Nacional Pró-Memória com o objetivo de driblar os entraves burocráticos e agilizar a captação de recursos para realizar programas e projetos na área da cultura. Nesse momento, a cultura popular passa a ser valorizada, sob a coordenação de Aloísio Magalhães, “o que conferiu a ele o status de renovador das políticas culturais no Brasil” (FUNARI e PELEGRINI, 2006, p. 49), pois incentivou em diversas regiões do Brasil momentos de debates sobre patrimônio e cultura.

No Rio Grande do Sul, a preocupação pela preservação de bens culturais já estava presente, segundo Meira (2008, p.220), no Regulamento de Terras de 1922, no qual consta um capítulo intitulado “Lugar Histórico” que estabelece no seu Artigo nº24 que serão “mantidos no domínio público ou trazidos para este e devidamente conservados, os lugares notabilizados por fatos assinalados da evolução do Estado”. O primeiro tombamento teve

início no Acervo do Museu da União dos Caixeiros Viajantes, em Santa Maria, em 25 de março de 1938.

Em 1978, foi promulgada a lei estadual nº 7.231, em 18 de dezembro, dispondo de instrumento legal e jurídico para a efetivação da ação de preservação – a Lei do Tombamento Estadual, sendo aplicada pela primeira vez no tombamento da Ponte 25 de Julho, na cidade de São Leopoldo, em 1980 (RODRIGUES, 2010, p.24).

A década de 1980 estimulou a preservação de espaços de convívio com a abertura democrática do país com o fim da ditadura militar. Agora, não se preservava apenas fachadas e prédios, mas passou a haver preocupação com a história e memória local. Há um aumento nos tombamentos em nível estadual, podendo citar no estado do Rio Grande do Sul, e como história local em Novo Hamburgo, a Casa Presser, 1113-T-84 em 30/09/1985, disponível do livro Tombo.

Ao adentrar a década de 1980, um pequeno grupo de moradores do município de Novo Hamburgo, bairro Hamburgo Velho, se mobiliza em preservar o patrimônio desse bairro comparado a uma rosa que linda e bela encanta a todos, mas seus espinhos também ferem. Esse grupo de pessoas sonha, idealiza, mobiliza e age. Semeia ações que geram nos moradores de Hamburgo Velho reações divergentes, de aprovação, repúdio e incertezas. O novo dá medo, assusta e pode ferir, assim como os espinhos da rosa. Cinco pessoas se tornam 20, 30, 60 membros, e a comunidade presencia a luta pela preservação de um bairro e de uma cidade que não possuía leis de preservação selecionadas ao patrimônio edificado.

Pensando em sensibilizar a comunidade na preservação do bairro Hamburgo Velho, Ernesto Frederico Scheffel e Angela Tereza Sperb dialogam, fazem levantamento histórico e recolhem dados referentes a leis nacionais de preservação ao longo daquela década. Através de leis, aprofundam seus conhecimentos teóricos sobre patrimônio histórico para colocá-los em prática, tendo o apoio e auxílio tanto de moradores do bairro quanto de pessoas ligadas à órgãos de preservação (SPHAN). O objetivo da ação era “conservar as características do acervo histórico e cultural da cidade, como um patrimônio autêntico de valores insubstituíveis” (Scheffel, 2013, p.272).

3.1 MOVIMENTO DE RECUPERAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE HAMBURGO VELHO

Faço um apelo veemente à população de Novo Hamburgo e, principalmente, às 50 empresas imobiliárias ativas, no sentido de não negociarem e demolirem os casarões e casas tradicionais ou construir edifícios e casas de mais de 2 andares nas áreas localizadas entre Hamburgo Velho e Travessão, pelo fato de Hamburgo Velho ser um verdadeiro centro Histórico, a joia do Vale do Sinos, a ser recuperado, preservado como valor cultural arquitetônico-histórico, de importância indiscutível e insubstituível [...] Se a Prefeitura Municipal, através da Câmara Municipal, não for capaz de criar um plano diretor adequado à nossa cidade, controlando o jogo caótico da construção e da destruição irrecuperável do patrimônio ambiental urbano de Novo Hamburgo, tanto o Conselho Municipal de Preservação do Acervo Histórico e Cultural quanto o Movimento Gaúcho de Preservação do Acervo Histórico e Cultural deverão, unidos, mover um programa de integração: construção moderna atual, com a preservação monumental da arquitetura histórica, que é o nosso patrimônio ambiental urbano, já integrado. Só trabalhando lado a lado faremos de Novo Hamburgo a joia do Vale dos Sinos. (SCHEFFEL, 1980)⁶⁶

Iniciou-se este subcapítulo com o manifesto supracitado, para mencionar a situação que se encontrava a cidade de Novo Hamburgo no início da década de 1980. O setor imobiliário do município estava pondo abaixo suas edificações em prol do lucro. Muitas dessas edificações com estimado valor histórico e cultural. Até então, não existia um plano diretor no município visando equilibrar presente, passado e futuro. Este apelo foi referido por Ernesto Frederico Scheffel, em nome do Conselho Municipal de Preservação do Acervo Histórico e Cultural e do MDACG/ Sec. NH.

Menciona-se o nome de Scheffel enquanto coordenador, mas esse não se mobiliza sozinho já que o mesmo sempre intercalou sua vida entre o Brasil e a Itália. Enquanto Scheffel permanecia na Europa por períodos de semanas a meses, se correspondia com amigos e membros do Movimento da Seccional na região, destacando Angela Sperb que lidera as ações na ausência do amigo, ao longo da década de 1980. Com essas correspondências, foi possível compreender a rede de relações das pessoas engajadas pela preservação de Hamburgo Velho, enquanto fonte de pesquisa, os entraves entre o movimento de preservação *versus* poder público e o embate entre o movimento de preservação *versus* moradores de Hamburgo Velho.

No final de 1979 e início de 1980, os membros da Seccional do Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho de Novo Hamburgo (MDACG/ Sec. NH), tendo como Presidente Plínio Dall'Agnol, vice-presidente Liene Maria Schütz e Ernesto Frederico Scheffel, secretária Ângela Tereza Sperb, tesoureira Sheila Fleck entre outros, reuniam-se na

⁶⁶ Reportagem publicada no Jornal NH, intitulada *Scheffel faz um apelo para a preservação do patrimônio Cultural de Novo Hamburgo*. Edição do dia 27 de maio de 1980.

sala de Ernesto Frederico Scheffel, atual Fundação Ernesto Frederico Scheffel (SPERB, 2018). Elaboravam estratégias e documentos de “caráter administrativo” a serem levados à prefeitura, visando promover a integração entre a construção moderna e a preservação do patrimônio histórico.

Em entrevista, Angela Tereza Sperb, menciona que estes documentos elaborados pela Seccional, quando encaminhados a prefeitura “caía num buraco negro, era o mesmo que não encaminhar nada. Mas a gente enviava. A seccional encaminhava sistematicamente documentos à prefeitura” (SPERB, 2018). Normalmente não se tinha retorno da prefeitura, e quando o tinha, segundo Sperb, eram respostas padrões agradecendo ou dizendo que iam pensar sobre o assunto e ver o que poderiam fazer.

Incomodados com essa falta de interesse da prefeitura, Scheffel e Sperb decidem fazer algo mais efetivo na cidade, escolhendo o bairro Hamburgo Velho como foco. A escolha do local, segundo Sperb, deu-se devido à importância histórica do bairro, núcleo inicial da cidade, como mencionado no capítulo anterior.

Scheffel e Sperb usam o passado para legitimar suas ações do presente. Com suas ações conscientes, utilizam a memória do passado para mobilizar a comunidade hamburguesa na preservação de prédios e monumentos históricos. A primeira ação de preservação, na década em questão, ocorreu em novembro de 1980. Sperb e Scheffel, juntamente com um pequeno grupo de moradores, criam no bairro um movimento voluntário chamado Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho. O objetivo desse movimento era conscientizar a população do seu patrimônio histórico edificado, conservando as características do seu conjunto arquitetônico. Queriam “reviver Hamburgo Velho”. Este movimento atuou na cidade até o ano de 1983.

Para auxiliar nessa conscientização, esse grupo de moradores pede apoio do Jornal NH. Cria-se uma aliança entre o Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho e o Jornal NH, encetando campanhas em prol da preservação e “embelezamento da cidade”.

Em diversas reportagens pode-se observar como esta campanha foi realizada. A comunidade era convidada a recuperar os prédios históricos da cidade, em particular do bairro Hamburgo Velho, através de mutirões. Esses mutirões consistiam em pintar as fachadas dos prédios e fazer pequenas adaptações deixando-os com mais características da época em que foram construídos⁶⁷. As adaptações consistiam em colocar floreiras nas fachadas, ideia

⁶⁷ Houve um período, no pós guerra (final da década de 1940 e 1950) que muitas das casas de Hamburgo Velho tiveram suas fachadas alteradas. Mudaram a abertura, janelas e portas. Tiravam as platibandas todas decoradas e

idealizada por Scheffel, que elaborava projetos com desenhos, sugerindo também modificações de cores nas casas históricas. Essa escolha visava, no futuro, uma harmonia de cores com os demais prédios existentes⁶⁸.

Neste trabalho, faz-se uso da história oral para compreender, através da memória dos entrevistados, as suas histórias, lembranças e intenções, que não podem ser compreendidas somente com documentos escritos. Utiliza como suporte teórico Paul Thompson. Para Thompson (1999, p.44) conforme citado por Reinheimer e Smaniotto (2014, p.245), afirma que a história oral é “uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo”. Destaca-se ainda que a história do entrevistado leva para “dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade”. (THOMPSON 1999, p.44 Apud REINHEIMER;SMANIOTTO, 2014, p.245). Partindo das observações de Thompson, apresentam-se alguns depoimentos realizados com algumas pessoas da comunidade engajadas em preservar o bairro. Assim, Angela Sperb comenta como tiveram a ideia de pintar a fachada dos prédios

Nessa busca do que fazer, um dia (Scheffel e eu), indo a Gramado, para visitar Carlos Hunsche, nós vimos em Linha Araripe, uma Igrejinha em enxaimel. Diz o Scheffel, “quem sabe a gente pinta essa Igrejinha”? Fomos. Não sabíamos a qual comunidade pertencia a igreja. Scheffel comprou as tintas e a gente foi num domingo: ele, eu, e os arquitetos Hannelore Roeben e Pedro Bühler. E um monte de sanduíches que a Lia (irmã do Scheffel) havia preparado para ficarmos lá o dia todo, um piquenique. Começamos a pintar dando destaque ao enxaimel: as madeiras em marrom bem escuro e as paredes brancas. As escadas, emprestamos de pessoas da comunidade[...] Enfim, pintamos a igreja que até hoje é conservada como a deixamos, pois não tinha o enxaimel em destaque. Quando chegamos em Gramado, Hunsche disse que isso era notícia de jornal e fez contato com o jornal local. Aquela experiência nos deu a ideia de fazer o mesmo em Hamburgo Velho. (SPERB, 2018)

Fica claro no discurso acima, que a ideia de pintar as fachadas dos prédios começou ao acaso. Os arquitetos Hannelore Roeben e Pedro Bühler, juntamente com Scheffel e Sperb, dão início a primeira atividade prática de recuperação com a pintura externa da Igreja Luterana de Linha Araripe, em Gramado, no dia 20 de abril de 1980. Scheffel e Sperb percebem que a sua atitude chamou a atenção da comunidade, conseguindo preservar as características históricas e culturais dessa igreja (SCHEFFEL, 2013, p.272). Passam a fazer o mesmo em Hamburgo Velho, local onde Scheffel e Sperb viveram na infância, em décadas

faziam platibandas lisas, descaracterizando a arquitetura e a decoração das casas do bairro. Na década de 1980 haviam muitas casas que ainda mantinham essa decoração. SPERB, Ângela Tereza, 2018.

⁶⁸ Reportagem publicada no Jornal NH, intitulada *21 pessoas (o maior número até agora) pintaram, domingo, os prédios em Hamburgo Velho*. Edição do dia 31 de dezembro de 1980.

distintas, mas que guardavam em suas memórias recordações e experiências vividas nesse bairro.

Partindo do referencial teórico de Fernando Catroga, sobre a raiz da memória, pode-se usar seus conceitos em relação ao bairro Hamburgo Velho. Para ele, a raiz da memória mergulha “num espaço de experiências aberto tanto à recordação como às expectativas” (CATROGA, 2001, p.52). Questiona-se quais seriam as expectativas que Sperb e Scheffel queriam para o bairro e como articulam-se para alcançá-las.

A primeira expectativa destes era chamar a atenção da comunidade para o bairro Hamburgo Velho, conciliando passado e presente. Segundo Sperb, pintando “as casas com cores mais vivas, destacando os detalhes decorativos, fez com que as pessoas comesçassem a vê-las e valorizá-las. Inclusive as casas em enxaimel foram olhadas com outros olhos” (SPERB, 2018).

Com essa atitude, um novo olhar surge sobre Hamburgo Velho, já que a ação do tempo era visível nos casarões. O grupo escolhe um muro como primeiro local a ser pintado. Pintam o muro romano, localizado na Avenida General Daltro Filho, defronte ao antigo Bar Maracanã, nas cores marrom e bege. Segundo Sperb (2018), o muro foi escolhido por ser um espaço público. As seleções dos locais eram sempre feitos por Scheffel e Sperb, líderes do movimento que participavam dos mutirões.

Ao longo do mês de novembro de 1980, intensificam-se reportagens com publicação semanal divulgando notícias destinadas a conduzir conhecimento ao público, o plano de restauração com pinturas e fachadas de prédios do bairro, de forma voluntária. À medida em que o plano foi se concretizando, o Jornal NH continuou na divulgação desse movimento, no sentido de incentivar a colaboração das pessoas, tanto para mutirão, quanto para o auxílio de materiais (SCHEFFEL, 2013, p. 273).

Com essas reportagens, notam-se as articulações desse grupo em promover a restauração das casas. A comunidade era convidada a participar desses mutirões, seja ajudando a pintar ou com doações de materiais, tais quais pinceis, tintas, espátulas, escovas de aço. As cores das tintas eram determinadas previamente por Scheffel (palha, gelo, ouro pálido, amarelo ocre, cerâmica, azul colonial, entre outras). Todas as pessoas interessadas em colaborar deveriam se reunir na Galeria de Arte Scheffel.

Sperb menciona que nessa década, muitos dos quadros feitos pelo Scheffel eram vendidos com o intuito de manter essa ação ativa. O valor dos quadros era revertido na compra das tintas a serem usadas na pintura das fachadas, pois as doações da comunidade eram insuficientes. Um dos grandes compradores dos quadros foi Celestino Killing, das tintas

Killing. Além da compra dos quadros, Killing vendia as tintas a Scheffel e Sperb a preço de custo. (SPERB, 2018).

O comerciante Júlio Weissheimer, da Ferragem Weissheimer, foi um dos primeiros a aderir à campanha, doando galões de tintas e pincéis que foram usados no muro romano. A Empresa Silmar Tintas teria doado, na ocasião, 18 litros de tinta branca e 12 galões de tinta azul. Silvio Zanguini, da empresa de imóveis Bavária, também doou alguns galões.

O morador Ari Michel doou três pinhas em cimento para serem repostas sobre a casa de Guilherme Kley⁶⁹, enquanto que Anita Fin Travy doou uma fechadura de ferro da família de Libório Mentz. Hildegard e Theo Schaaf (restauradores de antiguidades) para ajudar no movimento restauraram, gratuitamente, uma porta de madeira de lei, considerada “o mais rico de todo o conjunto patrimonial de Hamburgo Velho” (Jornal NH, 1980)⁷⁰. Conforme o grupo dava continuidade à pintura, moradores que apoiavam e acompanhavam esse movimento serviam bebidas (chimarrão ou capirinha) ao grupo tornando o trabalho mais prazeroso.

O grupo se reunia aos domingos pela manhã, pois segundo Scheffel, era um dia que as pessoas teriam tempo disponível e passariam “um domingo agradável e realizando alguma coisa proveitosa e de grande importância cultural para Novo Hamburgo”, menciona reportagem do Jornal NH⁷¹.

No primeiro domingo de trabalho, quatro colaboradores se reuniram para pintar. Semanas seguintes, tornam-se 16 pessoas. Com o passar dos domingos, este número aumenta, chegando ao somatório de cinquenta e oito colaboradores comunitários do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho, ao longo dos três anos de atuação. Scheffel menciona o nome de todos os voluntários:

Os cinquenta e oito colaboradores comunitários do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho foram Ernesto Frederico Scheffel, Angela Tereza Sperb, Suzana Lauck, Leonardo Lauck, Luiz H. Naud de Moura, Vera Haas, Madalena Winter, Suzana Boner, Gilberto R. Winter, Virgínia L. Winter, Oracy L. Stenert, Adriano Groehs, Ana M. Haas, Marciano Schmitz, Valter F. Rhode, Fernando Astolfi, Yroni Rhode, Elisa Timm, Paulo A. Winter, Márcia Astolfi, Carmen M. Haas, Victor F. Kern, Evaldo G. Astolfi, Iara Ledur, Maria do Carmo de Oliveira, Victor Nichel, J. L. Holmes Pereira, Leandro Scheffel, Myria Astolfi, Mônica Boner, Edgar Hoff, Maria C. Krumenan, Helena Ismênia Ledur, Maria R. Machado, Iliete A. de Brida, Wenton R. da Silva, Ângela Astolfi, Ilse Maria B. da Silva, Maria L. Holmes Pereira, José M. Barrios, Bráulio Scholles, Vicentina Alves, Percio Haas Neto, Claudia Machado, Dejair L. Krumenan, S. Schuch Gomes, Guilherme Bons, M. C. Gonzallez Schmidt, Ivete Weschenfelder, L.

⁶⁹ Guilherme Kley autorizou a pintura de prédio comercial localizada na Avenida General Daltro Filho.

⁷⁰ Reportagem publicada no Jornal NH, intitulada *21 pessoas (o maior número até agora) pintaram, domingo, os prédios em Hamburgo Velho*. Edição do dia 31 de dezembro de 1980.

⁷¹ Reportagem publicada no Jornal NH, intitulada *Uma campanha que visa embelezar nossa cidade*. Edição do dia 14 de novembro de 1980.

Thompson Flores, David Machado, Merice Hahn, Helena R. Machado, Cristina E. Kirsch, Lino J. Becker Padilha, Victor Bons, Paulo Hauser e Maria Marli Heck (SCHEFFEL, 2013, p.274)

Entre os mais de cinquenta colaboradores do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho, foram selecionados alguns para entrevistar: Gilberto Winter, Carmen Haas e Ângela Sperb. A seleção desses nomes se deu, principalmente, pelo grau de envolvimento e atuação no movimento. Outros colaboradores não puderam ser entrevistados devido à distância geográfica, senilidade, falecimento ou recusa.

Gilberto Winter⁷², que na época morava em Hamburgo Velho, comenta sua atuação junto ao movimento

Foi logo no início. O movimento começou em 1980 e logo a gente viu no jornal que o Scheffel estava juntando o pessoal para fazer esse trabalho de restaurar a fachada das casas, revitalizar. Eu acho que já havia acontecido dois encontros quando a gente se interessou, a Virgínia, minha esposa e eu. A gente morava em Hamburgo Velho também, bem pertinho do centro e viemos conversar com o Scheffel. Nos dispomos a colaborar e ele prontamente aceitou. A partir dali, por quase dois anos, todos os domingos de manhã a gente vinha para ajudar neste trabalho. Na verdade não era um trabalho, era voluntário. Era muito divertido, ele fazia questão que os meninos fizessem uma pequena corrida antes. Então às oito horas a gente parava em frente à galeria e se fazia uma corrida aqui pelas ruas do bairro. Aí se voltava, cada um pegava o seu equipamento, a escada, a lata de tinta, as brochas, os pincéis e a gente ia em alguma casa, em algum local determinado pelo Scheffel. (WINTER, 2018)

Através da entrevista concedida por Gilberto Winter, podemos perceber a dinâmica/ritual do grupo de revitalização das casas. Todos os domingos pela manhã, antes de iniciar a mobilização do movimento, o grupo sempre se reunia em frente à galeria (atual FEFS). Alguns integrantes do grupo, do sexo masculino, faziam uma corrida rústica. Esta ideia, segundo Winter, foi trazida por Scheffel que participava de rústicas na Itália e se preocupava em manter o corpo saudável. O trajeto iniciava em frente à Casa Presser terminando na rótula do Monumento ao Sapateiro. Depois da corrida, os trabalhos eram iniciados até o meio-dia, quando batia o sino da igreja (WINTER, 2018).

Alguns membros do grupo se reuniam para almoçar no apartamento de Scheffel, localizado dentro da Galeria com seu nome. As refeições eram sempre feitas por Sperb. Winter relembra também o cardápio dos almoços: massa e vinho tinto. As conversas do grupo se estendiam até o final da tarde: “a gente ficava ali, até três, quatro horas conversando. Eram domingos muito interessantes” (WINTER, 2018).

Carmen Hofmann Haas⁷³, integrante do grupo e moradora do bairro, relembra também esses almoços na galeria. Em entrevista, menciona com carinho as “conversas

⁷² Gilberto Winter concedeu entrevista no dia 07 de fevereiro de 2018.

jogadas foras”, em particular sobre uma tarde chuvosa que rendeu 12 garrafas de champanhe. A mesma ainda comenta sobre Scheffel, apelidado de Fritz: “nós nos sentíamos em casa. Ele (Fritz) foi uma pessoa muito simples, a humildade dele era impressionante porque a pessoa dele, era de um caráter maravilhoso, de uma sensibilidade maravilhosa. Eu senti muito que eu perdi esse amigo” (HAAS, 2018).

Com esses dois depoimentos de Winter e Haas podemos identificar o clima amigável entre os integrantes do movimento que se reuniam na galeria Scheffel para almoçar, conversar e pensar na continuidade desse movimento. Em registros fotográficos da época, esse clima descontraído é notório, como observa-se na Figura 8.

Figura 8- Almoço dos integrantes do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho na década de 1980.



Fonte: Acervo de Gilberto Winter (1980)

Na Figura 8, estão reunidos no terceiro andar da Galeria de Arte Scheffel os seguintes integrantes do movimento: Ângela Sperb, Magdalena Winter, Maria do Carmo de Oliveira, Scheffel, Luís Henrique Naud de Moura e Virginia Winter e o maestro David Machado e esposa, amigos de Scheffel que na ocasião foram acompanhar a atuação do movimento. A Galeria de Arte Scheffel foi o quartel general da preservação do bairro Hamburgo Velho (SPERB, 2018).

Apresenta-se, a seguir, uma tabela com os locais de atuação do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho entre os anos de 1980 e 1981. Nessa tabela 1, a coluna denominada “local” foi identificada com o nome dos moradores que viviam nessas casas quando o grupo atuou, não necessariamente os

⁷³ Carmen Hofmann Haas concedeu entrevista no dia 09 de abril de 2018.

proprietários. O número das casas foi ocultado nessa tabela, pois alguns proprietários ainda residem nesses locais.

Tabela 1 - Locais de atuação do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho (1980 e 1981)

ANO	LOCAL	ENDEREÇO
1980	Muro Romano	Av. General Daltro Filho
1980/1981	Fachada da Casa de Comércio de Guilherme Kley	Av. General Daltro Filho
1980/1981	Fachada da Casa da Comunidade Evangélica (Família Winter)	Rua Piratini
1981	Fachada da Casa da Família Fuck	Rua Piratini
1981	Fachada da Casa de Asta Schmitt	Av. General Daltro Filho
1981	Fachada do Prédio da Antiga Padaria Reiss	Av. General Daltro Filho
1981	Muro da Casa de Carmen Haas	Av. General Daltro Filho, esquina com a Av. Dr. Maurício Cardoso
1981	Fachada da Casa da Família de Brida	Av. General Daltro Filho
1981	Fachada da Casa da Família Strimitzer	Av. Dr. Maurício Cardoso
1981	Fachada da Casa da Família de Urbano Arnecke (Caneco)	Av. Dr. Maurício Cardoso
1981	Fachada da Casa ao lado de Urbano Arnecke	Av. Dr. Maurício Cardoso
1981	Pintura de duas carruagens da Galeria de Arte Scheffel	Av. General Daltro Filho

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Ao longo do primeiro ano de atividade do grupo, mais de dez espaços/casas foram pintadas, número expressivo para os até então 20 voluntários atuantes. Nessa tabela, pode-se analisar que as ações se concentraram na Avenida General Daltro Filho, Rua Piratini e Avenida Doutor Maurício Cardoso, ruas centrais do bairro. A escolha foi feita pelo grau de antiguidade e importância histórica, sendo utilizadas fotografias antigas para averiguar possíveis modificações nessas casas. Mesmo com a ausência de Scheffel, que volta para sua residência na Itália pelo período de meses, o grupo sob liderança de Sperb continua com as atividades ao longo do ano de 1981.

Algumas das edificações mais antigas escolhidas pelo grupo remontam à construção arquitetônica dos primórdios do município de Novo Hamburgo, o enxaimel e o neoclássico.

Conforme o movimento se estendia, ao ano de 1982, casas e prédios situados em ruas próximas também foram pintados, mediante conversa e autorização dos proprietários.

Os integrantes do movimento frequentavam a residência de seus vizinhos aos finais de tarde. Tomavam chimarrão e conversavam sobre a importância da preservação das casas e do bairro (SPERB, 2018). Apresentavam aos moradores fotos antigas da região, mostrando as pequenas modificações arquitetônicas sofridas ao longo das décadas nas fachadas de algumas casas. Propunham projetos para “voltar ao presente o velho estilo de Hamburgo Velho”⁷⁴, contando com a colaboração da comunidade e a autorização dos mesmos para que suas casas fossem pintadas. Alguns moradores que foram entrevistados lembram esses encontros.

Entre estes projetos, cabe destacar o de Carmen Haas, que utilizou um projeto feito por Scheffel, reformando sua casa localizada no centro histórico do bairro. O croqui foi desenhado pelo artista dentro do projeto de transformação e recuperação do bairro histórico do município de Novo Hamburgo. Sua casa foi restaurada para instalar uma casa de artesanato nesse local, intitulado Mutti Artesanato, inaugurado no mesmo dia em que o movimento completou um ano de atividades.

A proposta do Mutti Artesanato era estimular os trabalhos artesanais, assim como tradicionalmente, eram realizados em Hamburgo Velho pelos imigrantes alemães. Esses trabalhos eram consignados. Haas explica o nome desse artesanato. O Mutti Artesanato foi um nome dado em homenagem à mãe de Carme Haas, já que carinhosamente sua filha a chamava de Mutti, como a mesma comenta: “Quando criança eu era acostumada a chamar minha mãe de “Mutti”, que é uma maneira carinhosa de dizer mamãe em alemão, pois somos descendentes de imigrantes germânicos” (HAAS, 1981). O Mutti Artesanato, assim como a Lotérica Olá, Olá, são homenagens feitas pela proprietária à sua mãe, Irene Hofman, que se preocupou com a cultura e a tradição de Hamburgo Velho, recorda o senhor Emílio Hofmann⁷⁵.

Muitos registros e fontes da época apontam que o grupo estaria recriando a memória cultural dos prédios de Hamburgo Velho. A ideia do grupo era reviver Hamburgo Velho, apresentando os proprietários, pois caso todos os proprietários concordassem, o bairro Hamburgo Velho ganharia um novo visual. Com essas pequenas intervenções se apostava também na conscientização das pessoas sobre a importância do patrimônio histórico e cultural.

⁷⁴ Reportagem publicada no Jornal Folha da Tarde, intitulada *Cresce a luta pelo patrimônio histórico do Sinos*. Edição do dia 10 de fevereiro de 1981.

⁷⁵ Reportagem publicada no Jornal do Comércio do Vale, intitulada *Mutti Artesanato: Mais uma ideia para valorizar Hamburgo Velho*. Edição do dia 12 de agosto de 1981.

Ernesto Frederico Scheffel aponta qual era a mentalidade hamburguense na década de 1980, quando o grupo atuava

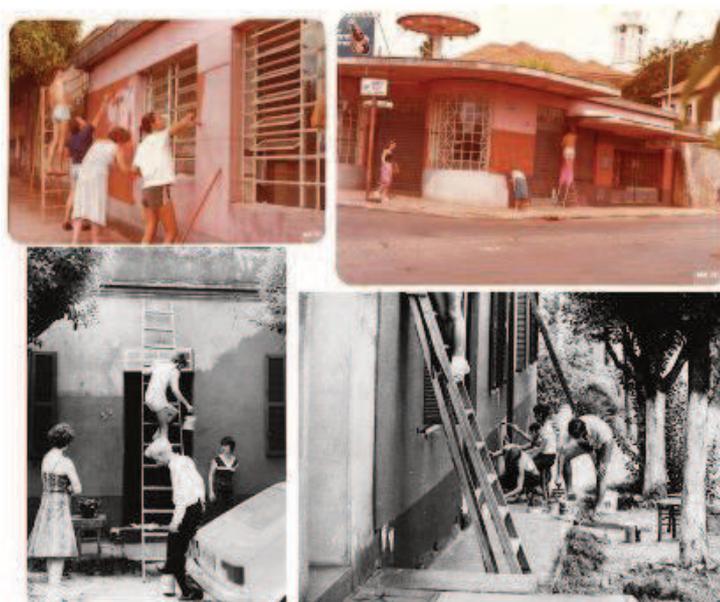
O homem, representando a história, numa condição geográfica específica, informação e adaptação cultural, com base no poder econômico, decide a forma de sua arquitetura de inconfundível expressão. Assim, a maior riqueza (que cresce através do tempo) de uma comunidade é o seu 'patrimônio cultural e histórico'. (SCHEFFEL, 1980)

Como parte da aliança entre o Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho e jornal NH, este último se comprometeu a acompanhar este movimento, registrando, fazendo entrevistas e fotografando. Há também registros fotográficos feitos por moradores do bairro e de outros municípios que acompanharam a mobilização. Foram selecionadas, para o presente trabalho, algumas dessas fotografias, guardadas e cedidas por um integrante do movimento, Gilberto Winter, com o registro do grupo pintando as fachadas de duas casas em Hamburgo Velho.

No conjunto de fotografias abaixo (figura 09), há o registro de duas casas, uma localizada na Avenida General Daltro Filho e outra na rua Piratini. Ambas as fotografias foram feitas no ano de 1981. As duas primeiras imagens (coloridas), mostram Paulo Winter, Carmen Haas e Maria do Carmo de Oliveira pintando, enquanto que a fotografia da direita registra Ângela Sperb caminhando e Maria Astolfi pintando. As duas fotografias em preto e branco registram a pintura de uma casa na Rua Piratini. Maria Astolfi, pastor Hasenack, Gilberto Winter e Magdalena Winter aparecem na fotografia da esquerda e Virginia Winter e Paulo Hauser na fotografia da direita.

Nessas imagens pode-se observar a dinâmica do grupo: enquanto que alguns pintavam a parte do meio para baixo, outros com auxílio de escadas, compradas com dinheiro de doação pintavam a parte de cima. O grupo pintava sistematicamente toda a fachada. Para a maioria das casas foi necessário mais de um mês para finalizar, pois o grupo se dividia em equipes, pintando concomitantemente duas casas em alguns domingos.

Figura 9 – Ação do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho



Fonte: Gilberto Winter (2018)⁷⁶

Simultaneamente a esta ação no bairro, outras ações eram realizadas no estado do Rio Grande do Sul. Em Porto Alegre, Leandro Telles lidera o Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho, iniciado na década de 1970 e que se estende na década de 1980, na capital gaúcha. Telles também estimulava a preservação do patrimônio histórico para outros municípios, criando seccionais. O trabalho de preservação de Telles, lembra Sperb, era fazer mobilizações e manifestações pelas ruas da capital gaúcha com placas e faixas (SPERB, 2018).

Segundo reportagem do Jornal Folha da Tarde, edição do dia 29 de outubro de 1981, Sperb explica a diferença entre o movimento de Hamburgo Velho com o de Leandro Telles (Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho). Sperb destaca

A diferença entre estes dois movimentos está no sentido dado ao verbo pintar: enquanto em Porto Alegre os defensores do patrimônio pintam em telas os prédios considerados históricos para chamar a atenção das autoridades, em Hamburgo Velho o grupo pinta literalmente as casas, com latas de tinta, pincel e escada. (SPERB, 1981)

Em novembro de 1981, completando um ano de atividade do movimento, o grupo manifesta as seguintes palavras

Neste ano de atividade, o Movimento conseguiu, ao menos em parte, dar um novo aspecto a Hamburgo Velho. O mais louvável em toda a experiência foi a colaboração e o desprendimento daqueles que deram espontânea e voluntariamente seu trabalho aos domingos. E o fizeram por prazer e porque acreditam nos objetivos

⁷⁶ Montagem elaborada pela autora.

do movimento. Também a compreensão dos moradores que permitiram que suas casas fossem pintadas ainda que algumas vezes abandonadas por um longo tempo, com a pintura inacabada. Mas todos sabem que os pintores do domingo, não são profissionais. Pintam dando algo de si e, recebendo em troca a simpatia da comunidade, seu sorriso, seu elogio [...] Louvável também é a colaboração de alguns moradores, que endossando os ideais do Movimento, mandaram pintar as suas casas por profissionais. É o caso de Braulio Scholles (da Casa Velha), que pediu Scheffel o orientasse nas cores; da família Steigleder que pediu projeto de cores para a pintura da casa, permitindo que o movimento pintasse o muro já dentro do projeto; de Arnecke, que pediu ao grupo o nome e número das tintas usadas, porque pretende contratar pintores profissionais para que seja pintada a segunda demão, uma vez que considera que o Movimento já cumpriu com sua parte, mostrando como fazer; Carmen Haas, entusiasta do Movimento, que não só mandou pintar prédio de sua propriedade e a agência Olá Olá, como vai instalar um artesanato típico, vindo ao encontro do que Scheffel e o Movimento pretendem para o bairro; que centro histórico preservado, seja também lugar de turismo da cidade. (Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho, novembro de 1981)

Essa aceitação, expressa pelo Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho no texto acima, também se evidencia em reportagens. Uma parcela da comunidade estava satisfeita com a atuação do grupo nos primeiros meses. A campanha estava dando certo. Entre os diversos depoimentos positivos concedidos aos jornais da região, optou-se por destacar nesse trabalho o depoimento de dois moradores: Armindo Lehn e Asta Schmitt, ambos com residência na Avenida General Daltro Filho (rua central de atuação do movimento).

Armindo Lehn dá o seguinte depoimento:

É uma iniciativa muito louvável. É muito bonito isto que Frederico quer fazer e sou a favor da pintura, a minha casa está à disposição do pessoal e eu até ajudo a pintar. Acho que todos os proprietários desta zona que tem casa antiga devem autorizar a pintura para tudo ficar mais bonito⁷⁷ (JORNAL NH, 1980)

Asta Schmitt que teve sua casa revigorada pelo grupo menciona em reportagem: “Deixaram minha casa novinha e isso não me custou coisa alguma: foi tudo por conta deles. Este trabalho é maravilhoso, e o grupo é formado por gente boa, de modo que só posso elogiar a iniciativa”⁷⁸ (SCHMITT, 1981). Segundo reportagem, Asta Schmitt teria “relembrado” sua infância nessa casa, conforme o imóvel ia sendo pintado, mostrando-se muito satisfeita com o resultado, mas também lamentava a desconfiança por parte de alguns moradores que não estariam permitindo que suas casas fossem pintadas. A desconfiança e as articulações por parte de alguns moradores, que estavam contra esse movimento, serão analisados em outro subcapítulo. Nesse subcapítulo será analisada a primeira ação do grupo.

⁷⁷ Reportagem publicada no Jornal NH, intitulada *Em Hamburgo Velho, Campanha de Restauração continua neste domingo*. Edição do dia 21 de novembro de 1980.

⁷⁸ Reportagem publicada no Jornal Folha da Tarde, intitulada *Mãos à obra: Comunidade restaura Hamburgo Velho*. Edição do dia 11 de fevereiro de 1981.

O grupo conseguiu, nesse primeiro ano de atuação do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho, criar campanhas e ações em prol da preservação do bairro e da história da cidade. Muitos moradores e empresas se tornam parceiros do grupo, além de doarem materiais e fazerem a pintura de casas. Que outras ações e parcerias o grupo realizava? Esse questionamento será respondido no próximo subcapítulo.

3.2 PARCERIAS E AÇÕES DO MOVIMENTO DE RECUPERAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE HAMBURGO VELHO

Com a visibilidade da pintura das casas promovida pelo Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho, ao longo do primeiro ano de atuação na região, parcerias e outras ações são firmadas com o objetivo de dar continuidade a preservação do bairro. O grupo entra em contato com vários segmentos ao longo da década de 1980: órgãos públicos, imprensa, moradores do bairro e levantamento histórico de Hamburgo Velho e Novo Hamburgo (SPERB, 2018). Parcerias são formadas, do âmbito cultural ao acadêmico, do municipal ao estadual e federal. Essas parcerias serão indagadas e investigadas nesse subcapítulo, sendo analisadas em ordem cronológica.

A primeira parceria, já mencionada nesse trabalho, foi firmada com a imprensa local, em particular com o Jornal NH, que informava e estimulava a participação da população na preservação do bairro Hamburgo Velho⁷⁹. Elaborou-se uma tabela⁸⁰ quantitativa com as notícias vinculadas pelos jornais da região que abordavam o tema preservacionista no município em questão.

Porém, antes de analisar essas notícias, é necessário comentar sobre a seleção e a organização dos jornais consultados na Fundação Ernesto Frederico Scheffel, usados para referenciar este trabalho.

Quando a Fundação Scheffel abriu como galeria de arte, no final da década de 1970, além de contar com um acervo de obras de arte expostas nessa instituição, houve a necessidade de organizar um espaço na casa a ser utilizado como arquivo documental. Scheffel, alguns amigos e funcionários da instituição passam a classificar o acervo, selecionado anteriormente por Scheffel. Com o passar das décadas, os funcionários dessa

⁷⁹ 70% das reportagens/notícias utilizadas como fonte de pesquisa nesse trabalho são do Jornal NH.

⁸⁰ Conforme levantamento realizado pela historiadora Quésia Katúscia Gasparetto de Souza em 02 de junho de 2017.

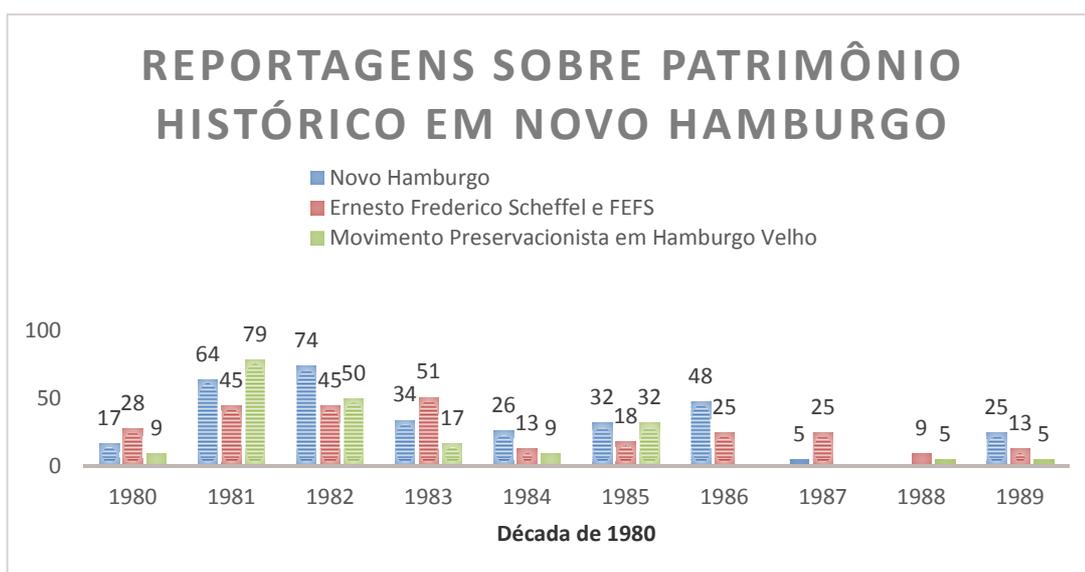
instituição dão continuidade ao acervo. Passam a selecionar documentos referentes aos seguintes temas: História, Novo Hamburgo, Patrimônio Histórico, FEFS e Ernesto Frederico Scheffel. Portanto, o primeiro acervo documental dessa instituição era privado.

Luciana Quillet Heymann (1997), no trabalho *Indivíduo, Memória e Resíduo. Uma reflexão sobre Arquivos Pessoais e o caso Filinto Muller*, traz questões referentes aos cuidados com a organização de um acervo, em particular aos arquivos pessoais. A mesma se questiona sobre o que é transformado em fonte, o porquê, e a partir de quais critérios. HEYMANN (1997).

Pensando na seleção e organização das fontes, conforme menciona Heymann, o conjunto de jornais utilizados nesta pesquisa foi constituído por Ernesto Frederico Scheffel e alguns membros do movimento. Scheffel guardava periódicos da região com reportagens/notícias referente à sua atuação como artista plástico e preservacionista, motivo por haver um número expressivo de notícias sobre ele e a galeria, como indica a tabela a ser analisada.

Na tabela a seguir, três colunas foram feitas com os assuntos Novo Hamburgo, Ernesto Frederico Scheffel e FEFS e Movimento Preservacionista em Hamburgo Velho. Foram contabilizadas notícias vinculadas pelos jornais: Jornal Correio do Povo, Jornal Folha da Tarde, Jornal Comércio do Vale e pelo Jornal NH.

Tabela 2 – Periódicos encontrados no acervo da Fundação Scheffel sobre Patrimônio Histórico em Novo Hamburgo na década de 1980



Fonte: elaborado pela autora (2017)

Pode-se apurar, a partir da tabela anterior, que o interesse pelas questões do patrimônio histórico na cidade teve seu auge, principalmente, nos anos de 1981 a 1986. Esses anos correspondem a grande atuação do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho. Até o ano de 1985, as reportagens/notícias sobre o patrimônio histórico de Hamburgo Velho mencionam principalmente as ações do grupo e suas parcerias.

No ano de 1982, muitos textos destacam a criação do Centro Histórico em Hamburgo Velho. Nessa mesma década reportagens/notícias são feitas com o intuito de mostrar questões sobre patrimônio existente na cidade: preservação de igrejas e da Schulhaus, atual Biblioteca Municipal. Muitas vezes, essas publicações ultrapassaram a quantidade de notícias sobre a preservação em Hamburgo Velho, como pode-se observar na tabela (anos 1982, 1986 e 1989).

Levanta-se essa questão no intuito de informar que a partir de ações de preservação no bairro os jornais locais passam a abordar esse tema para além do bairro histórico, assunto que não será aprofundado neste trabalho, mas que é importante mencionar, já que a população hamburguesa passa gradativamente a se indagar sobre a importância do que preservar no município e como preservar, pressionando os órgãos públicos desse município.

Os órgãos públicos municipais, no início de 1980, declaram uma rua histórica de Hamburgo Velho como patrimônio histórico do município, a Rua Marquês de Souza. Sob o decreto municipal 20/80, é preservado o calçamento original dessa rua, que é considerada uma das primeiras ruas a ter calçamento na cidade.

De 1984 a 1989, reportagens referentes à preservação da cidade diminuem drasticamente. As poucas reportagens existentes destacam outra ação do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho, a preservação e restauração da casa de Johann Peter Schmitt, atual Museu Comunitário Casa Schmitt Presser, assunto a ser aprofundado em outro subcapítulo.

A segunda parceria se dá através das lentes fotográficas. Quatro moradores de Novo Hamburgo, instigados pelas notícias nos jornais sobre a preservação de Hamburgo Velho, passam a visitar o bairro clicando os casarões antigos, no ano de 1981.

Paulo Reichert, juntamente com os fotógrafos amadores Miguel Henemann (arquiteto), Ruy Renato Engelmann (industrial) e Ricardo Edmundo Blauth, (farmacista), decidiram colocar em prática as técnicas adquiridas em um curso fotográfico realizado em 1981. Escolhem registrar um único tema, o movimento preservacionista em Hamburgo Velho.

Quarenta fotografias registraram, ao longo daquele ano, o Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico. Essas fotografias foram expostas na abertura da Galeria

de Arte Blafil, sob o título *HamburgBerg, Luzes, Câmeras e Ação*⁸¹. Sob as lentes desses fotógrafos, as ações do movimento ganharam mais notoriedade.

Essas fotografias resultaram em um conjunto documental de Hamburgo Velho, mas infelizmente muitas das fotos se perderam no tempo. As poucas fotografias restantes foram cedidas pelos fotógrafos na ocasião, a alguns integrantes do movimento⁸².

Com essas fotografias, que foram veiculadas nos meios de comunicação da época, ou que, atualmente, estão sob a posse de acervo privado e da Fundação Ernesto Frederico Scheffel⁸³, pode-se observar o contraste entre as casas pintadas pelo Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico, com cores vivas, e as casas no total abandono.

Na ocasião, a comunidade hamburguesa escreve sobre a exposição. Entre esses registros, encontra-se o do jornalista Alceu Feijó, que comenta sobre a singularidade dessa exposição: “Discretos e até certo ponto delicados, procuraram tão somente valorizar o trabalho de restauração e dos restauradores, registrando situações e curiosidades jamais observadas, até mesmo pelos próprios integrantes da equipe de Scheffel”. (FEIJÓ, 1981). Feijó escreve também sobre o movimento

Frederico Scheffel, descendo de seu pedestal glorioso, subiu numa modesta escada de madeira, e de pincel na mão, sendo chamado até de moderno Dom Quixote, conseguiu monopolizar uma comunidade esquecida de suas próprias origens e suas riquezas arquitetônicas. Hamburgo Velho vive na euforia dos jovens de hoje, a alegria e felicidade dos jovens de ontem, envolvidos pelo mesmo ideal⁸⁴. (FEIJÓ, 1981)

Nesse trecho, escrito por Feijó, pode-se observar a forma como o jornalista descreve o movimento e o seu coordenador. Feijó informa à comunidade, de forma positiva, sobre o movimento preservacionista no bairro e a figura humilde de Scheffel que “desce do seu pedestal”, fazendo referência à fama do artista. Scheffel, conhecido internacionalmente por seu talento enquanto artista plástico, estaria junto a membros da comunidade pintando paredes. Pessoas essas envolvidas pelos mesmos ideais de Scheffel: valorizar as raízes da cidade, o bairro Hamburgo Velho.

⁸¹ Reportagem publicada no Jornal NH, intitulada *Hamburg Berg, Luzes, Câmeras e Ação*, escrita por Evânia Reichert. Edição do dia 17 de junho de 1981.

⁸² Em entrevista, Gilberto Winter, integrante do movimento informou a autora que estava tentando encontrar essas fotografias. Já entrara em contato com um dos fotógrafos que, na ocasião, não sabia onde estavam guardados esses registros. Até o término deste trabalho a autora não conseguiu ter acesso a todo o conjunto documental.

⁸³ Há no acervo dessa instituição, além de fotografias sobre o Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico, mais de 10 mil registros fotográficos disponíveis para consulta. A maioria dessas fotografias foram tiradas no início do século XX.

⁸⁴ Informações publicadas no Jornal Comércio do Vale, intitulada *Hamburgo Velho é tema de mostra fotográfica amanhã*. Publicado no dia 23 de junho de 1981.

Observa-se, ainda, uma outra aliança de suma importância formada pelo grupo, a rede orientada por laços de amizade. Feijó, jornalista de renome contribui com as ações do amigo Scheffel veiculando notícias sobre o movimento. Esses laços de amizade operam de forma significativa ao longo da vida de Ernesto Frederico Scheffel e será de grande importância, também, no desenvolvimento e na continuidade desse movimento desencadeado na década de 1980.

A utilização do termo rede, empregado neste trabalho, é entendido aqui como rede de relações sociais que utiliza a técnica de informações relacionais (nomes), que influenciam nas escolhas e ações dos indivíduos. Com a rede, busca-se “explicar o comportamento dos indivíduos através das redes em que eles se inserem e explicar a estruturação das redes a partir da análise das interações entre os indivíduos e das suas motivações”. (PORTUGAL, 2007, p. 10)

Para Tomaél e Marteleto (2006), a rede é uma representação formal de atores e suas relações sociais. Se refere a um conjunto de pessoas, organizações ou outras entidades sociais “conectadas por relacionamentos sociais, motivados pela amizade e por relações de trabalho ou compartilhamento de informações e, por meio dessas ligações, vão constituindo e reconstruindo a estrutura social” (TOMAÉL; MARTELETO, 2006, p.75, Apud, FERREIRA, Gonçalo, 2011).

Além de empresas, moradores, imprensa e amigos, que apoiavam o Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho, pode-se elencar a solidariedade dos Meninos Cantores de Novo Hamburgo⁸⁵, também conhecidos como Canarinhos, à preservação do bairro Hamburgo Velho, sendo uma terceira parceria.

Os meninos cantores, sob a direção de Celso Fortes, ofereceram uma apresentação em prol do movimento. Essa atitude foi tomada após uma visita, realizada no dia 31 de maio de 1981, na qual Celso Fortes, juntamente com o senhor Arnaldo João Schreck (presidente da entidade mantenedora) e esposa, Evaldo e Myria Astolfi procuram o Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho.

Após conversarem com Scheffel, e percebendo as dificuldades do movimento com a falta de andaimes, uma apresentação dos Meninos Cantores foi realizada no dia 4 de julho de

⁸⁵ Os Canarinhos de Novo Hamburgo, em 1981, pertenciam ao Instituto dos Meninos Cantores de Novo Hamburgo, entidade criada em abril de 1980. Apresentavam-se em diversos estados e países vizinhos, contando no seu repertório música sacra, folclórica e popular. Em 1981, a coreografia estava a cargo da professora Noeli Flores e regência do professor Otto Fellmann.

1981, no Ginásio da Fundação Evangélica em Hamburgo Velho. O Ingresso da apresentação estava a venda na Agência Lotérica Olá Olá, de Carmen Haas.

Em documento encontrado no acervo da FEFS há anotações, feitas a próprio punho, por Ernesto Frederico Scheffel sobre a doação dos Canarinhos de Novo Hamburgo. Nesse documento informa o valor adquirido pelo Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho e indica como este dinheiro foi gasto. Foram compradas 5 escadas de 7 degraus e 1 escada de 4 degraus que auxiliaram na continuidade da pintura dos prédios.

Em comemoração ao primeiro ano de atuação do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho, completado no dia 16 de novembro de 1981, busca-se uma quarta parceria, agora de âmbito estadual. Carmen Haas, integrante do movimento e proprietária da Casa Lotérica Olá Olá, localizada na Avenida General Daltro Filho, tem a ideia de estampar nos bilhetes de loteria da Caixa Econômica Estadual o tema Hamburgo Velho e o movimento preservacionista. Haas juntamente com Sperb se articulam para concretizar essa ideia. Ambas vão até Porto Alegre pedir autorização (SPERB, 2018).

No dia 17 de novembro de 1981, a extração da Loteria Estadual do Rio Grande do Sul, em homenagem ao primeiro aniversário do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho, estampa nos seus bilhetes de loteria dois desenhos: o Monumento ao Centenário da Imigração e Colonização Alemã no Vale do Rio dos Sinos⁸⁶ e a Casa Kroeff, casa restaurada que mantém características da arquitetura germânica, o enxaimel, localizada em Hamburgo Velho (SCHEFFEL, 2013, p.274).

O apoio da Loteria Estadual do Rio Grande de Sul foi de suma importância, valorizando esse movimento no estado. A quinta parceria ocorre no âmbito regional e acadêmico. O Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho promove outra estratégia: trabalhos acadêmicos e palestras informativas.

No ano de 1982, alunos da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos – propõem projetos de conservação, preservação e valorização da paisagem de Hamburgo Velho, juntamente com a Fundação Scheffel. Essa parceria se estende além do bairro e adentra as salas de aula da universidade.

⁸⁶ Também conhecido como Monumento ao Imigrante, localizado nas dependências da Sociedade Aliança, antiga Sociedade de Canto Frohsin, no bairro Hamburgo Velho, foi projetado em 1912, por ocasião do primeiro centenário da imigração alemã em 1924. Sua inauguração ocorreu somente em 15 de novembro de 1927 contando com 23 metros de altura. Na entrada do monumento há uma placa com os dizeres: “Em memória de nossos antepassados, como exemplo para nós, em honra de nossa Pátria”. Jornal do Comércio do Vale. Edição do dia 09 de junho de 1981.

O trabalho realizado pelo professor Manuel Galvão Lucas destacou a importância de um trabalho prático, transformando Novo Hamburgo, e em especial Hamburgo Velho, em um laboratório (Jornal NH, 1982). O professor ainda destaca sobre o bairro

A qualidade paisagística da ‘urbe’, sua importância histórica, cultural e econômica, que tornou urgente que se detectasse os valores de preservação do meio humano do núcleo de Novo Hamburgo, possibilitando-se sua reestruturação através de caracterização de seus espaços naturais e construídos (Jornal NH, 30 de dezembro de 1982)

Esse trabalho foi resultado das disciplinas de Paisagismo II e Planejamento Urbano IV (SCHEFFEL, 2013, p.278). Os alunos envolvidos foram: Aglae Boemeke, Antônio Warpechawski Neto, Dóris Feltes, Elaine Pretto, Gilnea Maya, Leda Schuch, Leda Sesterhenn, Marcilio Braga, Marco Marchini, Paulo Prola, Regina Pinto, Silvana Balconi e Suzana Streit.

Foram apresentados, no dia 21 de dezembro de 1982, na FEFS, painéis e audiovisuais, como informa a tabela a seguir:

Tabela 3- Painéis organizados e apresentados pelos alunos da Faculdade de Arquitetura da Unisinos em 1982, na Fundação Ernesto Frederico Scheffel

	Temas dos painéis
Primeiro Painel	Evolução do espaço paisagístico;
Segundo Painel	Classificação dos aspectos ambientais de Hamburgo Velho;
Terceiro Painel	Hamburgo Velho: situação e classificação;
Quarto Painel	Propostas de intervenção;
Quinto Painel	Intervenção em Hamburgo Velho.
Sexto Painel	Fotos.

Fonte: elaborado pela autora (2018)⁸⁷

Pode-se observar, na tabela acima, a forma como esses painéis foram classificados. Separados em seis temas, tinham como proposta informar a população sobre Hamburgo Velho. Através do painel *Evolução do espaço paisagístico* a comunidade pode compreender o processo de desenvolvimento do bairro e a situação em que o mesmo se encontrava em meados de 1982, detectando os valores e a possibilidade de preservação do espaço paisagístico compreendido pelo bairro Hamburgo Velho, Centro Histórico de Novo Hamburgo. Essa exposição ficou aberta ao público até o dia 15 de janeiro de 1983.

⁸⁷ Painel elaborado a partir de consulta em jornal NH (1982).

Na abertura dessa exposição, foram apresentados dois audiovisuais. O primeiro referente à arquitetura e o processo de urbanização das áreas de colonização alemã, o segundo sobre Novo Hamburgo e Hamburgo Velho, intitulado *Um aglomerado a preservar*.

A arquiteta Elisa Spohr Senger expôs seu projeto de conclusão de curso em arquitetura, Proposta de restauração do Schulhaus, realizado em 1980, juntamente com Rejane Dreher e equipe da prefeitura, sobre projeto de restauração desta casa. Volnei Ferrari expôs sobre o levantamento da Casa de João Pedro Schmitt e Proposta de Restauração e reconstituição do Cinema Aída.

Na ocasião, a Fundação Nacional Pró-Memória foi convidada também a participar desta palestra, mas nenhum representante desta fundação esteve presente. Fontes apontam que Henrique Osvaldo de Andrade enviou, na ocasião, um telegrama justificando o não comparecimento, desejando sucesso pelo evento e solicitando o envio de documentos sobre o assunto. Observa-se a articulação do movimento para além do município e do estado, convidando órgãos de preservação a nível Federal.

Sperb destaca que nessa década “se cria uma cultura, o movimento plantou uma semente” (SPERB, 2018) e desta semente frutos são gerados. Sperb faz referência à atuação do movimento *Novo Hamburgo como Meta* e sobre o Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho, que se estende aos municípios vizinhos.

Com essas parcerias, nota-se que a rede em torno do movimento se estende para além da comunidade leiga. A rede de interesses, formada também pelos arquitetos recém formados na Unisinos, passa a resguardar e a preservar não apenas o bairro, mas a cidade, criando, mais tarde, o movimento chamado *Novo Hamburgo como Meta*, em 1986, produzindo semanalmente material divulgado pelo Jornal NH, referente a questões patrimoniais. “Esses profissionais trabalham até hoje priorizando e respeitando o patrimônio edificado” (SPERB, 2018).

Municípios vizinhos, preocupados com a destruição dos seus patrimônios edificados, entram em contato com o movimento preservacionista de Hamburgo Velho pedindo auxílio (SPERB, 2018). O movimento preservacionista em Hamburgo Velho estava desencadeando ações para outros municípios, tornando-se, assim, referência. Um dos municípios que buscou auxílio foi Dois Irmãos. Sperb (2018) relembra que moradores de Dois Irmãos procuram a mesma e a Scheffel, nos anos de 1980. Moradores daquela localidade estariam preocupados com ações de um padre que desejava destruir uma igreja do município. Scheffel e Sperb os orientam sobre como proceder para evitar essa destruição.

Nessa década, além de Novo Hamburgo e municípios vizinhos, o estado do Rio Grande do Sul demonstrava uma grande preocupação com a preservação do tombamento material e local. Daniel Luciano Gevehr e Gabriela Dilly (2017) analisam, no artigo *Patrimônio cultural e tombamento no Rio Grande do Sul: uma contribuição para os estudos urbanos*, os processos de tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAE), do Estado do Rio Grande do Sul, evidenciando uma grande quantidade de bens tombados após a ditadura militar, ainda na década de 1980.

Segundo Daniel Luciano Gevehr e Gabriela Dilly, com o crescimento industrial e a urbanização, a dinâmica nas políticas patrimoniais do Rio Grande do Sul produziu mudanças nas questões identitárias do gaúcho, na década de 1980. Esses se deslocam a áreas urbanas em decorrência a demanda de emprego. Nessa década, um grande debate sobre patrimônio cultural entendido como “exclusivamente material e pouco crítico, mas que teve grande importância, levando muitas comunidades – como é o caso do Rio Grande do Sul – a realizar um levantamento acerca de seus lugares de memória” (GEVEHR ; DILLY, 2017, p. 271). Os mesmos ainda comentam que com o crescimento acelerado dos municípios, com grande circulação de pessoas, estaria se criando um novo contexto, o global. Nesse contexto, as pessoas passam a se preocupar com a ameaça da perda, sendo necessário, portanto, o tombamento. “O tombamento surge, assim, como uma forma de travar a aceleração e garantir alguma permanência ante as mudanças” (GEVEHR ; DILLY, 2017, p. 272).

O movimento analisado neste trabalho queria, conforme mencionado acima por Gevehr & Dilly sobre tombamento, garantir o tombamento do bairro Hamburgo Velho como lugar de memória, preservando a identidade hamburguesa através da permanência do seu conjunto arquitetônico. No entanto, para preservar esse conjunto arquitetônico, era necessário criar meios para chamar a atenção das políticas patrimoniais a nível Federal, Estadual e local, assunto a ser abordado no próximo subcapítulo.

3.3 INVENTARIANDO O PATRIMÔNIO EM HAMBURGO VELHO E PRESERVANDO A CASA SCHMITT PRESSER

O diálogo sobre o que havia para salvar, e como fazê-lo, era a pauta do nosso dia a dia em Hamburgo Velho, durante a década de 1980. Os envolvimento com o Centro Histórico, dos detalhes ao entorno, obrigavam-nos a recolher dados precisos de literatura concernente às leis nacionais e o modo de conduzir tais processos, tanto na teoria, como na prática. O objetivo era conservar as características do acervo

histórico e cultural da cidade, como um patrimônio autêntico de valores insubstituíveis (SCHEFFEL, 2013, p.27)

Pode-se concluir, com base na citação acima, que havia uma preocupação por parte do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho em preservar o patrimônio histórico e cultural do bairro Hamburgo Velho, e por consequência, o Município de Novo Hamburgo. Esse movimento vinha se articulando, pintando fachada de casas e fechando parcerias, tais como a dos alunos de Arquitetura da Unisinos, como já mencionado ao longo deste capítulo. Com esta parceria houve a necessidade de apresentar os estudos realizados aos órgãos públicos do município, travando debates ao longo dessa década.

Em palestra ofertada pela FEFS e pelos alunos de Arquitetura da Unisinos, os seguintes órgãos públicos do município de Novo Hamburgo estavam presentes: a Secretaria de Desenvolvimento e Obras (SDO), a Metroplan e Surbam e a Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo (SCDT). Esse projeto institucional de transformar Hamburgo Velho como bairro histórico foi apresentado mais tarde à Comissão da Câmara de Vereadores de Novo Hamburgo (JORNAL NH, 1982).

À medida em que esses debates eram travados entre a comunidade hamburguense e os membros do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho com a prefeitura, o crescimento acelerado e desenfreado da cidade estava alterando as características do bairro histórico com projetos de urbanização. Casarões antigos eram modificados ou destruídos em prol do progresso.

Para elucidar o crescimento desenfreado de Novo Hamburgo, apresenta-se, entre as fontes pesquisadas sobre o assunto, a seguinte crônica escrita por Feijó, em 9 de janeiro de 1981.

Enquanto Frederico estabelece uma trincheira em Hamburgo Velho, lutando contra a destruição do passado, aqui em Novo Hamburgo as casas bancárias vão destruindo o que há de mais representativo da nossa história arquitetônica. Recentemente foi negociado o prédio da ótica Korndörfer, provavelmente para ser construído mais um monstro semelhante ao que a Caixa Federal construiu em Porto Alegre. Breve Novo Hamburgo será uma cidade repleta de espigões, impressionando os visitantes pelo seu progresso, mas será uma cidade sem nada para representar o seu passado, que também foi glorioso. Portanto, apoiar Scheffel é ajudar a salvar um pouco de uma imagem que pertence a todos nós". (FEIJÓ, 1981)

Na crônica supracitada pode-se constatar a preocupação com o crescimento acelerado das cidades, fazendo um apelo, em particular, à comunidade hamburguense. Feijó não reconhece mais a cidade de Novo Hamburgo onde cresceram, e por consequência, desconhece também a identidade coletiva hamburguense, fazendo apelo à comunidade para apoiar o movimento analisado neste trabalho.

Maria do Carmo de Oliveira, integrante do movimento preservacionista no bairro, também menciona sua preocupação com a destruição do mesmo em reportagem. A integrante destaca que “se permitirmos a destruição daquilo que o homem cria, ao mesmo tempo deixamos desaparecer o criador, que fica sem memória do passado e sem uma base sólida onde construir o futuro” (OLIVEIRA, 1981).

Estes exemplos elucidam o incômodo causado com o crescimento acelerado no município. Esse crescimento estava gerando na comunidade hamburguense um desconforto, um vazio, uma falta de reconhecimento e pertencimento, podendo assim dizer, uma crise na identidade coletiva.

O processo de crise da identidade foi questionada por Pierre Nora (1993). Para Nora, o conjunto de mudanças aceleradas pelas transformações dos processos históricos destacou a importância dada à memória e aos seus suportes. O conjunto de mudanças colocaria em crise a identidade nacional, sendo necessário buscar lugares. Embora Nora estivesse se referindo à identidade nacional francesa, a comunidade hamburguense, preocupada com o desaparecimento da sua história e memória, tende a se apegar ao bairro Hamburgo Velho e suas casas enquanto lugares de memória. “Não existe mais um homem-memória, em si mesmo, mas um lugar de memória (NORA, 1993, p. 21).

Para Pierre Nora (1993), os lugares de memória são:

antes de tudo, restos. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (NORA, 1993, p. 12-13).

Se para Nora os lugares de memória são “restos”, levantam-se, aqui, diversos questionamentos e reflexões. Primeiramente, o que restava no município de Novo Hamburgo no início da década de 1980 que poderia ser preservado? Este local, sendo preservado, seria reconhecido por toda a comunidade hamburguense ou apenas por um grupo?

Com essas reflexões, e através das fontes consultadas, apura-se, pois, que a comunidade hamburguense estava sim buscando um reconhecimento e pertencimento gerado pelo Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico de Hamburgo Velho, porém este reconhecimento, de características germânicas, não identificava toda a comunidade do município.

Ramos e Silveira escrevem sobre o patrimônio cultural e o uso da memória, como representação coletiva do passado. Para eles, o Patrimônio Cultural é uma construção política

fruto de escolhas e interesses, sejam políticos, sociais ou econômicos, determinados por um discurso e uma narrativa nos lugares. (RAMOS ; SILVEIRA, 2015, p.5).

As ações individuais de Scheffel e Sperb refletem portanto suas escolhas, desejos e sonhos no presente. A narrativa que usam, como destaca Ramos e Silveira, são representações coletivas no passado, da memória da colonização no município. Suas intenções de tombar o bairro se ampliam para um grupo, e deste a uma comunidade. Uma parcela da comunidade apoia esta ideia e deseja preservar o bairro Hamburgo Velho enquanto patrimônio, mas como atração turística.

No trecho a seguir, pode-se observar mais uma ação dos hamburguenses em legitimar a preservação do bairro, solicitando ao poder executivo uma lei especial de tombamento para a criação do Centro Histórico de Hamburgo Velho. Scheffel, enquanto presidente do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio, envia ao prefeito, Eugênio Nelson Ritzel, as seguintes argumentações:

- Que a Constituição Federal art. 180, § único, protege o patrimônio histórico, artístico e mais os monumentos e as paisagens naturais notáveis, bem como jazidas arqueológicas.
- Que, em 8 de junho de 1977, no gabinete do Executivo desta cidade, em reunião da qual participaram o senhor prefeito municipal e cerca de 30 pessoas representativas da comunidade, foi fundada a seccional de Novo Hamburgo do Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho, ocasião em que se esboçou o projeto de criação do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural, que foi efetivo através de decreto-lei nº 229/77, de 3 de novembro de 1977;
- Que tanto o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural, quanto a seccional do Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho em várias ocasiões, manifestaram-se pela preservação de nosso patrimônio, sendo que as respostas, quando ocorreram foram vagas.
- Que a ineficácia destas iniciativas fez surgir, em 16 de novembro de 1980, o 'Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho', que consiste numa atividade comunitária, onde pessoas de todas as idades e profissões colaboraram, pintando, aos domingos, os prédios de valor histórico e cultural do bairro de Hamburgo Velho, demonstrando, na prática, uma forma de preservar um patrimônio que é de todos, na medida que é testemunho do passado histórico da comunidade.
- Que este movimento teve êxito e é aceito pela comunidade hamburguesa e já se projetou no Rio Grande do Sul e estados vizinhos, através da imprensa escrita e televisionada, e da Loteria Estadual, sendo que a maior divulgação da atividade está no plano da TV Educativa Nacional, do Rio de Janeiro, e da revista Visão de São Paulo, que, para isso, já fizeram contatos com o grupo.
- Que a preservação e a valorização do nosso patrimônio histórico foram assumidas pela municipalidade através do Contur, que incluiu o Centro Histórico de Hamburgo Velho no seu roteiro turístico, e pelo Executivo municipal que encaminhou à Câmara de Vereadores, lembrou nossa história, arte e cultura como elementos através dos quais os turistas nacionais e estrangeiros podem tomar contato e conhecer nosso povo (cfr.NH 24.12.81);
- Que Hamburgo Velho, como centro histórico e artístico, recebeu, nos últimos três anos, mais de 26 mil turistas do Estado, país e exterior;
- Que, diante de todos estes fatos, a população questiona pela participação efetiva da Prefeitura Municipal, parece-nos que a administração pública municipal deve se posicionar e participar de fato e de direito, não necessariamente através de um apoio

financeiro, mas legislando e administrando em favor da defesa e preservação do patrimônio histórico e artístico do município. (JORNAL NH, 17 fev. 1982)

Além desse apelo do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio à prefeitura de Novo Hamburgo, o mesmo teria, ainda, elaborado um projeto de lei de tombamento, a nível municipal, do bairro Hamburgo Velho. Segundo informações publicadas pela imprensa local sobre esse tema, um ano antes desse apelo já havia sido entregue a Prefeitura Municipal um modelo de lei de tombamento, enviado pelo delegado regional da SPHAN do Rio Grande do Sul, Júlio Nicolau de Curtis, incluindo a Declaração de Amsterdã⁸⁸ de 1975 e a Carta de Veneza⁸⁹ de 1964.

Tanto a Declaração de Amsterdã, quanto a Carta de Veneza, introduzem orientações sobre resguardar e promover os ideais do patrimônio comum. Comentam sobre a integração e o envolvimento dos cidadãos nos processos de preservação e a valorização dos planejamentos físico territorial e nos planos urbanos. Na Europa, havia uma preocupação em preservar os conjuntos que constituem as cidades e povoações tradicionais em seu ambiente, seja natural ou construído. No município de Novo Hamburgo, nota-se, também, tal preocupação. A comunidade estava pedindo a preservação do bairro Hamburgo Velho, esse que representa sua identidade local.

Schneider escreve sobre a preservação do patrimônio local:

Na maior parte dos casos de ações de preservação do patrimônio local, é o poder público local que acena com os meios para planejar a cidade com base nas legislações vigentes, fomentando e sancionando as questões legislativas, inventário do patrimônio material e imaterial, leis de tombamento, projetos de restauro ou mesmo encaminhamentos de captação de recursos. As decisões acabam sendo tomadas nos gabinetes dos prefeitos, e os projetos não duram mais que um mandato político (SCHNEIDER, 2014, p.50).

Schneider salienta que o poder público é responsável pelas questões legislativas de tombamento e de inventário e muitas dessas decisões são tomadas nos gabinetes dos prefeitos. No caso de Novo Hamburgo, mediante a demora dos trâmites legais de preservação do patrimônio local, o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de Novo Hamburgo teria elaborado ofícios reivindicando a criação de legislação específica para o tombamento de toda área de Hamburgo Velho (preservando em torno de 200 hectares de área edificada e verde) que caracterizam o bairro. Sugeriram também a revisão do Plano

⁸⁸ O manifesto de Amsterdã, de outubro de 1975, tem como objetivo efetivar uma união entre 25 países europeus salvaguardando o patrimônio comum entre eles. (IPHAN)

⁸⁹ A Carta de Veneza é uma carta internacional sobre os princípios referentes à conservação e ao restauro de monumentos e sítios. Elaborada em maio de 1964, num plano internacional, cabendo a cada nação aplicá-la de acordo com sua própria cultura e tradições (IPHAN).

Diretor do Município, o bairro Hamburgo Velho estava como zona comercial, e a Lei Complementar nº 80/81, que dispõe sobre as taxas de ocupação e índice de aproveitamento. O índice de aproveitamento estava muito elevado, impedindo investimentos em áreas e prédios históricos. Pediam também a isenção de impostos prediais aos moradores desta área.

Sperb esclarece como tiveram a ideia da troca de índice em Hamburgo Velho. Em um dos almoços do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho, o participante Evaldo Astolfi teria trazido o caso do prefeito de Curitiba, do arquiteto Lerner, sobre troca de índice. Trabalham esta ideia no bairro como possibilidade aos moradores que se sentiam lesados (SPERB, 2018).

Muitas dessas reivindicações para o bairro não foram atendidos pela prefeitura. Por meio da Lei Complementar nº 2.668, publicada em 29 de julho de 1982, a prefeitura municipal de NH teria modificado o bairro de zona comercial para residencial. Esta lei não impedia a destruição ou modificação dos prédios nesta área de zoneamento. Como resposta de insatisfação da comunidade a esta lei, foram colhidas mais de mil assinaturas pedindo urgência na criação do Centro Histórico de Hamburgo Velho, para o então prefeito Assis Barreto da Costa, em 13 de agosto de 1982.

Através dos apontamentos destacados acima, pode-se apurar que o grupo que desejava preservar o bairro, sem sucesso até então, sente a necessidade de criar outros meios legais, procurando órgãos públicos além do âmbito municipal. Passam a dialogar com o IPHAE e o SPHAN.

De acordo com Sperb, conforme contatam o IPHAE e o SPHAN, pesquisas históricas são realizadas por ela e por Scheffel, que percorrem o bairro e a cidade dentro de um fusca. No verão de 1983, enquanto Sperb dirige, Scheffel tem em suas mãos um mapa. Pesquisam sobre a história do bairro e seus casarios. Fazem um cadastro das casas, separando-as de acordo com seu estilo arquitetônico e data de construção (SPERB, 2018).

A educação, conscientização e a sensibilidade da comunidade, são vitais nesse processo de preservação local. Quanto mais forte for o sentimento de respeito da comunidade para com sua cultura e seu patrimônio, mais forte será esse processo e sua defesa (COSTA 2002, Apud SCHNEIDER 2014, p.53).

De acordo com os apontamentos acima percebe-se, novamente, a importância da comunidade no processo de preservação local. Em Novo Hamburgo, as informações e os materiais, desde fotografias antigas a leis de preservação, são recolhidos para sensibilizar a comunidade e validar as ações deste movimento. Inventariam os bens de maior observância ligados à identidade local.

Segundo Telles, no livro *Manual do Patrimônio Histórico*, para a preservação de um monumento ou lugar, é necessário fazer um levantamento prévio do mesmo, com fundamentação teórica e o principal sistema adotado é o inventário. Na Alemanha, o primeiro levantamento nesse sentido data de 1644. O inventário deve ser elaborado de maneira mais completa possível (TELLES, 1977, p.66 e 67).

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 atribui competência comum da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios sobre a Preservação do Patrimônio Cultural, respeitando a legislação federal e estadual (SCHNEIDER, 2014, p.51 e 52). A proteção do patrimônio cultural brasileiro, no artigo 216 menciona: “§1º- O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação e de outras formas de acautelamento e preservação” (SCHNEIDER, 2014, p. 52).

A Constituição do Estado do Rio Grande do Sul, nos artigos 176 e 177, discorre sobre as políticas urbanas a cargo municipal e os planos diretores. Os mesmos mencionam:

Art. 176- Os Municípios definirão o planejamento e coordenação de usos, atividades e funções de interesse local, visando:

- I- melhorar a qualidade de vida nas cidades;
- II- promover a definição e a definição e a realização da função social da propriedade urbana;
- III- promover a ordenação territorial, integrando as diversas atividades e funções urbanas;
- IV- prevenir e corrigir as distorções do crescimento urbano;
- V- promover a recuperação de bolsões favelamento, sua integração e articulação com a malha urbana.
- VI- integrar as atividades urbanas e rurais;
- VII- distribuir os benefícios e encargos do processo de desenvolvimento das cidades, inibindo a especulação imobiliária, os vazios urbanos e excessiva concentração urbana;
- VIII- impedir as agressões ao meio ambiente, estimulando ações preventivas e corretivas;
- IX- promover a integração, racionalização e otimização da infraestrutura urbana básica, priorizando os aglomerados de maior densidade populacional e as populações e as populações de menor renda;
- X- preservar os sítios, as edificações e os monumentos de valor histórico, artístico e cultural;
- XI- promover o desenvolvimento econômico local;
- XII- preservar as zonas de proteção de aeródromos, incluindo-as no planejamento e ordenação referidos no capit.

Art. 177- Os planos diretores, obrigatórios para as cidades com população de mais de vinte mil habitantes e para todos os municípios integrantes da região metropolitana e das aglomerações urbanas, além de contemplar os aspectos de interesse local, de respeitar a vocação ecológica, o meio ambiente e o patrimônio cultural, serão compatibilizados com as diretrizes do planejamento do desenvolvimento regional (SCHNEIDER, 2014, p. 52).

Por meio da Constituição Federal de 1988 e dos artigos da Constituição do estado do Rio Grande do Sul, citados acima, pode-se apurar que o poder público, juntamente com a colaboração da comunidade, estimulava a criação de inventários e de registros salvaguardando a proteção do patrimônio cultural brasileiro. É interessante observar que, cinco anos antes desta lei ser publicada, Scheffel e Sperb já demonstram esta preocupação e, por iniciativa deles, elaboram dados e informações, inventariando Hamburgo Velho e Novo Hamburgo.

É importante a participação da comunidade na elaboração de seu inventário. Reuniões devem ser feitas para esclarecer e sugerir os bens que venham a representar a comunidade para então ocorrer o tombamento (SCHNEIDER, 2014, p.53). Essas reuniões acontecem em Novo Hamburgo.

Em fevereiro de 1982, reuniões são feitas para “discutir patrimônio histórico, trabalhar em recuperação, debater, redigir e assinar documentos solicitando ao prefeito municipal medidas administrativas que visassem a preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade” (SPERB, 1982). Sperb (2018) afirma que “A gente sabia o que queria e a quem se dirigir”. Conforme Scheffel e Sperb mapeiam a cidade, fazem contato com o arquiteto e coordenador regional do SPHAN no Rio Grande do Sul, Júlio Nicolau Barros de Curtis⁹⁰.

Sperb relembra a visita “decepcionante” feita por Júlio Nicolau Barros de Curtis. A mesma mostra seu desapontamento com Curtis que na ocasião, ao olhar o bairro, teria afirmado que Hamburgo Velho não tinha patrimônio, pois as casas tinham suas fachadas alteradas. “Ele não ajudou em absolutamente nada. O que ele podia fazer contra, ele fez” (SPERB, 2018).

Uma nova estratégia é criada. Para preservar o conjunto arquitetônico do bairro, as pessoas envolvidas nessa articulação tentam tomar, a nível nacional, a Casa Schmitt Presser, localizada na Avenida General Daltro Filho, ao lado do museu de arte preservado por Scheffel na década de 1970 (atualmente denominada Fundação Ernesto Frederico Scheffel). Para isso, as pesquisas realizadas por Sperb apontam esta casa como uma das mais antigas do Centro Histórico de Hamburgo Velho, construída na primeira metade do século XIX.

⁹⁰ Foi o primeiro Diretor Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Rio Grande do Sul (Iphan-RS). Gaúcho, nascido em Porto Alegre, atuou na preservação dos bens culturais, deixando como legado grande obra preservacionista do patrimônio cultural brasileiro. Sua produção cultural, literária, atuação docente e como diretor em instituições públicas federais lhe renderam diversos títulos e o projetaram nos cenários regional e nacional da história da arquitetura brasileira, influenciando gerações de preservacionistas conforme informações do IPHAN. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/rs/noticias/detalhes/1988/iphan-registra-morte-do-primeiro-superintendente-no-rio-grande-do-sul>> Acesso em 07 de junho de 2018.

Percebe-se, em diversas fontes, o discurso empregado, tanto pelos meios de comunicação quanto pelas pessoas envolvidas na preservação desta casa. Promovem-na como “Casa do fundador de NH” em referência a figura de João Pedro Schmitt, imigrante alemão influente na localidade de Hamburguerberg (conforme já descrito no segundo capítulo).

A casa traz a importância do local enquanto venda comercial no crescimento do município e, por conseguinte, atrelada às construções identitárias da comunidade. “O próprio espaço e a materialidade de uma cidade se convertem em narradores de sua história, por isso o esforço de conservação do patrimônio arquitetônico (BARROS 2007, p.42 Apud REINHEIMER ; SMANIOTTO 2014, p. 252-253).

A Casa Schmitt Presser enquanto patrimônio pode revelar a memória local e os desejos de solidificar a preservação do bairro, mas vale pontuar que “memória e patrimônio não serão e não permitirão, pois, uma reconstituição fiel do passado” (SILVEIRA; RAMOS, 2015, p. 6). A Casa Schmitt Presser é utilizada pelo grupo como questão política preservacionista já que a mesma “era o bem mais precioso que tínhamos, a casa mais antiga em enxaimel no Rio Grande do Sul”, recorda Sperb (2018). Para angariar fundos para restaurá-la, utilizou-se o discurso da memória como recurso de reconstrução atualizada do passado. O grupo não abandonou as atividades de pintura no bairro, mas, entre os anos de 1983 e 1984, dão uma atenção maior a Casa Schmitt Presser que estava em ruínas. No conjunto de imagens abaixo, pode-se observar o estado de total abandono que a casa se encontra no início dos anos 1980.

Com a vegetação crescendo ao redor e dentro da casa, faltando parte do telhado, com as madeiras podres e com cupim, o grupo do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho limpa a casa e seu arredor. Pesquisam e levantam informações sobre a história da casa e de seu fundador para entregar ao SPHAN no Rio de Janeiro, já que a superintendência do estado do Rio Grande do Sul não demonstrou interesse, afirma Sperb (2018).

Figura 10- Casa Schmitt Presser no início da década de 1980



Fonte: Acervo Fundação Ernesto Frederico Scheffel (2018)⁹¹

O tombamento da casa, em 1985, só foi possível com a ajuda do Doutor Rolf Zelmanowicz, amigo de Scheffel. Aqui novamente percebe-se como a rede de amigos de Scheffel ajuda a concretizar os seus objetivos.

O Dr. Rolf Zelmanowicz (presidente da APLUB), acompanhado de Cláudio Medeiros, visita Scheffel, no ano de 1983, em Hamburgo Velho. Nessa visita, Scheffel comenta sobre as dificuldades encontradas pelo grupo em preservar o bairro (reações negativas por parte de alguns moradores) (SCHEFFEL, 2013, p.286). Na ocasião, Cláudio Medeiros, vizinho de apartamento em Brasília do secretário do Ministério da Educação e Cultura (MEC), Marcos Villaça, “dispõe-se a encaminhar, pessoalmente, a nossa documentação relativa ao pedido de tombamento da casa de Johann Peter Schmitt, negado anteriormente pelo IPHAN de Porto Alegre” (SCHEFFEL, 2013, p.286).

Sperb e Scheffel organizam a documentação sobre a casa de Johann Peter Schmitt a ser entregue a Villaça: laudo técnico sobre a Casa em enxaimel escrita pelo professor e

⁹¹ Montagem elaborada pela autora.

arquiteto Günter Weimer, e o inventário de Schmitt, escrito por Sperb. Junto com esta documentação, foi enviada a seguinte carta, escrita em 14 de novembro de 1983:

Prezado Senhor:

Por sugestão de amigos em comum, tomamos a liberdade de encaminhar à Vossa Senhoria documentos referentes a imóvel de inestimável valor histórico e cultural na cidade de Novo Hamburgo. Trata-se da casa de Johann Peter Schmitt, fundador do Hamburger Berg, núcleo que deu origem a esta cidade.

Cerca de 80 por cento das casas do Hamburger Berg, hoje Hamburgo Velho, são anteriores a 1930, o que dá uma visão global do desenvolvimento urbano desde as origens da colonização alemã na Costa da Serra (Vale do Sinos), em 1824, até os dias atuais. O bairro é formado por um considerável patrimônio arquitetônico do qual temos documentação fotográfica do século XIX e atual. É desnecessário dizer que todo este acervo está ameaçado pela especulação imobiliária, numa cidade que tem um acelerado crescimento demográfico e econômico.

Assim, a casa Schmitt não é um imóvel isolado, mas faz parte de um conjunto com características de Strassendorf, conjunto este que foi objeto de estudo e projeto como “Área de interesse ao Patrimônio Histórico”, elaborado por técnicos da Metroplan e Surban (SDO).

A casa Schmitt está precisando de urgente restauração. Contudo, para viabilizar os trabalhos, faz-se necessário o tombamento do imóvel. Já existe um projeto de restauração elaborado pelo arquiteto Volnel Ferrari e a Associação dos Profissionais Liberais do Brasil – APLUB dispõe-se a custear a obra.

Tombada e restaurada, a casa do fundador de Novo Hamburgo deverá abrigar o museu histórico da cidade.

Havíamos preparado, para enviar a Vossa Senhoria, documentação relativa a toda a área histórica da cidade, contudo, para não sobrecarregar o casal Medeiros, lhe enviamos somente o material referente à casa Schmitt. Gostaríamos que o caso fosse apreciado com carinho, assim como esperamos ter a oportunidade, em breve, de lhe enviar ou entregar pessoalmente a documentação referente ao bairro.

Certos de sua atenção e colocando-nos a seu dispor para outras informações, aceite nossos cumprimentos pelo trabalho que vem realizando.
Cordiais saudações Ernesto Frederico Scheffel e Angela Tereza Sperb (SCHEFFEL, 2013, p.286- 287).

Nessa carta, Scheffel e Sperb, além de destacar a importância histórica e sua relevância ao município, mencionam que projeto de restauração já foi elaborado e há verba para sua restauração, em referência a APLUB que custearia as obras assim que a casa fosse tombada.

Conforme correm os trâmites legais para o tombamento da casa a nível federal, Sperb relembra “a bronca e os puxões de orelha” feitos por Curtis. Curtis não teria gostado de receber o pedido de tombamento de “cima”, não respeitando a hierarquia, em referência a ele, enquanto representante a nível estadual do SPHAN, enfatizando também a falta de dinheiro (SPERB, 2018). O grupo teria passado por cima de sua autoridade a nível estadual.

Pedido aceito a nível federal, nos meses seguintes correspondências e documentações complementares são trocadas entre o SPHAN (sede no Rio de Janeiro) e Sperb. A Casa Schmitt Presser é tombada em 1985, pelo processo nº 1113-T-84, em livro Tombo. Embora o

Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho tenha conseguido preservar e restaurar essa casa nessa década, não conseguiu preservar o conjunto arquitetônico de Hamburgo Velho. O SPHAN na ocasião delimitou uma área muito pequena no entorno da casa.

O poder público e a comunidade hamburguesa buscaram o que Schneider destaca como concordância aos processos de preservação. No processo de preservação o poder público e a sociedade são responsáveis por estas ações, captação de recursos e as possibilidades e usos para este imóvel (SCHNEIDER, 2014, p.53).

No que diz respeito à captação de recursos, a Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo foi “levada de arrasto”, destaca SPERB (2018). A prefeitura teria dado apoio financeiro quando esta casa foi tombada. Antes disso, a APLUB teria sido a primeira a ajudar com os recursos financeiros, e em seguida o SPHAN. Sperb relembra, em entrevista, o processo de restauração da casa e a mudança por parte do SPHAN que passa a colaborar. A mesma destaca que, na época da restauração da casa, mudou a diretoria do SPHAN e “as pessoas começaram a trabalhar mais a favor do que contra” (SPERB, 2018).

Com o processo de restauração da casa, em 1985, se questiona sobre quais as ideias e os usos deste imóvel após a restauração. Esse imóvel é organizado para virar um museu histórico na cidade. Esta ideia já havia sido idealizada no ano de 1981.

Casa restaurada, começam os preparativos para a organização do museu. Reuniões e campanhas foram realizadas por Sperb (responsável pelo Setor do Patrimônio Histórico, na SEMEC) e por Renate Gigel (professora que trabalhava na prefeitura). Sperb destaca a importância de Maria de Lourdes Parreiras Horta (diretora do Museu Imperial) na organização deste espaço. Profissionais do IPHAN, do Museu Nacional (Solange Godoy e Ecylla Brandão) e do Museu Imperial, vêm a Hamburgo Velho ensinar técnicas de higienização e o manuseio do acervo. Palestras são ofertadas por estes profissionais à comunidade. Na ocasião, Horta, após observar a quantidade de pessoas da comunidade presente nessas palestras, propõe que o museu podia ser denominado de Museu Comunitário, algo inédito no Brasil (SPERB, 2018).

Campanhas são realizadas nos jornais locais convidando a comunidade a doar objetos para o museu sob a seguinte propaganda: *A Venda de Johann Peter Schmitt vai abrir, você pode colaborar com o quê?* Nestas reportagens há listas de objetos⁹² que a comunidade

⁹² Sperb encontrou no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo o inventário de João Pedro Schmitt. Neste inventário constava também uma listagem que havia em sua venda. Com este inventário foi possível identificar os objetos e características da venda.

poderia doar. Em 1992, o local abre como Museu Comunitário Casa Schmitt Presser. Desde então, nesse espaço, a comunidade é convidada a conhecer a história da venda e da região além de encontrar materiais (fotografias, objetos diversos, vestuário, entre outros) para trabalhos escolares, acadêmicos e demais interesses.

Embora a casa tenha sido restaurada, muitos moradores do bairro eram contra a preservação local, gerando conflitos entre os moradores e o grupo preservacionista, assunto a ser analisado no último subcapítulo.

3.4 DA ALEGRIA À AMARGURA, DA COMEMORAÇÃO À LAMÚRIA. DIVERGÊNCIA DE IDEIAS ENTRE OS MORADORES SOBRE A PRESERVAÇÃO DE HAMBURGO VELHO

À medida em que o Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho se articula para preservar o bairro, festas são realizadas a cada vitória. Junto com essas conquistas vêm sentimentos de alegria, contentamento e união. Boatos e intrigas rompem essa harmonia.

Neste subcapítulo levantam-se questões que expõem opiniões e reações conflitantes entre os moradores do bairro sobre sua preservação. Articula a história oral ao contexto e elementos do objeto de pesquisa. Procura dar voz àqueles moradores que, por diversos motivos, evitam ou pouco falam sobre as brigas, intrigas e a atuação do Movimento de Preservação de Hamburgo Velho, uma vez que, passados mais de 20 anos, ainda é um assunto delicado por parte de alguns dos envolvidos. Muitos comentaram em entrevista concedida para o presente trabalho, mas pediram que seus nomes não fossem divulgados. Optou-se, pois, por denominar um dos entrevistados de “Morador 1”.

Para Nadir Zago, entrevistar alguém está relacionado à capacidade de obter confiança do entrevistado, sendo muitas vezes aspecto relevante para uma boa entrevista e não a técnica de condução (ZAGO, 2003). Partindo da referência de Zago, menciona-se que muitos dos entrevistados relataram algumas informações à entrevistadora deste presente trabalho, porque a conhecem como moradora do bairro e oriunda de família tradicional do local, além de que trabalha em dois museus nessa localidade, facilitando assim a confiança, o contato e a coleta das informações.

Se nos primeiros meses de atuação do grupo, entre os anos de 1980 e 1981, existia uma parcela significativa de moradores apoiando o movimento de revitalização do bairro,

criando alianças, como já apontado neste trabalho, deve-se mencionar as intervenções e os comportamentos dos moradores que desconfiavam e se articulavam contra o movimento.

Como primeira ação *versus* reação, exemplificam-se as comemorações pela atuação do movimento nos primeiros três meses. Em 16 de fevereiro de 1981, o grupo comemora as primeiras ações preservacionistas no bairro com uma festa. Na ocasião, uma placa de bronze alusiva ao movimento foi colocada no muro romano, com os seguintes dizeres: *Hamburgo Velho, 14.11.80. Início do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico.*

A partir dessa placa, pode-se apontar como uma das primeiras ações divergentes na comunidade local. Na festa, em meio a chope e a sanduíches, estiveram reunidos cerca de sessenta moradores do bairro, amigos e integrantes do movimento, sob clima de descontração, como apontam fontes documentais e orais. A festa foi idealizada e patrocinada por Scheffel, destaca Sperb (2018). Dias após a festa, um morador incomodado com as ações do grupo, retira essa placa e a joga no Rio dos Sinos, conforme menciona “Morador 1” (2017).

Ao longo desse primeiro ano de atuação, o grupo realizou outras duas festas, estimulando a recuperação do patrimônio histórico e artístico de Novo Hamburgo, argumentando a importância da conservação da identidade cultural de seus habitantes. Naves e Katrib comentam, no artigo *Vozes em festa: memória, história e ancestralidade nos Festejos de São Benedito*, sobre o conceito de festa e a reconstrução de memórias. Para eles

a festa em si é o produto de uma linguagem social utilizada para expressar ações e sentimentos. Essa linguagem se propaga carregada de forte caráter simbólico que se decodifica em sentidos de pertença identitária, em reconstrução de memórias em narrativas que interligam vida e festa numa mesma dimensão (NAVES & KATRIB, 2009, p.02).

As festas, para o grupo, foram outra maneira encontrada para chamar a atenção da comunidade e dos órgãos públicos para a preservação do bairro. Em comemoração aos seis meses de atuação do grupo, percebe-se o que Naves e Katrib comentam sobre os sentimentos de pertencimento identitário. Nessa festa, reunindo cerca de 250 pessoas, entre as ruas Piratini e a Avenida Maurício Cardoso, a comunidade confraterniza comendo linguiça, ovos cozidos e vinho, ao som do Coral Júlio Kunz. Cantaram-se cantigas alemãs e algumas pessoas presentes usavam traje típico alemão. Percebe-se aqui a referência identitária germânica na localidade, fato que ocorre também na terceira festa.

A terceira festa foi organizada em prol de um ano de atuação do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho, em novembro de 1981, novamente foi utilizada uma linguagem simbólica de pertencimento e de identidade. Nessa, o

grupo tinha como objetivo relembrar as festas ocorridas na área pelos antigos moradores de *Hamburgerberg*, utilizando o discurso identitário e da memória.

Embora essas festas tenham ocorrido no início da década de 1980, destaca-se que após a criação do Movimento Preservacionista em Novo Hamburgo surgem os “Amigos de Hamburgo Velho” no final da década de 1980 que passam a promover desde então, o “*HamburgerBerg Fest*” que revive a história, tradição local e a valorização do patrimônio material e imaterial do bairro, reunindo artesãos, artistas plásticos, músicos e dançarinos em uma festa “tipicamente” alemã.

A festa teve e ainda tem como objetivo manter e repassar os costumes germânicos às gerações seguintes. Promover a interação da comunidade por meio de lazer e cultura, com variedade de comidas e bebidas (chopp) fomentando o empreendedorismo no bairro e fortalecendo o comércio local, destaca nota oficial (publicada no site da prefeitura de Novo Hamburgo no dia 20 de outubro de 2016) referente à 19ª *Hamburgerber Fest*.

Para Le Goff, a questão mais relevante sobre a memória são seus mecanismos de preservação, estimando que a “[...] memória passou a ligar-se menos aos acontecimentos históricos e mais a comportamentos, mentalidades, imagens, ritos e festas” (LE GOFF, 2003, p. 466).

Nessa terceira festa, reuniram-se cerca de 400 pessoas (integrantes do movimento, moradores, historiadores e diversos convidados). Novamente, haviam pessoas vestidas com trajes típicos e serviu-se cuca, linguiça e chope. Apresentou-se o Grupo de Folclore do Colégio Sinodal de São Leopoldo (direção de Franck Schierholz), o coro misto Júlio Kunz (regência de Osório Stofel) e a banda Marimbau, destaca reportagem do Jornal NH de 21 de novembro de 1981. Percebe-se aqui o comportamento e intenções do grupo que em alemão teriam dito “*Nós somos os pintores de Hamburgo Velho, as cores sorriem como uma gargalhada*”. Dentre as diversas fontes, este trabalho traz o seguinte depoimento de Herta Patro (sic) sobre a festividade e como outro ponto de conflito:

Hamburgo Velho, festa de idealistas, para idealistas, que não deu para entender: vinho de graça, linguiça (especial), ovos e pão, apresentação de coral[...] Houve embalo, houve risos, alegria, cantos, comunicação, novas amizades. Reavivou-se o gênio franco e aberto dos primeiros imigrantes, cujo sangue ainda pulsa em nosso corpo. É em sua homenagem que se preocupa dar vida aos velhos prédios, recuperando a sua autenticidade, conservando seus velhos traços⁹³ (PATRO, 1981)

Muitos moradores sentiram-se incomodados com pessoas simpatizantes ao movimento que não eram moradoras do bairro, mas de outros locais de Novo Hamburgo ou,

⁹³ Reportagem publicada no Jornal NH, intitulada “Convite”. Edição do dia 01 de junho de 1981.

ainda, de cidades vizinhas, como Herta Patro, moradora de Ivoti. Jorge Ondere Filho e Jorge Ondere Júnior⁹⁴, moradores no centro histórico de Hamburgo Velho, mencionam, em entrevista, seu descontentamento e ações por parte desses simpatizantes e pelo grupo em prol da preservação. Destacam o clima harmonioso que existia no bairro antes da vinda de Scheffel e de suas ideias de preservação.

Vivíamos harmoniosamente com o bairro germânico. Cada um com sua casa, propriedade, loja. Num belo dia, sabe-se que vem um artista plástico de Florença, o Ernesto Frederico Scheffel [...] E vem com uma mentalidade europeia tentando mudar algo que já estava enraizado aqui em Hamburgo Velho (Jorge Ondere Júnior, 2018)

Entre as mudanças mencionadas por Jorge Ondere Júnior, as ruas seriam fechadas para que os carros não pudessem passar evitando rachaduras nos imóveis. Seu pai completa que “Scheffel veio para atrapalhar” (Jorge Ondere Filho, 2018). Destacam também que a ideia de Scheffel teria sido uma imposição que prejudicaria os moradores, alarmando a comunidade local que se articula, criando, em 1983, uma Associação. Nas palavras de Júnior: “A gente criou uma Associação para nos defendermos dessa pessoa que veio de fora já querer transformar a vida de Hamburgo Velho” (JÚNIOR, 2018).

Com esses relatos, pode-se perceber que o novo gera desconfiança. Essa desconfiança cresce entre os moradores à medida em que o Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho atua no bairro. Entre o grupo de moradores que se articulam contra o movimento, além de Jorge Ondere Filho e Jorge Ondere Júnior, destaca-se, novamente, a moradora Asta Schmitt que, como mencionado em subcapítulo anterior, mostrava-se simpática ao movimento e que deixou sua casa ser pintada. Questiona-se o porquê da mudança de atitude e de pensamento dos moradores ao longo de três anos.

Alguns entrevistados sugerem que os moradores estavam incomodados, pois Scheffel e Sperb estariam ditando o que devia ser feito nas casas em referência ao estudo das cores a serem pintadas nas moradias. Outras fontes destacam que tanto Scheffel quanto Sperb constantemente conversavam com os moradores, davam a liberdade a cada indivíduo sobre querer ou não que sua casa fosse pintada.

⁹⁴ Jorge Ondere Filho e Jorge Ondere Júnior descendentes dos primeiros imigrantes alemães e moradores de Hamburgo Velho concederam entrevista em 19 de março de 2018. Esses são alguns dos moradores que não concordavam com as ações do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho.

Ao se estudar sobre os aspectos discursivos e simbólicos da vida sociocultural, Michel de Certeau e Pierre Bourdieu são referências imprescindíveis. Barros se utiliza desses autores e analisa o discurso

Recolocar a noção de discurso no centro da História Cultural é considerar que a própria linguagem e as práticas discursivas que constituem a substância da vida social embasam uma noção mais ampla de Cultura. “Comunicar” é produzir Cultura, e, de saída, isto já implica na duplicidade reconhecida entre Cultura Oral e Cultura Escrita – sem falar que o ser humano também se comunica através dos gestos, do corpo, e da sua maneira de estar no mundo social, isto é, do seu “modo de vida”. (BARROS, 2011, p.41)

Percebe-se aqui, os aspectos discursivos e o modo de vida e social dos moradores de Hamburgo Velho frente à preservação. Conforme transcorre os meses e as ações do Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho, inimizades acontecem no bairro. Havia moradores a favor do movimento, outros neutros e aqueles contra. Paulo Scherer escreve ao Jornal NH, em 1981, elogiando o trabalho de restauração das fachadas das “velhas moradas de Hamburgo Velho” e questiona o porquê de certos moradores ficarem “zangados com o grupo que, gratuitamente, pedem permissão para pintar os velhos casarões”.

Diversos entrevistados lembram que um boato se propaga no bairro, afirmando que os proprietários perderiam suas casas com o tombamento, o que gera um grande número de descontentes, até que, em 1983, um clima hostil se instala entre os moradores de Hamburgo Velho. Uma Associação é criada para os moradores se defenderem desses impasses que estavam ocorrendo, recorda Ondere (2018).

Sperb destaca que 1983 foi um ano muito difícil de confronto junto à comunidade. Primeiro, os boatos do arquiteto da prefeitura Victor Rohden, morador do bairro, responsável pela Secretaria de Urbanismo e Planejamento, dizendo que o movimento tinha interesse nas posses das casas e que os moradores iriam perdê-las (SPERB, 2018). Esse boato gerou irritação nos moradores.

Outro impasse foi causado pelo pastor Sasse, da Igreja Assembleia de Deus, que se opôs ao Movimento Preservacionista. O pastor desejava derrubar e modificar o prédio da sua igreja, localizada na Rua General Daltro Filho, acrescentando alguns andares no prédio e alterando a fachada, alarmando o movimento preservacionista em prol da preservação desse prédio, que no passado funcionava como cinema. O pastor teria, na ocasião, assim como outros moradores sugerido criar um parque ou construir réplicas de todos os prédios considerados históricos em um lugar longe de Hamburgo Velho. Sperb explica que, naquele

momento, o movimento sente a necessidade de expor os objetivos, informar e esclarecer sobre a história do bairro e sobre questões patrimoniais, criando o Jornal Hamburgerberg⁹⁵ (SPERB, 2018)

Alguns leitores do jornal escrevem elogiando-o e desejando êxito. Para elucidar o conteúdo das reportagens destaca-se a opinião dos seguintes leitores: Sérgio Roberto Dillenburg, de Porto Alegre, João Carlos Schmitz, Diretor Geral da FEEVALE de Novo Hamburgo e Arno Fendrich, diretor do Teatro Municipal de São Bento do Sul, Santa Catarina. Sérgio Roberto Dillenburg escreve: “Tive a oportunidade de folhear e ler o número zero do Hamburgerberg, trazendo neste seu projeto matérias de interesse permanente para aqueles que apreciam as artes e a história, escritos por uma equipe magnânima”. João Carlos Schmitz escreve: “trabalho que vem preencher uma lacuna na imprensa hamburguense e da região, isto é, um jornal de caráter essencialmente cultural”. Arno Fendrich elogia: “nosso aplauso para esse informativo que realmente é um jornal para ler, reler e guardar”. Fendrich traz conceitos de cultura: “Cultura é algo falante, liberta e operante de uma cidade. Fale Hamburgo Velho, através do Hamburgerberg, para divulgar a arte que é algo sério, dedicação, sacrifício de longos anos de estudo, enriquecimento interior, que se prolongará muito além” (Jornal Hamburgerberg, 1983, ano 1, nº0)

Além do Jornal Hamburgerberg, Sperb relembra as visitas e as conversas que tinham com os moradores nos finais de tarde, quando tomavam chimarrão e esclareciam o que o grupo pretendia, mas, a partir dos enfrentamentos entre o pastor Sasse e o movimento, Sperb e Scheffel não eram bem-vindos nas casas dos moradores “porque a agressividade das pessoas não abria mais as portas e nós também nos sentimos muito inibidos” (SERB, 2018). Entre as ações de agressividade, outros membros do movimento destacam os gestos, palavras duras, telefonemas anônimos com ameaças e observações dirigidas a eles. Muitas pessoas se manifestam nos jornais locais apoiando ou repudiando o movimento.

O jornal NH elabora reportagem sobre o clima, nada amigável, entre moradores *versus* movimento preservacionista. Sob o título *Proprietários alegam que estão sendo*

⁹⁵ O lançamento do Jornal Hamburgerberg ocorreu no dia 08 de abril de 1983, com o “sininho” percorrendo as Avenidas General Daltro Filho e Maurício Cardoso, além das ruas Joaquim Nabuco, Bento Gonçalves, Gomes Portinho, Avenida Pedro Adams Filho, Júlio de Castilhos, General Osório e, por fim, a Avenida General Daltro Filho. O primeiro exemplar foi distribuído por Ernesto Frederico Scheffel e Gilberto Winter. Teve seis exemplares ao longo dos anos de 1983 a 1986. O periódico informava aos leitores acerca dos monumentos arquitetônicos, históricos e artísticos da região visando colaborar com informações à comunidade e às prefeituras municipais do Vale do Sinos. (Jornal Hamburgerberg, 1983)

*lesados com a preservação de Hamburgo Velho*⁹⁶, percebe-se a articulação dos moradores contra a preservação do patrimônio edificado do bairro.

Outra articulação por parte do pastor Sasse, junto com membros da comunidade, contra o movimento, ocorre dentro dos supermercados do município. Ele teria elaborado jornais que eram distribuídos nos caixas dos supermercados do centro da cidade. Sperb destaca que o conteúdo do jornal “*esculhambava*” com os trabalhos de mobilização no bairro. (SPERB, 2018)

Apura-se outro momento conflitante no bairro, em fevereiro de 1983, quando moradores organizam uma reunião para discutir as ações do Movimento de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de Hamburgo Velho. Diversas fontes orais e documentais apontam o clima discordante e conflitante nessa reunião, entre moradores *versus* movimento preservacionista. Na ocasião, cerca de 40 moradores, juntamente com alguns integrantes do movimento (Scheffel e Sperb) e os seguintes representantes do município: Ernest Sarlet (Secretário de Educação e Cultura), João Lupi (chefe de Departamento de Cultura) e João Carlos Rosito (técnico da Metroplan), debatem. Pessoas exaltadas argumentavam que estavam sendo lesadas dos seus direitos à propriedade, acusando o movimento preservacionista. Os mesmos argumentavam a desvalorização imobiliária de suas propriedades com a preservação de Hamburgo Velho. Jorge Ondere Júnior destaca:

O que seria do nosso país, se todo mundo pensasse em preservar estas baratas, morcegos, pulgas e cupins, destas casas que estão caindo? Não vamos retardar a evolução. Vamos pensar em algo que venha em benefício de toda a comunidade e não está acontecendo, onde estão sendo feitas as vontades de uma ou duas pessoas. (Jornal NH, 1983)

Nota-se aqui a divergência de opiniões e de prioridades no bairro. Muitos moradores estavam preocupados no progresso do bairro e com seus bens no quesito financeiro, enquanto que o Movimento de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de Hamburgo Velho estava preocupado com questões históricas e culturais de valorizar a identidade do município.

O morador Jorge Ondere Filho (2018) destaca em entrevista:

O Scheffel como artista, como pintor é nota dez, ele é especial. Agora, como hamburguense, a ideia dele foi um estorvo, atraso para o bairro, chegando à beira da morte. Scheffel quis aplicar dentro de Hamburgo Velho uma Veneza com casarões. Nós temos três, quatro casarões. O resto não é mais histórico. Essa ideia que nós achamos precipitada talvez (ONDERE FILHO, 2018).

⁹⁶ Reportagem publicada no Jornal NH, edição do dia 10 de fevereiro de 1983.

Como resultado da reunião no início de março, foi criada a Associação de Moradores do Bairro Hamburgo Velho, condenando o Movimento de Preservação do Patrimônio Histórico. Esta Associação contava com 60 associados. Composto nos respectivos cargos: Jorge Ondere Filho (presidente da Associação), Beno Armino Schirmer (vice-presidente), José Nunes Cardiga (1º tesoureiro), Ademar Marcelino da Silva (2º tesoureiro) e Ruy Oscar Ritter (secretário). A associação não foi muito ativa, pois, segundo Jorge Ondere Júnior (2018), houve desencontro de informações e de consenso geral. O certo é que alguns moradores do bairro ainda estavam insatisfeitos com a atuação do Movimento de Preservação do Patrimônio Histórico.

Ainda que as ações do Movimento de Preservação do Patrimônio Histórico tenham ocorrido ao longo da década de 1980 e geraram mobilizações, conquistas e discórdias, todos os envolvidos estavam ao seu modo querendo proteger o bairro Hamburgo Velho. Os acontecimentos nesse bairro marcam uma geração, suas vidas e suas memórias, que foram de suma importância na construção deste trabalho. Afinal, “a memória é constituída por pessoas, personagens” (POLLAK, 1992).

Finaliza-se este capítulo relacionando o bairro com os lugares de memória, nas palavras de Dalva Reinheimer e Elaine Smaniotto: “os lugares têm suas histórias, e as pessoas que neles vivem guardam em suas memórias singularidades que marcaram suas vidas” (REINHEIMER; SMANIOTTO, 2014, p. 244).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente dissertação analisou-se como foi possível preservar o bairro histórico de Hamburgo Velho mesmo carecendo de políticas públicas no município de Novo Hamburgo, estado do Rio Grande do Sul, ao longo das décadas de 1970 e 1980.

Inicialmente, concentrou-se a atenção no processo de organização das comemorações do Sesquicentenário da Colonização Alemã, no município de Novo Hamburgo, nos primeiros anos da década de 1970. Através de fontes de pesquisa, os decretos oficiais da prefeitura apontam que o poder público municipal utilizou um marco coletivo, o Sesquicentenário, no ano de 1974, para legitimar essa festividade na localidade. Nesses decretos, emprega-se a narrativa discursiva de contribuição e valorização da imigração alemã na construção identitária dos hamburguenses. Mas, conforme os meses se passavam, e a festividade também, a atuação do poder público municipal, em preservar a história e as tradições germânicas no município, diminui.

O bairro Hamburgo Velho é esquecido por um tempo pelos políticos, mas não pela comunidade. Como segundo ponto investigativo, centra na história hamburguesa. O bairro Hamburgo Velho com seus casarios e construções arquitetônicas guarda a história da colonização europeia. A localidade, já denominada Hamburgerberg, começa a se estruturar por volta de 1830. Os imigrantes se estabeleceram na atual Avenida General Daltro Filho, ponto central de ações preservacionistas e objeto de análise deste trabalho.

A partir dos festejos do Sesquicentenário, apurou-se que um movimento preservacionista começa em 1974 e se estabelece na década de 1980. Como figura central e articuladora na preservação do bairro histórico de Novo Hamburgo, destaca-se o artista plástico Ernesto Frederico Scheffel. Ele, que morava na Itália desde a década de 1960, retorna ao Brasil para participar do Sesquicentenário. Como resultado dessa festividade, Scheffel é convidado a expor suas obras em um museu de arte. Salienta-se que esse convite foi o ponto inicial em prol da preservação do bairro Hamburgo Velho. Através da Lei Municipal n.º 64/74, é assinado um contrato exclusivo entre Scheffel e a prefeitura de Novo Hamburgo, criando a Galeria Municipal de Arte Ernesto Frederico Scheffel. Conforme Scheffel passa a escolher um local para abrigar seu museu, na década de 1970, ele se depara com a realidade de abandono com o bairro Hamburgo Velho e suas casas históricas.

Scheffel escolhe a casa de Adão Adolfo Schmitt, imigrante alemão influente nos primórdios da formação da cidade. Essa casa, no passado, foi utilizada para fins culturais, entre eles salão de baile, cinema e teatro. Já para fins educacionais, esta casa abrigou, em

1937, o grupo Escolar Antônio Vieira, onde o artista estuda na infância. Essa casa se localiza na Avenida General Daltro Filho. Conforme se dá o andamento na restauração da casa como museu de arte, Scheffel e membros da comunidade desencadeiam diversas manifestações e ações pela preservação da história, da memória e da identidade hamburguense.

Para analisar as ações iniciadas por Scheffel na preservação de Hamburgo Velho, selecionaram-se e destacaram-se alguns atos, entre tantos acontecidos. Primeiramente, é importante mencionar a criação do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural (COMAHC), e a Seccional do Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho (MDACG/ Sec. NH), ambos criados na década de 1970. Scheffel ajuda a criar esses órgãos de fiscalização, estimulando a implementação de políticas públicas no município.

As políticas públicas no Brasil e no estado do Rio Grande do Sul, ao longo das décadas de 1970 e 1980, estavam aos poucos ganhando adeptos e leis de preservação. Nesse contexto, a cidade de Novo Hamburgo estava dando seus primeiros passos em prol da preservação, criando órgãos de fiscalização. Embora esses órgãos sejam criados, sua atuação era limitada, pois, conforme diversas fontes documentais (reportagens/notícias de jornais) e orais (entrevistas), havia a falta de interesse e ações efetivas por parte da Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo.

As políticas públicas devem partir do interesse da comunidade e integrar a identidade ao indivíduo. A identidade é resultante das diversas interações entre o indivíduo e seu ambiente social. Aplicando os conceitos de identidade, políticas públicas, redes e atores sociais, foi revelado, ao longo desta pesquisa, os meios utilizados pela comunidade em preservar seus bens materiais e imateriais no município de Novo Hamburgo e do bairro Hamburgo Velho.

Scheffel utiliza sua influência e renome enquanto artista criando meios para ampliar sua luta preservacionista a toda a comunidade. Nota-se, pois, a importância da rede orientada por laços de amizade. Scheffel consegue por meio de amigos da imprensa local, destacando o Jornal NH, vincular várias notícias de conscientização e disseminação do patrimônio histórico edificado de Novo Hamburgo.

Ideias de preservação são implementadas na cidade, jornais passam a divulgar, ao longo dos anos da década 1970, e de forma expressiva no início dos anos de 1980, reportagens e notícias sobre a importância da valorização da identidade hamburguense e a atuação do movimento preservacionista no bairro Hamburgo Velho.

Ao utilizar, neste trabalho, o uso da memória e suas seleções, deparou-se, também, com o esquecimento. Embora não seja a proposta deste trabalho, evidencia-se o esquecimento como reflexão. A história germânica é destacada ao longo das décadas de 1970 e 1980 pelos jornais e pelo movimento preservacionista, mas a contribuição negra por exemplo, é pouco mencionada.

Ao longo da década de 1970, o movimento preservacionista evitou a demolição de três emblemáticos casarões no município de Novo Hamburgo, utilizados atualmente pela comunidade. O primeiro deles, a casa de Adão Adolfo Schmitt, atual museu de arte Fundação Ernesto Frederico Scheffel, é local de encontros, debates e reuniões sobre preservação. A segunda casa, de Johann Peter Schmitt, onde foi instalado, em 1992, o Museu Comunitário Casa Schmitt Presser que conta a história do município e da imigração alemã da região. E a terceira casa que funcionava como uma das primeiras escolas no município, abriga desde então a Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis. Desse modo, a comunidade se utilizou dos seus bens culturais, tornando o passado vivo.

Investigou-se, também, a década de 1980. Nesse período, com a abertura democrática do país com o fim da ditadura militar, estimula no âmbito federal, estadual e municipal a preservação de espaços de convívio. Agora, não se preservava apenas fachadas e prédios, mas elementos representativos das pessoas, do seu cotidiano, sua memória e a identidade de grupos, não apenas elitizados mas populares.

No âmbito municipal, essa década revelou um aumento expressivo de pessoas adeptas à preservação em Novo Hamburgo. Entre essas pessoas, a historiadora Angela Tereza Sperb será uma grande articuladora na preservação de Hamburgo Velho, liderando o movimento na ausência de Scheffel, quando o artista retorna à Itália por períodos de meses.

Ernesto Scheffel e Angela Sperb criam um movimento voluntário chamado Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho, composto por moradores do bairro e simpatizantes. O objetivo deste movimento era conscientizar a população do seu patrimônio histórico edificado, conservando as características do seu conjunto arquitetônico, escolhendo o bairro Hamburgo Velho como foco. Passam a pintar a fachada das casas, a dialogar, a pesquisar, a fazer levantamentos históricos e a consultar leis nacionais de preservação para legitimar estas ações.

Conforme os integrantes desse movimento se articulam na preservação do bairro, diversos moradores auxiliam, seja pintando ou doando materiais. Quatro colaboradores pintando casas, tornam-se dezesseis e em seguida, mais de cinquenta colaboradores engajam-

se ao Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho ao longo dos anos de 1980 e 1983.

Evidenciam-se que as ações desse movimento se concentravam nas casas localizadas na Avenida General Daltro Filho, Rua Piratini e Avenida Doutor Maurício Cardoso, ruas centrais do bairro. A seleção e a escolha dos bens materiais a serem preservados pelo movimento foram feitas pelo grau de antiguidade e importância histórica, sendo utilizadas fotografias antigas para averiguar possíveis modificações nessas casas.

Com a visibilidade da pintura das casas promovida pelo Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho, ao longo do período de atuação na região, parcerias do âmbito cultural ao acadêmico, do municipal ao estadual e federal e outras ações são firmadas com o objetivo de dar continuidade à preservação do bairro.

Quatro moradores de Novo Hamburgo, instigados pelas notícias nos jornais sobre a preservação de Hamburgo Velho, passam a visitar esse bairro, clicando os casarões antigos no ano de 1981. Com esses registros visuais, pôde-se constatar o contraste entre as casas pintadas pelo Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico, que apresentavam cores vivas, em contraste com as casas em total abandono. Os registros escritos (reportagens e notícias de jornais) também auxiliaram a compreender cronologicamente a atuação do movimento.

O apoio da Loteria Estadual do Rio Grande de Sul deu publicidade e valorizou esse movimento no estado. Em comemoração a um ano do movimento, foram estampados nos bilhetes de loteria dois desenhos: o Monumento ao Centenário da Imigração e Colonização Alemã no Vale do Rio dos Sinos e a Casa Kroeff, casa restaurada que mantém característica da arquitetura germânica, o enxaimel, localizada em Hamburgo Velho.

Outra parceria analisada neste trabalho se estende além do bairro para adentrar as salas de aula da universidade. Alunos de Arquitetura, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, propõem projetos de conservação, preservação e valorização da paisagem de Hamburgo Velho juntamente com a Fundação Scheffel, esta que se torna local para debates e articulações sobre questões preservacionistas. Como resultado desta parceria, o material pesquisado foi apresentado mais tarde à Comissão da Câmara de Vereadores de Novo Hamburgo, com o intuito de tombar o bairro Hamburgo Velho.

À medida em que o Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho se articula para preservar o bairro, festas são realizadas a cada vitória. Apesar das conquistas, boatos e intrigas rompem a harmonia. Apuraram-se, também, reações divergentes entre os moradores do bairro sobre sua preservação. Através das fontes

documentais (reportagens e notícias de jornais) e orais (entrevistas), muitos moradores ficaram contra esta preservação por medo de perderem seus bens. A Associação de Moradores é criada como forma de defesa. Constata-se que todos os envolvidos estavam, a seu modo, querendo proteger o bairro Hamburgo Velho.

Utilizou-se o discurso da memória como recurso de reconstrução atualizada do passado, apropriando-se da figura de João Pedro Schmitt como “Casa do fundador de NH” e da importância histórica do local, enquanto estabelecimento comercial (1830 a 1970), no crescimento do município. O Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho consegue tombar a Casa Schmitt Presser. A partir de 1992, já restaurada, a casa torna-se museu que conta a memória local (a história da colonização alemã na região), atrelada às construções identitárias da comunidade.

Como considerações finais, comparou-se a preservação do bairro Hamburgo Velho com o desenvolvimento de uma planta. Ao longo das décadas de 1970 e 1980, muitas ações foram feitas em prol da preservação de Novo Hamburgo e Hamburgo Velho. Para este trabalho, seleções foram feitas e optou-se por abordar algumas ações consideradas aqui como “sementes” preservacionistas que foram, aos poucos, sendo “germinadas”. Muitas informações não foram aprofundadas ou não mencionadas, pois estas serão abordadas no decorrer dos próximos anos na elaboração de tese de doutorado, abordando a preservação deste bairro, de 1970 aos dias atuais.

Conclui-se, pois, com este trabalho que as “sementes” preservacionistas “germinaram”, conseguiram desenvolver suas “raízes” e “geraram frutos”. Esses “frutos”, 40 anos depois, foram colhidos. Faz-se referência à publicação do tombamento do bairro Hamburgo Velho como Patrimônio Histórico Nacional, em 08 de maio de 2015, contando com cerca de 70 imóveis, por meio do processo n.º 1.582-T-09, com indicação de inscrição nos Livros do Tombo Histórico e do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico: As poligonais de tombamento e de entorno do Centro Histórico de Hamburgo Velho encontram representadas nas fls. 49/52, do processo n.º 1.582-T-09. Porém não basta haver leis. A comunidade e o poder público devem ser motivadores constantes da preservação da memória, identidade e do patrimônio material e imaterial, para dar continuidade à existência da cidade e do bairro Hamburgo Velho.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Fontes Oraís. História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Oraís**. São Paulo: Contexto, 2005, p.155-202.
- BARROS, José D'Assunção. **A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos**. Cadernos de História, Belo Horizonte, v.12, n. 16, 1º sem. 2011, p. 38 a 63.
- CANDAU, Joel. **Antropologia da Memória**. Lisboa: Ed. Piaget, 2013.
- CATROGA, Fernando. **Memória e História**. In PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras do Milênio. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2ª ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- CHUVA, Márcia Chuva; NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. **Patrimônio Cultural: Políticas e Perceptivas de Preservação do Brasil**. FAPERJ, 2012
- ESPIG, Márcia Janete. **O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado**. Estudos Ibero-Americanos. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 24, n. 2, 1998.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELIGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- GEVEHER, Daniel Luciano; DILLY, Gabriela. **Patrimônio cultural e tombamento no Rio Grande do Sul: uma contribuição para os estudos urbanos**. Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management), 2017 maio/ago., 9 (2), 262-275.
- GOMES, Ângela Maria de Castro. História e historiadores: identidade e diálogos disciplinares. In: **A República, a História e o IHGB**. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009.
- GONÇALVES, Janice. **Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural**. Revista Historiae, Rio Grande, RS, v. 3, Ed. especial. p. 27-45, 2012.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.
- HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, Memória e Resíduo. **Uma reflexão sobre Arquivos Pessoais e o caso Filinto Muller**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, 1997.
- IPHAN. **Coletânea de leis sobre preservação do patrimônio cultural**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006.
- _____. **Processo nº 1113-T-84**. Casa Presser na Av. Daltro Filho, 929. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro, 1985.

KARL, Lanzer. Professor, comerciante e cantor. **Jornal Hamburgerberg**. Novo Hamburgo, Hamburgo Velho, Ano V, n. 5, 04 maio 1988.

KUHN, Diva Walzer. **O Incidente**. São Leopoldo: Editora Oikos. 2016.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos**. 10º Encontro Nacional de História da Mídia. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LOWENTHAL, D. Como conhecemos o passado. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC/SP, 1998.

MEIRA, A.L.G. **O patrimônio histórico e artístico nacional no Rio Grande do Sul no século XX: atribuição de valores e critérios de intervenção**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MOSER, Vinícius e MARTINS, Rodrigo Perla. **Indústria, cidades e sociabilidades no Vale do Rio dos Sinos: 1970-1980**. XI Seminário de Estudos Históricos. A democracia ainda é a questão: Reflexões sobre a Ditadura civil-militar e a Comissão Nacional da Verdade. FEEVALE, Novo Hamburgo, 2013.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Suzana Vielitz. **Os planos diretores e as ações de preservação do patrimônio edificado em Novo Hamburgo**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ONDERE, Jorge Júnior. **Entrevista concedida a Quésia Katúscia Gasparetto de Souza**. Novo Hamburgo. 19 de mar. 2018.

ONDERE, Jorge Filho. **Entrevista concedida a Quésia Katúscia Gasparetto de Souza**. Novo Hamburgo. 19 de mar. 2018.

PETRY, Leopoldo. **O Município de Novo Hamburgo: monografia**. São Leopoldo: Editora Rotermund, 1959.

POLLACK, Michell. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro: v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PROCESSO n. 1.582-T-09. **Livro do Tombo Histórico e do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico**: As poligonais de tombamento e de entorno do Centro Histórico de Hamburgo Velho encontram representadas às fls. 49/52, do processo n. 1.582-T-09 (processo administrativo nº 01512.000623/ 2009 -11).

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz; SILVEIRA, Éder da Silva. **Dossiê Patrimônio Cultural e Educação**. Ágora. Santa Cruz do Sul, v.17, n.2, dez. 2015.

REINHEIMER, Dalva; SMANIOTTO Elaine. **Narrativas orais sobre o passado presente na casa da família Linden.** In: REINHEIMER, Dalva. NEUMANN, Rosane Marcia. (Org.). Patrimônio histórico nas Comunidades Teuto-Brasileiras: História, Memória e preservação. São Leopoldo: Oikos, 2014, p. 243-254.

REINHEIMER, Jorge Angelo. **Entrevista concedida a Quésia Katúscia Gasparetto de Souza.** Novo Hamburgo. 21 de set. 2016.

REINHEIMER, Jorge Angelo. **Entrevista concedida a Quésia Katúscia Gasparetto de Souza.** Novo Hamburgo. 17 de ago. 2017.

REVEL, Jacques. **Cultura, culturas: uma perspectiva historiográfica.** In **proposições: ensaios de história e historiografia.** Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2009, p.97 a 137.

RODRIGUES, M. S. **A contribuição do patrimônio cultural na qualidade visual da paisagem urbana.** Dissertação (Mestrado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SANT'ANNA, Márcia Genésia. **Da cidade-monumento à Cidade – Documento- A trajetória da Norma de Preservação de Áreas Urbanas no Brasil (1937 - 1990).** Dissertação (Mestrado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1995.

SARAVIA, Enrique. **Introdução à teoria da política pública.** In: SARAVIA, E.& FERRAREZI, E. (org.). Políticas públicas. Coletânea. Brasília: Escola Nacional de Administração Pública, p. 21-42, 2006.

SCHEFFEL, Ernesto Frederico. **Scheffel por ele mesmo.** Novo Hamburgo, RS: Um Cultural, 2013, p. 263-280.

SCHÜTZ, Liene M. Martins. **Os bairros de Novo Hamburgo.** Novo Hamburgo, RS, 2001.

SCHÜTZ, Liene M. Martins. **Novo Hamburgo, Sua História Sua Gente.** Porto Alegre: Editora Palotti, 1976.

SCHUTZ, Liene Maria Martins. **Entrevista concedida a Quésia Katúscia Gasparetto de Souza.** Novo Hamburgo. 16 de jun. 2017.

SCHNEIDER, Cristina Seibert. **O patrimônio cultural e a construção de uma política pública local.** In: REINHEIMER, Dalva. NEUMANN, Rosane Marcia. (Org.). Patrimônio Histórico nas Comunidades Teuto-Brasileiras: História, Memória e preservação. São Leopoldo, RS: Oikos, 2014 (p. 45-56)

SPERB, Angela Tereza . **Entrevista concedida a Quésia Katúscia Gasparetto de Souza.** Novo Hamburgo. 03 de mai. 2018.

SILVEIRA, Éder da Silva. História Oral e Memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. **Métis – História e Cultura,** Caxias do Sul, v. 6, n.12, P. 35-44, jul.-dez. 2007.

TELLES, Leandro Silva. **Manual do Patrimônio Histórico.** Porto Alegre: Universidade de Caxias do Sul, 1977.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. 3 ed. Rio De janeiro: Ed. Paz e Terra, 2002.

THEODORO, Janice. **Memória e Esquecimento: Nos limites da narrativa**. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 135, out.-dez.1998.

TOMAÉL, M. I.; MARTELETO, R. M. **Redes sociais: posição dos atores no fluxo da informação**. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, n. esp, p. 75-91, 2006. Disponível em: Redes sociais de informação: uma história e um estudo de caso. Gonçalo Costa Ferreira Perspectivas em Ciência da Informação, v.16, n.3, p.208-231, jul./set. 2011.

WEIMER, Günther. **A Casa de João Pedro Schmitt**. In: SPERB, Ângela Tereza (Coord.) Hamburguerberg. Ano 1, n. 3, jul 1983. (p.65-68)

WEBER, Roswithia. **Festas, celebrações e lugares de memória**. In: REINHEIMAR, Dalva (Org.); NEUMANN, Rosane (Org.). Patrimônio histórico das comunidades teuto-brasileiras: história, memória e preservação. São Leopoldo: Oikos, 2014

WINTER, Gilberto. **Entrevista concedida a Quésia Katúscia Gasparetto de Souza**. Novo Hamburgo. 07 de fev. 2018.

ZAGO, Nadir. **A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática da pesquisa**. In: ZAGO, Nadir. et al. Perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ANEXO I – DECRETO Nº 157/74

Publicado no Jornal NH
Edição do dia 11 de setembro de 1974.
Assunto: "Decreto nº 157/74" Desapropriação de imóvel pela prefeitura de Novo Hamburgo para a criação de galeria de arte (futura Fundação Scheffel)



PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO
Estado do Rio Grande do Sul

DECRETO Nº 157/74

Declara de utilidade pública e desapropria parte de um imóvel situado à Avenida Gen. Daltro Filho, Município de Novo Hamburgo.

O PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, no uso de suas atribuições legais e nos termos dos artigos 2º e 5º letra k, 6º e seguintes do Decreto-Lei nº 3.365 de 21 de junho de 1941 e alterado pela Lei nº... 2.786, de 21 de maio de 1956.

Considerando que o prédio antigamente ocupado pelo Grupo Escolar "ANTÔNIO VIEIRA" pode ser considerado um verdadeiro patrimônio histórico de nosso Município;

Considerando que estamos em plena data magna das comemorações do Sesquicentenário da Imigração e Colonização Alemã;

Considerando que o grande artista FREDERICO ERNESTO SCHEFFEL pretende organizar uma galeria de arte em Novo Hamburgo;

Considerando que o aludido prédio, uma vez restaurado, enquadrar-se-a perfeitamente para atender a necessidade do Município em constituir a sua "Galeria de Arte".

DECRETA:

Art. 1º — É declarado de utilidade pública o imóvel mencionado no artigo 2º deste Decreto, ficando outrossim, desapropriado para o fim enunciado no referido artigo.

Art. 2º — O imóvel declarado de utilidade pública e desapropriado por este Decreto é de propriedade do sr. JOÃO FREDERICO WILLY SCHMIDT e OUTROS, e se destina à instalação da Galeria de Arte, com... 2.869,74 m², com as seguintes metragens e confrontações: um prédio de alvenaria, e respectivo terreno, que mede 28,15 metros de frente, ao norte para a Avenida Gen. Daltro Filho, ao Oeste em linha irregular que partindo da Avenida Gen. Daltro Filho em direção Sul numa linha reta de 20,85, formando um ângulo e seguindo daí, mais 54,20 metros em direção Sul, até encontrar a divisa Sul, dividindo-se com propriedade de sucessores de HENRIQUE PEDRO KRAEMER e CONRADO STREB; ao Sul onde mede 43,90 metros, confronta com a propriedade dos desapropriados; ao Leste em linha irregular que partindo da Avenida Gen. Daltro Filho em direção Sul numa linha reta de 32,85 metros, formando um ângulo e seguindo daí, mais... 57,80 metros em direção Sul, até encontrar a divisa Sul, dividindo-se com propriedade dos desapropriados.

Art. 3º — Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, aos vinte e cinco (25) dias do mês de julho do ano de mil novecentos e setenta e quatro (1974).

MIGUEL HENRIQUE SCHMITZ
Prefeito Municipal

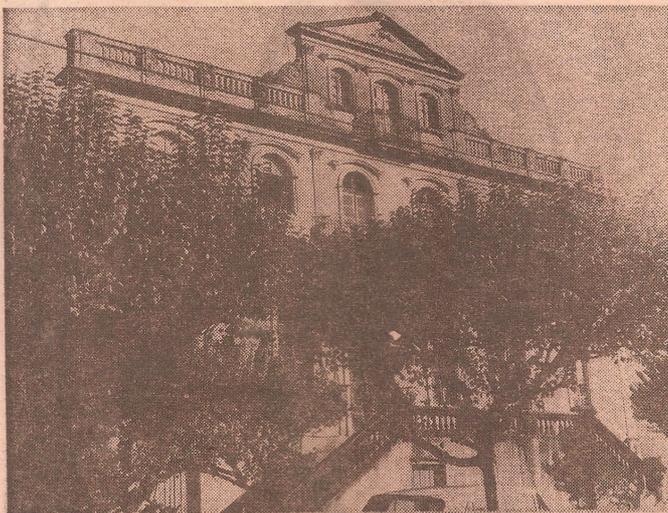
Registre-se e Publique-se
RUY GRINCH STUCKY
Resp.p/Secretaria Municipal de Administração.

"NH" 11.9.74

ANEXO II – REPORTAGEM: NH INICIA A PRESERVAÇÃO DE SEUS PRÉDIOS ANTIGOS

Publicado no Jornal Folha da Tarde
Edição do dia 14 de outubro de 1976
Assunto: “NH inicia a preservação de seus prédios antigos”

NH inicia a preservação de seus prédios antigos



Na Escola Antônio Vieira será instalado o Museu de Arte, em abril de 77

A tentativa de preservação dos últimos vestígios da imigração europeia no Vale do Sinos, como restauração de prédios da fase colonial e criação de centros de pesquisa, acaba de receber uma valiosa contribuição, com o oferecimento da Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil para custear a restauração da 1.ª loja colonial construída em Hamburgo Velho, a casa de negócio da família Pressler. Segundo alguns historiadores, foi um dos primeiros prédios a serem construídos onde logo depois se instalou a vilazinha.

Diretores da APLUB visitaram Novo Hamburgo na semana passada, em companhia do pintor gaúcho Frederico Scheffel, percorrendo as dependências do antigo prédio da Escola Antônio Vieira, que está sendo restaurado pela Prefeitura Municipal, e onde será instalado, até 5 de abril do próximo ano, o Museu de Arte de Novo Hamburgo.

PRIMEIRO PASSO

O velho prédio da família Pressler, hoje de propriedade do industrial Pedro Paulo Moraes, que se prontificou a doá-lo ao município, fica ao lado da Antônio Vieira, e segundo Scheffel, que

palestrou com a reportagem da FT, pode ser o começo da conservação e restauração de outros prédios antigos de Hamburgo Velho, com o objetivo de conservar naquela parte da cidade a fisionomia colonial que ainda hoje tão bem a caracteriza.

A loja Pressler, chamada antigamente de “Ponto de Viajantes”, poderá, restaurada, reproduzir o ambiente que Pedro Weingartner tão bem retratou em seus quadros, dois dos quais — “Fios Emaranhados” e “Viajante de Botões” — mostram um típico quadro da vida logo no início da imigração. Scheffel, que está produzindo para a APLUB uma série de desenhos de engraxate, para uma campanha nacional, crê que além de se restaurar uma antiga casa de comércio colonial, o prédio Pressler poderia sediar um centro de pesquisa que teria o nome do historiador Leopoldo Petry, e também reuniria no mesmo local os documentos da imigração que Petry reuniu em mais de cinqüenta anos de atividades como historiador. A restauração da casa Pressler, conforme levantamento prévio feito por arquiteto trazido pela APLUB, poderá andar em torno de 1,2 milhão de cruzeiros.

"Folha da Tarde" P.A. 14-outubro-1976.

ANEXO III- LEI MUNICIPAL Nº44/77



PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO
Estado do Rio Grande do Sul

LEI MUNICIPAL Nº 44/77

Cria o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural.

O PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO:

Faço saber que o Poder Legislativo decretou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art.1º- É o Poder Executivo autorizado a criar o CONSELHO MUNICIPAL DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO E CULTURAL DE NOVO HAMBURGO.

§ ÚNICO- O Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural será um órgão de assessoramento e colaboração com a Administração Municipal em todos os assuntos relacionados com o Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural, cabendo-lhe opinar sobre a inclusão de bens no patrimônio, fazer sugestões, dar parecer em pedidos para demolições e qualquer outro aspecto sobre bens imóveis e móveis que tenham significação histórica, artística e cultural para o Município.

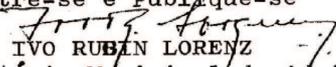
Art.2º- O Executivo Municipal, dentro de noventa (90) dias contados desta Lei, expedirá Decreto disciplinando as atribuições, organizando a composição e funcionamento do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural, o qual se instalará dentro de quinze (15) dias a contar da vigência do respectivo Decreto.

Art.3º- Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, aos dezesseis (16) dias do mês de agosto do ano de mil novecentos e setenta e sete (1977).


EUGENIO NELSON RITZEL
Prefeito Municipal

Registre-se e Publique-se


IVO RUBÉN LORENZ
Secretário Municipal de Administração

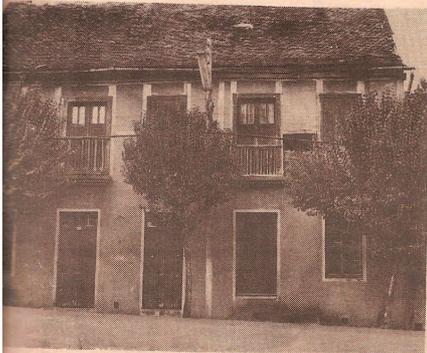
1977 - ANO DO CINQUENTENÁRIO
DO MUNICÍPIO DE NOVO HAMBURGO

ANEXO IV - REPORTAGEM: SCHEFFEL TEM PRONTO PROJETO PARA RESTAURAR DOIS PRÉDIOS

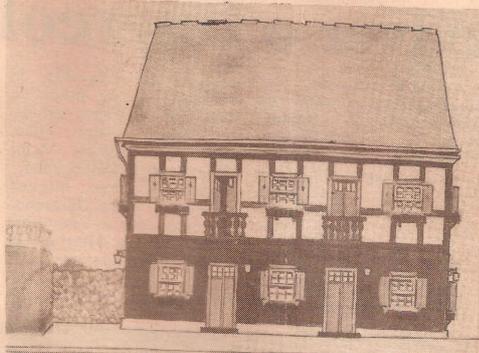
Publicado no Jornal NH
Edição do dia 30 de Março de 1978
Assunto: "Scheffel tem pronto projeto para restaurar dois prédios".

ARTES/CULTURA "NH" 30.3.78
Veja como estão os prédios e como eles ficarão, após a restauração.

Scheffel tem pronto projeto para restaurar dois prédios



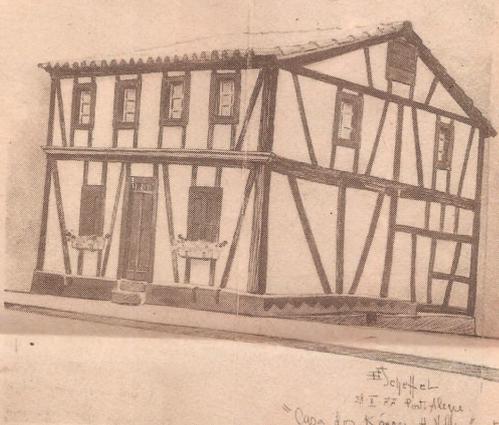
Esta é a "Casa dos Presser"...



... que poderá ficar assim, com a restauração



Na "Casa dos Kayser", o reboco esconde...



... as vigas de madeira, que poderão voltar com a restauração

Ernesto Frederico Scheffel realizou dois projetos de restauração. Um da "Casa dos Presser" e outro da "Casa dos Kayser" em Hamburgo Velho. Scheffel afirma que com poucos gastos, lentamente, Hamburgo Velho poderá se tornar um centro turístico da região e isso trará muitas vantagens a Novo Hamburgo.

Os prédios que tem mais necessidade de serem salvos são a "Casa dos Presser" o prédio em frente à Prefeitura (onde funcionou a primeira escola de NH) que estão prestes a desabar. A "Casa dos Kayser" (na rua Maurício Cardoso) está em boas condições e bem cuidada, faltando poucos detalhes para se igualar ao projeto do pintor.

As vigas de madeira que se destacam nestes prédios são do estilo alemão e muitas casas, como a dos Kayser, foram rebocadas na época da guerra, quando os imigrantes eram perseguidos. Para maior autenticidade, o reboco deverá ser retirado, quando então ressurgirão as vigas originais.

ANEXO V - REPORTAGEM: HAMBURGO VELHO, PATRIMÔNIO NACIONAL

Publicado no Jornal NH
 Edição do dia 16 de julho de 2015
 Assunto: "Hamburgo Velho, patrimônio nacional"- Pág. 12

NH 16.07.15 pg 12

Hamburgo Velho, patrimônio nacional

LIENE SCHUTZ



Novo Hamburgo tem o que festejar. Após 40 anos de luta, saímos vencedores. O objetivo era proteger e preservar o patrimônio histórico cultural, patrimonial e imaterial de nossa cidade, lembrando a luta daqueles que nos antecederam. Sabemos que o que somos hoje muito devemos àqueles que nos antecederam.

Vou focalizar agora os alemães que aqui chegaram em novembro de 1824. Pelo seu esforço, trabalho, persistência, coragem, gradual e progressivamente transformaram a área geográfica ocupada, deixaram sua marca ao lado de tantos outros lutadores que também tentaram preservar a marca inicial.

Tenho nos meus arquivos toda luta histórica da preservação onde uma das figuras iniciais e principal é Frederico Scheffel. Não esquecerei jamais, quando em seu convite em participar da luta, foi em minha residência para organizar a primeira comissão para a preservação do patrimônio histórico de Novo Hamburgo.

O primeiro grupo formado em 1977 foi constituído por Scheffel, Sueli Copetti, Gastão Spohr, Mauri Poisl, Norberto Michel, Liene Schutz e Pedro Paulo Moraes. Em sua primeira reunião foi determinado que a seccional do movimento de defesa do acervo cultural gaúcho em Novo Hamburgo teria, além do estatuto, um regimento interno e uma diretoria. Quem ficou determinado por esta ação inicial foi Aloisio Daudt, Dejair Krumenan e Tejo Ferreira. A secretária de Educação na época, Sueli Copetti, sugeriu que os arquitetos devessem orientar as pessoas de como poder valorizar os prédios antigos, ditos históricos aos proprietários. "Eles ficarão orgulhosos em residir num prédio que ficará para história." A primeira legislação elaborada recebeu o veto pelo poder público municipal, por estar receoso para a lei preservacionista pelas responsabilidades que caberia ao Município com aprovação da lei. O tombamento das casas ficavam no entorno da casa Schmidt-Presser, bem como áreas verdes, etc. Mas os lutadores não perderam a esperança, o que deverá servir de exemplo para as gerações futuras de não deixarem perder seus sonhos, persistir, não desanimar, o que fez Scheffel que trouxe todo seu acervo pictográfico da Itália para Novo Hamburgo, transformando Hamburgo Velho com a Fundação Scheffel num Patrimônio Histórico Nacional. Oportuniza um rico roteiro turístico para visitação na cidade. É um marco histórico de um grupo de imigrantes que chegaram a Novo Hamburgo, os alemães e conhecer a casa que abriga mais de 400 obras que marcaram as etapas de vida artística de Scheffel.

Os proprietários dos imóveis ditos históricos, podem ter certeza que terão ainda mais vantagens e valorização. É só esperar. Fiquei emocionada quando li em nosso Jornal NH que o grande sonho foi realizado: Hamburgo Velho torna-se Patrimônio Histórico Nacional. Parabéns aos lutadores por essa causa. Quarenta anos de luta, mas a vitória chegou. É um presente para os 190 anos de imigração no Alemã no Estado, 25 de julho é o Marco Histórico.

Liene Schutz é professora